



Universidade do Minho
Instituto de Educação e Psicologia

Filipa Elvira Mucha Vieira

**Avaliação da Representação das
Relações Íntimas, Comportamento
Diádico e Percepção da Vinculação:
estudo exploratório**

Abril de 2008



Universidade do Minho
Instituto de Educação e Psicologia

Filipa Elvira Mucha Vieira

**Avaliação da Representação das
Relações Íntimas, Comportamento
Diádico e Percepção da Vinculação:
estudo exploratório**

Dissertação de Mestrado em Psicologia
Área de Especialização em Psicologia Clínica

Trabalho efectuado sob a orientação da
Professora Doutora Isabel Soares

Abril de 2008

Agradecimentos

À Professora Doutora Isabel Soares um agradecimento muito especial por me ter concedido a oportunidade de conhecer mais de perto a teoria da vinculação. Agradeço a disponibilidade, a sabedoria e os ensinamentos constantes em todo o processo de orientação científica desta dissertação. Foi um privilégio ter sido sua orientanda.

À Dr.^a Vânia Lima, pela amizade construída ao longo deste projecto. Todos os momentos de trabalho conjunto, o apoio e o sentido de humor sempre presentes foram essenciais na concretização deste trabalho. Pelo crescimento pessoal e profissional conquistado e partilhado o meu mais sincero agradecimento.

A todos os colegas do Grupo de Estudos da Vinculação, em especial ao Professor Doutor Pedro Dias e à Dr.^a Marisa Fonseca pelo papel que tiveram na minha integração no grupo e pelo trabalho desempenhado na dinamização do mesmo. Agradeço a disponibilidade e o encorajamento constante.

Aos colegas que colaboraram na recolha da amostra e na cotação dos instrumentos: Susana Tereno, Vera Ramalho, Joana Silva, Diogo Lamela, António Castro, Filipa Vasconcelos, Teresa Sofia Marques, John Klein, Anabela Lourenço. Obrigada pela vossa preciosa colaboração, sempre tão eficaz e atempada.

À Rita Soares, Ana Teresa Maia, Bruno Lima e Sofia Chaves o meu agradecimento pela paciência e profissionalismo no processo tão pesado e moroso de transcrição de entrevistas.

À Professora Doutora Carla Martins e ao Dr. Patrício Costa agradeço a disponibilidade e o apoio na análise estatística dos dados.

À Professora Doutora Marina Prista Guerra, Professora Doutora Sandra Torres e à Professora Doutora Cristina Queirós um agradecimento muito especial pela disponibilidade, aconselhamentos e ensinamentos ao longo do meu percurso

académico e profissional. Agradeço a amizade e o incentivo, sempre tão reforçador, ao longo da concretização desta dissertação.

À Professora Doutora Gabriela Moita por ter sido tão importante na recta final deste trabalho. É com muita admiração que lhe agradeço o estímulo sempre tão eficazmente provocador de crescimento pessoal.

Ao Dr. José Luís, à Mariana, à Graça, ao João, ao Ricardo, à Joana, à Sara, à Diana, ao Vasco, à Mizé, à Susan, à Matilde. Obrigada pelo vosso incentivo, apoio e feedback sempre tão construtivo.

A todos os meus amigos que me apoiaram ao longo de todo este processo, aceitando as minhas constantes ausências. À Cristina, pela sua incansável amizade a qualquer hora e em qualquer momento. Ao Tiago pela ajuda preciosa no inglês. À Susana, à Samico, à Magda, à Sandra pelas constantes manifestações de interesse e encorajamento.

Aos casais um agradecimento muito especial por terem aceite participar neste projecto e por nos terem permitido “entrar” um pouco na vossa intimidade e partilharem connosco um pouco das vossas histórias. Mais do que dados estatísticos possibilitaram-nos experiências de vida muito enriquecedoras.

À minha família, em especial aos meus pais, pelo apoio incondicional, compreensão nos momentos de maior indisponibilidade minha, e por estarem sempre presentes.

Ao Ricardo, que em todos os momentos o sinto ao meu lado, agradeço com um carinho muito especial a presença, a partilha, a compreensão e o incentivo fundamentais no desenvolvimento deste projecto.

Resumo

A presente dissertação, ainda que de carácter exploratório, pretende contribuir para o desenvolvimento de uma leitura mais compreensiva e multifacetada sobre a complexidade das relações íntimas à luz da teoria da vinculação. Assente nos contributos teóricos e empíricos de John Bowlby e Mary Ainsworth, considera-se o estabelecimento de vínculos emocionais, capazes de proporcionar ao indivíduo segurança e protecção, uma necessidade básica do ser humano. Neste sentido, o nosso trabalho incidiu na conceptualização das relações íntimas na idade adulta enquanto relações de vinculação.

O estudo apresentado foi realizado junto de 20 casais e tem como objectivo geral a integração de diferentes métodos no estudo da vinculação no contexto das relações íntimas. Pretende-se examinar dimensões específicas da vinculação no domínio representacional, através de uma entrevista que pretende avaliar a representação da relação íntima por parte de cada um dos elementos do casal, no domínio comportamental, através de um procedimento de observação da interacção diádica, e no domínio das percepções dos sujeitos sobre a vinculação, através de uma medida de auto-relato. Os resultados encontrados apontam no sentido da pertinência da avaliação da vinculação na idade adulta, no contexto das relações íntimas, pelo recurso à combinação de múltiplos métodos, assumidos como complementares. Salientamos, a nível representacional e da percepção, a congruência entre dados empíricos encontrados e aspectos centrais da teoria da vinculação. Em termos comportamentais realçamos a forma como os sistemas de procura e prestação de cuidados, constructos basilares na teoria da vinculação, revelam ser essenciais na compreensão do comportamento diádico, apontando designadamente para a diferenciação de comportamentos dentro do casal. Os resultados são discutidos tendo em conta as suas implicações para a investigação e prática clínica, atendendo à importância do desenvolvimento desta “abordagem multi” para o estudo e compreensão das relações íntimas.

Abstract

This dissertation, although an exploratory approach, intends to contribute to the development of a more comprehensive and multifaceted perspective on the complexity of intimate relationships regarding the attachment theory. Based on theoretical and empirical contributions of John Bowlby and Mary Ainsworth, it is considered the establishment of emotional ties, which are able to provide security and protection to the individual, a basic need of human beings. In this sense, we focused our work on the conceptualization of intimate relationships in adulthood while attachment relationships.

The present study reports data from 20 couples and has the integration of different methods in the study of attachment in a context of intimate relationships as its main aim. The proposal is to examine specific dimensions of representational domain, through an interview that intends to assess the representation of the close relationship for each of the elements in the couple, on behaviour domain, through an observation procedure of the dyadic interaction, and perceptions domain, through a self-report measure. The results show the relevance of the assessment of the attachment in adulthood, in the context of intimate relationships, through the use of the combination of multiple methods, as complementary commitments. The data suggest the congruence between empirical and theoretical data at a representational and perception level. Regarding the behavioural domain, the careseeking and caregiving systems, basic constructs of attachment theory, seem to be essential for understanding the dyadic behaviour, pointing to the differentiation of behaviour within the couple. The results are discussed based on its implications for research and clinical practice, given the importance of the development of this "multi approach" to the study and understanding of intimate relationships.

Índice

Agradecimentos	ii
Resumo	iv
Abstract	v
Índice	vi
Índice de Figuras	vii
Índice de Quadros	vii
Lista de Anexos	viii
Introdução	1
PARTE A – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
Capítulo 1 – Teoria da Vinculação	5
1.1. Suas origens – contributos de John Bowlby e Mary Ainsworth	5
1.2. Comportamentos de vinculação	7
1.3. Modelos Internos Dinâmicos	12
Capítulo 2 – Vinculação e Relações Intimas na idade adulta	16
2.1. Introdução	16
2.2. Vinculação na idade adulta	18
2.2.1. Dimensão representacional da vinculação	19
2.2.2. Relação de vinculação com pares	22
2.3. Vinculação no contexto das relações íntimas: aspectos conceptuais	24
2.4. Vinculação contexto das relações íntimas: métodos de avaliação	30
2.4.1. Medidas representacionais	31
2.4.2. Medidas comportamentais	33
2.4.3. Medidas de auto-relato	35
PARTE B – ESTUDO EMPÍRICO	38
Capítulo 3 – Objectivos e metodologia	39
3.1. Objectivos	39
3.2. Método	40
3.2.1. Desenho do estudo	40
3.2.2. Amostra	40
3.2.2.1. Selecção da amostra	40
3.2.2.2. Caracterização da amostra	42

3.2.3. Medidas.....	44
3.2.3.1. Ficha de dados sócio-demográficos	44
3.2.3.2. Representação das relações íntimas: <i>Intimate Relationship Interview - IRI</i> ..	44
3.2.3.3. Comportamento diádico: <i>Couples Interaction Task - CIT</i>	49
3.2.3.4. Percepção da vinculação: <i>Escala de Vinculação do Adulto - EVA</i>	52
3.2.4. Procedimentos.....	54
3.2.4.1. Recolha dos dados	54
3.2.4.2. Formação na administração e cotação dos instrumentos.....	55
3.2.4.3. Análise computacional dos dados	55
Capítulo 4 – Resultados	57
4.1. Representação das relações íntimas.....	57
4.2. Comportamento diádico nas relações íntimas	61
4.3. Percepção da vinculação.....	67
4.4. Relações entre representação das relações íntimas, comportamento diádico e percepção da vinculação.....	69
4.4.1. Relações entre representação e comportamento nas relações íntimas.....	69
4.4.2. Relações entre percepção da vinculação, representação e comportamento nas relações íntimas	72
Capítulo 5 – Discussão dos Resultados e Conclusões	75
Referências Bibliográficas	87
Anexos	96

Listagem de Figuras

Figura 1 – Estrutura hierárquica dos Modelos Internos Dinâmicos

Figura 2 – Desenvolvimento dos três sistemas comportamentais no contexto de uma relação de vinculação na idade adulta

Listagem de Quadros

Quadro 1: Caracterização sócio-demográfica da amostra

Quadro 2: Caracterização da Relação dos casais

Quadro 3: Correlações ítem-total na IRI

Quadro 4: Valores de α de Cronbach e correlações ítem-total para as dimensões avaliadas pela CIT

Quadro 5: Valores do α de Cronbach para as dimensões avaliadas pela EVA

Quadro 6: Medidas descritivas dos resultados da IRI para os elementos masculinos do casal

Quadro 7: Medidas descritivas dos resultados da IRI para os elementos femininos do casal

Quadro 8: Teste de *Wilcoxon* para amostras emparelhadas relativamente às escalas da IRI

Quadro 9: Correlações entre escalas da IRI nos elementos masculinos do casal
Quadro 10: Correlações entre escalas da IRI nos elementos femininos do casal
Quadro 11: Medidas descritivas dos resultados das escalas diádicas da CIT
Quadro 12: Medidas descritivas dos resultados das escalas individuais da CIT
Quadro 13: Teste de *Wilcoxon* para amostras emparelhadas relativamente às escalas individuais da CIT
Quadro 14: Correlações entre escalas diádicas da CIT
Quadro 15: Correlações entre escalas individuais da CIT
Quadro 16: Teste de *Wilcoxon* para amostras emparelhadas relativamente às escalas individuais da CIT para os dois elementos do casal separadamente
Quadro 17: Correlações entre escalas individuais e escalas diádicas da CIT
Quadro 18: Medidas descritivas dos resultados da EVA
Quadro 19: Teste de *Wilcoxon* para amostras emparelhadas relativamente às dimensões da EVA
Quadro 20: Correlações entre dimensões EVA
Quadro 21: Correlações entre escalas da Representação e do Comportamento – elementos masculinos do casal
Quadro 22: Correlações entre escalas da Representação e do Comportamento – elementos femininos do casal
Quadro 23: Correlações entre Percepção e Representação – elementos masculinos do casal
Quadro 24: Correlações entre Percepção e Representação – elementos femininos do casal
Quadro 25: Correlações entre Percepção e Comportamento – elementos masculinos do casal
Quadro 26: Correlações entre Percepção e Comportamento – elementos femininos do casal

Listagem de Anexos

Anexo 1 – Ficha de Dados Sócio-Demográficos
Anexo 2 – Descrição das escalas da *IRI*
Anexo 3 – Descrição das escalas da *CIT*
Anexo 4 – Escala de Vinculação do Adulto
Anexo 5 – Inventário de Sintomas Psicopatológicos
Anexo 6 – Consentimento Informado

Introdução

A teoria da vinculação constitui-se como um paradigma conceptual amplo, caracterizado pela incorporação de contribuições diversas, como as provindas da psicanálise ou da etologia (Bowlby, 1958). John Bowlby, protagonista da edificação deste corpus teórico, escreve desde a primeira metade do século XX sobre os efeitos da privação de cuidados maternos na disrupção da vinculação, reflexo não somente do seu interesse em torno de temáticas de cariz clínico, como do seu posicionamento alternativo face aos enunciados psicanalíticos vigentes na época. Mais tarde, a trilogia de Bowlby (1969, 1973, 1980) permite a edificação da Teoria da Vinculação enquanto quadro teórico autónomo, ao evidenciar os processos de constituição das relações de vinculação na infância, os efeitos da separação e da perda.

A transposição dos postulados de Bowlby para o terreno empírico realiza-se pelo trabalho desenvolvido por Ainsworth e assente na observação comportamental de díades de bebé-mãe em contexto naturalista e, posteriormente, laboratorial, enfatizando a dimensão transcultural e longitudinal nos seus estudos de Uganda (1967) e Baltimore (1977), congregando o que Soares (2002) definiria como “abordagem-multi”: multi-momentos, multi-contextos e multi-observadores. Interessada em examinar as diferenças individuais na organização comportamental da vinculação, Ainsworth elabora o procedimento laboratorial e estandardizado *Situação Estranha*, em que enfatiza, à luz do proposto por Bowlby, a dimensão relacional subjacente à vinculação.

Derivado das premissas bowlbinianas de que as relações precoces de vinculação teriam impacto no desenvolvimento subsequente do indivíduo, nos anos 80 assiste-se a uma nova fase do desenvolvimento conceptual e empírico da vinculação. O enfoque é assim atribuído à idade adulta, por intermédio do constructo de Modelos Internos Dinâmicos, enfatizando-se desta feita a organização representacional (Main, Kaplan & Cassidy, 1985) das experiências de vinculação, cuja avaliação se centra na organização discursiva do indivíduo. Esta mudança para o nível representacional, é consubstanciada pela elaboração da *Adult Attachment Interview – AAI* (George, Kaplan & Main, 1985), uma entrevista clínica

autobiográfica semi-estruturada que permite a elicitación de organizações de vinculação paralelos aos padrões comportamentais avaliados em bebês. A relevância da AAI enquanto metodologia e conceptualização da vinculação na idade adulta evidencia-se pelo desenvolvimento subsequente da literatura sobre psicopatologia e psicoterapia, bem como sobre o desenvolvimento normativo do adulto, especificamente no que respeita ao estabelecimento, manutenção e ruptura de relações íntimas de cariz amoroso.

A conceptualização das relações íntimas de cariz amoroso enquanto relações de vinculação pode ser atribuída ao trabalho pioneiro de Hazan e Shaver (1987), operacionalizado pelo desenvolvimento de medidas de avaliação tipológica, com raízes na psicologia social. Por outro lado, a ênfase na dimensão representacional é mantida por uma linha de investigadores que desenvolvem um conjunto de entrevistas dirigidas ora à avaliação da organização da vinculação no contexto das relações íntimas, ora à avaliação da representação da intimidade no contexto das relações de vinculação na idade adulta. Em qualquer dos casos, mantêm-se os legados conceptuais e empíricos de Bowlby e Main, sublinhando-se os aspectos cruciais da vinculação e sua contribuição no desenvolvimento da intimidade. Paulatinamente, o interesse dos investigadores (re)centra-se na dimensão comportamental, atentando à interacção estabelecida pelo casal, naquele que pode ser designado como um “regresso às origens” da vinculação no terreno empírico desbravado por Ainsworth. Neste sentido, e a título ilustrativo, refiram-se os trabalhos longitudinais de Minnesota coordenados por Collins ou os desenvolvidos em Stony Brook por Crowell (e.g. Collins, Hennighausen, Madsen & Roisman, 1998; Crowell & Treboux, 2001).

A abrangência e complexidade auferida pela teoria de Bowlby, de que a panóplia de medidas é reflexo, exige que a investigação em torno da temática da vinculação e da intimidade na idade adulta contemple o recurso à “abordagem multi”, num processo de refinamento conceptual e metodológico contínuo.

Em relação à estruturação dos conteúdos, a presente dissertação encontra-se organizada em dois momentos. O primeiro momento é destinado ao enquadramento teórico e empírico do estudo, contemplando dois capítulos. No primeiro capítulo é apresentada uma perspectiva histórica da Teoria da Vinculação e seus conceitos basilares. O segundo

capítulo é dedicado à vinculação na idade adulta e suas contribuições na compreensão da intimidade, abordando-se de seguida as principais metodologias de avaliação no contexto das relações íntimas.

O segundo momento contempla a descrição do estudo empírico, organizando-se em três capítulos. No terceiro capítulo são apresentados os objectivos e o método, fazendo-se a caracterização da amostra e a descrição das medidas e procedimentos utilizados. No quarto capítulo são expostos os resultados ao nível da representação, comportamento e percepção, realizando-se posteriormente uma integração destes resultados. Por último, o quinto capítulo corresponde à discussão dos resultados à luz da literatura, sendo apresentadas as principais conclusões que compreendem as limitações do estudo e sugestões para investigações futuras.

Parte A

Enquadramento Teórico

CAPÍTULO 1

TEORIA DA VINCULAÇÃO

1.1 Suas origens – contributos de John Bowlby e Mary Ainsworth

O estudo da vinculação encontra-se associado aos trabalhos pioneiros desenvolvidos por John Bowlby e Mary Ainsworth. No percurso pessoal e profissional de Bowlby encontramos um particular interesse pelo estudo da qualidade das interações afectivas na família e pela importância das experiências precoces de separação, privação e perda no desenvolvimento psicossocial da criança. Este interesse, reforçado pela sua experiência enquanto voluntário num internato de crianças e jovens problemáticos, leva-o a especializar-se em psiquiatria infantil. Com base nos casos clínicos observados no London Child Guidance Center e mais tarde, após a Segunda Guerra Mundial, na Tavistock Clinic, Bowlby defende a importância dos factores ambientais no desenvolvimento nos primeiros anos de vida (Soares, 2007). Demarcando-se da grelha teórica psicanalítica na qual teve formação, que valorizava essencialmente o papel das fantasias e dos conflitos internos na origem dos problemas emocionais (Bretherton, 1991; 1992), Bowlby teve como principal objectivo analisar o processo de construção de laços afectivos entre criança e mãe e o impacto no desenvolvimento da personalidade da criança quando estes laços são quebrados (Feeney & Noller, 1996).

Ao longo dos seus trabalhos Bowlby rejeita as explicações psicanalíticas, que defendiam o papel primordial da satisfação das necessidades alimentares no bem-estar psicológico das crianças, salientando vários estudos (Burlingham & Freud, 1942, 1944; Heinicke, 1956; Provence & Lipton, 1962; Robertson, 1953, 1962; Schaffer, 1958; Spitz, 1946 cit in Soares, 2007) cujos resultados evidenciam crianças em situação de privação

materna que, apesar de satisfeitas as suas necessidades alimentares, apresentam sinais de perturbação psicológica (e.g. letargia emocional ou isolamento social) (Soares, 2007).

É também na Etologia que Bowlby encontra muitos dos fundamentos que irão influenciar a sua conceptualização da Teoria da Vinculação. Ao contactar com as investigações realizadas em contexto animal, nomeadamente com os trabalhos de K. Lorenz (1935) com patos e gansos recém-nascidos e com os estudos de H. Harlow com macacos *Rhesus*, torna-se ainda mais evidente para Bowlby a importância de variáveis como o conforto com a proximidade com a figura materna e os laços sociais estabelecidos, independentemente de uma gratificação oral, no desenvolvimento da relação afectiva bebé-mãe (Bowlby, 1958, 1988; Ainsworth & Bowlby, 1991; Soares, 2007).

As concepções teóricas de Bowlby encontram robustez empírica nos trabalhos de Ainsworth (1967; 1977), psicóloga canadiana que se dedicou ao estudo da qualidade das interacções bebé-mãe. Os seus trabalhos de observação da interacção bebé-mãe em contexto naturalista, no Uganda (Ainsworth, 1967) e mais tarde em Baltimore (Ainsworth, 1977), conduziram à elaboração do procedimento laboratorial conhecido como *Situação Estranha*, que constitui um marco importante no desenvolvimento da Teoria da Vinculação pois torna possível a análise das diferenças individuais na organização comportamental da vinculação. Através deste procedimento, constituído por um conjunto estandardizado de episódios de separação e reunião, Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978) identificam padrões ou categorias que reflectem diferentes reacções comportamentais da criança face à figura de vinculação: Seguro, Inseguro-Evitante, Inseguro-Ambivalente. Estas reacções comportamentais estão associadas aos comportamentos da figura de vinculação na vida diária, particularmente à sua acessibilidade e responsividade aos sinais e solicitações de protecção e conforto por parte da criança (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bertherton, 1992). O impacto dos trabalhos de Ainsworth vieram realçar a importância do conceito de segurança na interacção bebé-mãe, nomeadamente como referem Ainsworth e Bowlby (1991) “*the use of the mother as a secure base from which to explore the world and as a haven of safety*” (p. 6). Os dados da investigação empírica contribuíram para a conceptualização de conceitos como base segura (*secure base*) e refúgio seguro (*safe*

haven), essenciais na definição de vinculação e comportamento de vinculação, como iremos ver de seguida.

1.2 Comportamento de vinculação

O primeiro trabalho formal de Bowlby sobre a Teoria da Vinculação, influenciado pelos conceitos da Etologia e Psicologia do Desenvolvimento, foi apresentado à Sociedade Britânica de Psicanálise sob a forma de 3 artigos – “*The Nature of the Child’s Tie to his Mother*” (1958), “*Separation Anxiety*” (1960a) e “*Grief and Mourning in Infancy and Early Childhood*” (1960b) – que mais tarde deram origem à conhecida trilogia “*Attachment*” (1969/1982), “*Separation*” (1973) e “*Loss*”, (1980). Ao longo destes trabalhos, Bowlby formula a Teoria da Vinculação, na qual enfatiza a importância da dimensão relacional no desenvolvimento psicológico do indivíduo, realçando a necessidade humana universal de estabelecimento de uma relação de proximidade capaz de proporcionar segurança e protecção ao longo da vida (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bretherton, 1992). O estabelecimento de vínculos emocionais é definido como uma necessidade básica, a partir da qual o indivíduo vai conhecendo o mundo, os outros e a si próprio.

Na base desta teoria encontramos a referência ao conceito de sistema comportamental de vinculação, presente nos seres humanos desde o seu nascimento, constituído por uma série de comportamentos de base biológica característicos da espécie e que contribuem para a sobrevivência do indivíduo (Bowlby, 1958; Bretherton, 1992; Cassidy, 1999). Inicialmente, as crianças apresentam um repertório de comportamentos de procura de proximidade relativamente independentes uns dos outros e dirigidos de uma forma indiscriminada para os seus cuidadores. No entanto, tais comportamentos (e.g. chupar, agarrar, seguir, chorar, sorrir), geneticamente determinados, vão-se desenvolvendo e orientando em relação a uma figura principal, percebida como física e psicologicamente mais forte e capaz de lidar eficazmente com as dificuldades sentidas, procurando garantir a satisfação das necessidades de segurança e protecção da criança (Ainsworth & Bowlby, 1991; Cassidy, 1999).

Os comportamentos de vinculação desempenham assim um papel importante na sobrevivência do indivíduo e na sua capacidade de adaptação e exploração do meio. A

exploração segura do meio envolvente é regulada pela proximidade com a figura de vinculação. Perante um estímulo percebido como ameaçador pela criança assiste-se à activação do sistema de vinculação. O adulto ao mostrar-se disponível e capaz de responder regularmente a estes sinais, proporcionando um sentimento de segurança através da prestação de cuidados, constitui-se para a criança uma figura de vinculação (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bretherton, 1991, 1992).

Neste contexto, Bowlby (1988) define comportamento de vinculação como *“any form of behaviour that results in a person attaining or maintaining proximity to some other clearly identified individual who is conceived as better able to cope with the world”* (p.29). Sroufe e Waters (1977) salientam também que *“they are designated attachment behaviors because they are used by the infant in the service of proximity or physical or psychological contact. They are attachment behaviors because of their role in the development of and service of attachment and because of their organization in relation to one another”* (p.6). O conteúdo de uma relação de vinculação está assim centrado na regulação de segurança (Soares, 1996b), sendo o resultado do comportamento de vinculação a obtenção ou manutenção da proximidade com a figura de vinculação e a sua função o proporcionar protecção, segurança e conforto à criança. Segundo Sroufe e Waters (1977), mais do que uma proximidade física, esta regulação de segurança procura atingir uma dimensão emocional que designaram por *“felt security”*.

Os comportamentos de vinculação podem ser reforçados ou activados por diversos factores percebidos pela criança como ameaçadores e que podem ser relativos à própria criança (e.g. situação de doença, fome), ao meio envolvente (e.g. situações de alarme, presença de um estranho) e à figura de vinculação (e.g. ausência, negligência nos cuidados) (Cassidy, 1999). No entanto, esta activação e consequente procura de proximidade com a figura de vinculação não acontecem automaticamente, dependendo de uma série de factores, nomeadamente da avaliação subjectiva que a própria criança faz da situação, da sua familiaridade com a mesma, do seu nível de desenvolvimento, de experiências passadas, entre outros (Sroufe e Waters, 1977).

A desactivação do comportamento de vinculação encontra-se associada aos comportamentos disponíveis e responsivos da figura de vinculação, capazes de

proporcionar segurança à criança, reduzindo o medo ou a ansiedade provocada pela experiência de tensão, desconforto ou mal-estar. As condições de desactivação do sistema de vinculação variam também de acordo com a intensidade da sua activação. Numa dada situação percebida como ameaçadora, se a activação for muito intensa provavelmente os comportamentos de contacto físico serão os mais securizantes para a criança, fazendo desactivar o sistema de vinculação (Cassidy, 1999). Com o desenvolvimento sócio-afectivo e cognitivo, a partir da adolescência verifica-se uma mudança na forma como o indivíduo organiza e interpreta a informação e interage com o outro no contexto de uma relação de vinculação. O desenvolvimento da capacidade simbólica permite uma mudança para níveis mais internos de funcionamento, que se manifesta por exemplo numa maior capacidade de tolerar períodos de separação, perda ou ameaças e num maior controlo da expressão emocional e comportamental. Desta forma, as condições de activação e desactivação do sistema de vinculação alteram-se ao longo do desenvolvimento, adaptando-se às exigências e características de cada faixa etária.

Por vinculação entende-se o sistema de controlo que organiza e orienta estes mesmos comportamentos para que atinjam os seus objectivos (Ainsworth et al., 1978; Bowlby, 1988; Cassidy, 1999). De acordo com Sroufe e Waters (1977) “*attachment refers to an affective tie between infant and caregiver...*” (p.2), que uma vez estabelecido tende a persistir e a ser duradouro, existindo para além da manifestação episódica dos comportamentos de vinculação. Enquanto ligação emocional, vinculação não é necessariamente sinónimo de relação. O que caracteriza uma relação é a sua componente diádica, enquanto que a ligação afectiva é uma característica do indivíduo, apesar de se desenvolver num contexto relacional (Ainsworth, 1991).

No desenvolvimento de uma relação de vinculação importa salientar a qualidade das ligações afectivas entre criança e figura de vinculação. É a qualidade dessas trocas emocionais, sobretudo quando o sistema de vinculação está activado, que caracteriza a qualidade da relação de vinculação (Soares, 1996a). A teoria da vinculação destaca a este nível a sensibilidade e a disponibilidade física e emocional da figura de vinculação para dar resposta às necessidades de proximidade e protecção da criança.

Esta dinâmica entre procura de proximidade com a figura de vinculação e obtenção de protecção e segurança conduz-nos aos conceitos de base segura e refúgio seguro, essenciais na conceptualização da Teoria da Vinculação. A figura de vinculação assume-se como base segura para a criança quando esta se sente segura e tranquila relativamente à sua presença, sendo capaz de se envolver em comportamentos de exploração do meio. Perante situações de ameaça de perigo o comportamento de vinculação é activado, passando a atenção da criança a estar focada na procura de contacto com a figura de vinculação, assumindo-se esta como refúgio seguro. Proporcionada a segurança, a criança pode regressar à exploração e a figura de vinculação ser percebida novamente como base segura (Soares, 1996b).

Tendo subjacente esta noção de base segura, Ainsworth e cols. (1978), através do procedimento da *Situação Estranha*, procuram activar o sistema comportamental de vinculação da criança (episódios de separação breve da figura de vinculação e conseqüente reunião e de encontro com um estranho) identificando padrões de vinculação que reflectem essencialmente diferenças individuais neste processo diádico bebé-mãe de procura de proximidade e de proporcionar segurança e protecção. Estas diferenças individuais constituem diferenças qualitativas na forma como os comportamentos de vinculação são organizados, podendo ser divididas em duas grandes categorias - relação de vinculação segura e relação de vinculação insegura - sendo esta última dividida em duas subcategorias: relação insegura-evitante e relação insegura-ambivalente. O termo seguro ou inseguro reflecte a percepção da criança sobre a disponibilidade e responsividade da figura de vinculação em situações de ameaça ou perigo, assim como a forma como os seus comportamentos estão organizados em função de tal percepção (Weinfield, Sroufe, Egeland & Carlson, 1999).

O padrão de vinculação seguro caracteriza-se por crianças capazes de explorar o meio, que procuram activamente protecção e conforto quando confrontadas com situações potencialmente ameaçadoras, observando-se por parte da figura de vinculação disponibilidade e capacidade em satisfazer tais necessidades. Estas crianças confiam na sensibilidade dos comportamentos da figura de vinculação, tornando-se conseqüentemente mais confiantes e seguras nas suas interacções com o mundo. No

padrão inseguro-evitante encontramos um evitamento do contacto e da procura de proximidade com a figura de vinculação, devido à rejeição e insensibilidade que esta manifesta perante as necessidades da criança. Predominam os comportamentos de exploração do meio como forma de ignorar a presença da figura de vinculação e a necessidade dos seus cuidados. No padrão inseguro-ambivalente, a criança apresenta dificuldades de regulação do afecto e comportamentos de dúvida face à responsividade da figura de vinculação, oscilando entre a procura de proximidade e resistência ao contacto, em resposta normalmente a comportamentos insensíveis ou inconsistentes da figura de vinculação. Estas crianças são hipervigilantes face à presença da figura de vinculação, o que empobrece os seus comportamentos de exploração do meio. Uma vez que a insegurança compromete a exploração do mundo, as crianças inseguras tornam-se menos confiantes nelas próprias e nos outros.

Independentemente das diferenças entre os três padrões comportamentais, estes constituem-se como estratégias organizadas por parte da criança para lidar com o *distress* provocado pela situação activadora do sistema de vinculação. Contudo, Main e Solomon (1990 cit in Soares, 1996b) identificaram um quarto grupo de crianças cujos comportamentos não se ajustavam aos padrões definidos por Ainsworth e colaboradores. Este quarto padrão, designado por desorganizado/desorientado, caracteriza-se por sequências de comportamentos bizarros, contraditórios e desorganizados, movimentos despropositados, estereotipados, posturas anómalas e sinais de medo e insegurança intensa em relação à figura de vinculação. Estes comportamentos revelam uma aparente ausência de estratégia para lidar com o *distress* decorrente da separação da figura de vinculação e, segundo as autoras, são observados sobretudo em amostra clínicas e de risco.

Relativamente à distribuição dos padrões, Ainsworth e cols. (1978) encontraram nos seus estudos cerca de 70% de crianças classificadas como seguras, 10% com o padrão inseguro-ambivalente e cerca de 20% com o padrão inseguro-evitante. Van Ijzendoorn e Kroonenberg (1988) numa meta-análise transcultural verificaram que a distribuição dos padrões de vinculação encontrados na Situação Estranha era consideravelmente diferente entre países. Apesar de o padrão seguro ser o mais predominante, a frequência dos

padrões inseguros difere, observando-se mais crianças com o padrão inseguro-evitante na Europa enquanto que em Israel e no Japão a frequência de crianças com o padrão inseguro-ambivalente é maior. Estas diferenças podem estar associadas a diferenças culturais, nomeadamente ao nível dos cuidados maternos (Feeney & Noller, 1996).

Em síntese, Bowlby (1969/1982; 1973; 1980) considera o comportamento de vinculação como uma componente essencial do sistema comportamental humano, a par, por exemplo, do comportamento sexual e do comportamento alimentar, tendo como função biológica a protecção, não só na infância mas ao longo do ciclo de vida. A vinculação manifesta-se pelo sentimento de segurança que a figura de vinculação deverá proporcionar; pela procura de proximidade com essa figura, em particular em situações de ameaça ou perigo, e pelas reacções de protesto face à separação da figura de vinculação e de alegria perante situações de reaproximação. Segundo Bowlby “*proximity seeking (including protest at separation), secure base and safe haven are the three defining features and the three functions of an attachment relationship*” (Feeney & Noller, 1996, p. 4).

1.3 Modelos Internos Dinâmicos

As condições de activação e de desactivação do comportamento de vinculação variam ao longo da vida. Se durante os primeiros anos o comportamento de vinculação da criança é facilmente activado, progressivamente este vai-se tornando menos intenso e frequente, passando também a ser desactivado por um conjunto mais amplo de situações (Soares, 1996b). Um dos factores que influencia esta mudança relaciona-se com o desenvolvimento cognitivo, que torna possível a emergência de novas competências que terão impacto no modo como o indivíduo interpreta e organiza as suas experiências, como interage com os outros e como vive e exprime as emoções (Soares, 1996b).

À medida que o sistema de vinculação se torna cada vez mais organizado e complexo, influenciado pelo desenvolvimento dos processos simbólicos, nomeadamente da linguagem, a criança começa a desenvolver um conjunto de expectativas acerca do *self*, dos outros e do mundo, que se constituem como grelhas de leitura na percepção e

interpretação dos acontecimentos, na antecipação do futuro e na elaboração de planos para esse futuro (Bowlby, 1988; Soares, 2000). O desenvolvimento dessa capacidade simbólica conduz-nos à emergência da dimensão representacional do sistema de vinculação.

O conceito de *Modelos Internos Dinâmicos* (*Internal Working Models*) torna-se assim central na teoria de Bowlby, permitindo a passagem do domínio comportamental para o domínio representacional no estudo da vinculação ao longo do ciclo de vida. Por modelos internos dinâmicos entende-se estruturas mentais, construídas a partir das experiências de vinculação e da interpretação das mesmas, que orientam não só os comportamentos e sentimentos dos indivíduos mas também a memória, a atenção e a linguagem relacionadas com a vinculação (Main, Kaplan & Cassidy, 1985). De acordo com Collins e Read (1994) indivíduos com diferentes padrões de vinculação comportam-se de modo diferente porque pensam e sentem de forma distinta.

Sendo os modelos internos dinâmicos construídos no contexto da relação de vinculação, integram os conhecimentos do indivíduo acerca do *self* e acerca da figura de vinculação. Estes conhecimentos baseiam-se na avaliação que o sujeito faz em termos do seu valor próprio e da confiança que tem na disponibilidade e na responsividade da figura de vinculação para responder aos seus pedidos de ajuda e protecção (Bowlby, 1973; Feeney & Noller, 1996; Soares, 1996b). Assim, crianças com um padrão de vinculação seguro constroem, a partir das suas experiências, um modelo da figura de vinculação responsiva e acessível e um modelo do *self* valorizado e merecedor de cuidados. A criança exprime livremente as suas emoções, sentindo-se confiante e segura na relação com a figura de vinculação. Por outro lado, num padrão de vinculação inseguro, onde as experiências são mais frustrantes, envolvendo insensibilidade, rejeição ou desvalorização, a criança constrói modelos mais negativos de si e da figura de vinculação (Bretherton & Munholland, 1999; Soares, 1996a). Bowlby refere que há uma relação significativa entre as experiências de vinculação durante a infância/adolescência e a capacidade de estabelecer ligações afectivas na idade adulta, na medida em que a qualidade dessas experiências é fundamental no desenvolvimento de um sentimento de confiança e segurança em si próprio e nos outros (Soares, 1996a).

O desenvolvimento do modelo do *self* e do modelo da figura de vinculação ocorre assim de uma forma dinâmica e complementar, o que para alguns autores (Main et al., 1985; Sroufe & Fleeson, 1986) sugere a existência de um modelo dinâmico da relação de vinculação (*working model of attachment relationship*). Neste sentido, segundo Main e cols. (1985) diferentes relações são representadas de modo distinto, na medida em que o que é construído é um modelo da interação e não do *self* e da figura de vinculação separados dos acontecimentos relacionais. O próprio conceito de modelos internos dinâmicos remete, segundo Kobak (1994), para a natureza múltipla da vinculação em função da diversidade relacional. Collins e Read (1994) reforçam esta ideia ao sugerirem que o indivíduo desenvolve diferentes modelos internos dinâmicos em função de diferentes relações, estabelecendo uma hierarquia dos mesmos (Figura 1). De acordo com os autores, no topo dessa hierarquia podemos encontrar modelos mais globais do *self* e dos outros que se adequam a uma diversidade de situações e que influenciam os modelos mais específicos referentes a determinadas relações em particular, construídas ao longo da vida do indivíduo. Diferentes domínios de relação (e.g. com pais, amigos, cônjuges) implicam necessidades de vinculação distintas, que se manifestam igualmente através de expectativas e comportamentos igualmente distintos (Overall, Fletcher & Frieen, 2003).

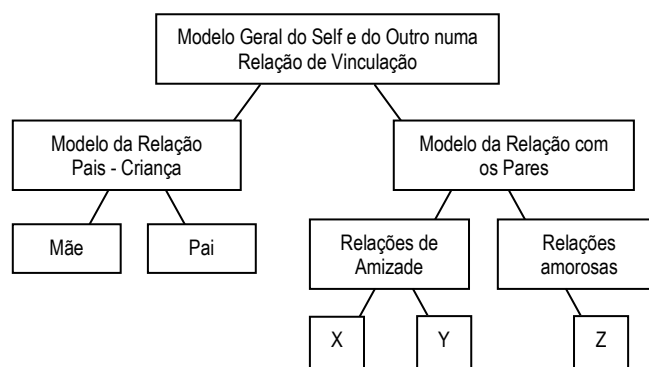


Figura 1. – Estrutura hierárquica dos Modelos Internos Dinâmicos (Adaptado de Collins e Read, 1994)

Estes modelos representacionais que o indivíduo constrói a partir das interações contínuas com o mundo que o rodeia vão-se tornando cada vez mais complexos, acompanhando o desenvolvimento das suas estruturas cognitivas, emocionais e comportamentais (Bowlby, 1973; Bretherton & Munholland, 1999). Deste modo, tendem a

tornar-se automatizados e relativamente estáveis ao longo do tempo, uma vez que ao influenciarem os comportamentos são conseqüentemente reforçados por estes. Cognitivamente, os modelos internos dinâmicos orientam a atenção e a memória do indivíduo, que tende a ser particularmente sensível a informação consistente com as expectativas e sentimentos acerca do self e dos outros. No entanto, não são um mero acumular de experiências. Conforme sugerido por vários estudos de natureza longitudinal (e.g., Roisman, Madsen, Hennighausen, Sroufe & Collins, 2001; Grossmann, Grossmann, Winter & Zimmermann, 2002), os modelos internos dinâmicos caracterizam-se pela possibilidade de reelaboração e de desenvolvimento em direcção a formas mais complexas e sofisticadas de organização da experiência e de orientação da acção, contribuindo para tal as experiências relacionais do indivíduo ao longo do ciclo de vida (Bowlby, 1988; Baldwin & Fehr, 1995; Bretherton & Munholland, 1999). Segundo Bowlby (1988), os modelos internos dinâmicos são assim um mecanismo através do qual as experiências de vinculação influenciam o indivíduo ao longo da sua vida, sendo que novas relações constituem uma oportunidade de mudança dos mesmos. O desenvolvimento de novas relações é influenciado pelo conjunto de expectativas e significados que vão sendo construídos ao longo da história relacional do indivíduo, ao mesmo tempo que possibilitam a sua mudança. O impacto que estas novas experiências têm na estabilidade dos modelos internos dinâmicos depende do significado emocional que assumem para o indivíduo. Porém, não são só as novas relações que poderão originar mudanças nestas estruturas mentais. Novas interpretações dos acontecimentos passados (alcançadas por exemplo através de um processo psicoterapêutico) permitem uma integração e reorganização das experiências vividas, o que poderá igualmente contribuir para o desenvolvimento e mudança dos modelos internos dinâmicos.

Após uma breve revisão dos conceitos básicos da Teoria da Vinculação, iremos no capítulo seguinte abordar as especificidades da vinculação no contexto da idade adulta, que constitui o foco principal do presente trabalho.

CAPÍTULO 2

VINCULAÇÃO E RELAÇÕES ÍNTIMAS NA IDADE ADULTA

2.1. Introdução

O desenvolvimento humano, concebido como um processo dinâmico e em construção contínua, ocorre de acordo com Soares (2000) “através de sucessivas reorganizações qualitativas dentro e entre os sistemas biológico, emocional, cognitivo, comportamental e social, com base em processos de diferenciação e subsequente articulação, integração hierárquica e (re)organização” (p.20). Ao longo do seu desenvolvimento o indivíduo é confrontado com sucessivas tarefas e desafios que vão exigir a sua adaptação e que permitem evoluir para estádios desenvolvimentais cada vez mais diferenciados e complexos. Neste sentido, a possibilidade de reelaboração dos modelos internos dinâmicos para formas cada vez mais complexas ao longo do ciclo de vida conduz-nos a uma ideia base da teoria de Bowlby (1969/1982; 1973; 1980): a criação e manutenção de laços afectivos são uma componente básica do desenvolvimento humano, influenciando a adaptação psicossocial do indivíduo em qualquer período desenvolvimental. Apesar de grande parte das concepções de Bowlby focarem essencialmente “*the nature of the child tie to his mother*”, ao longo dos seus trabalhos faz também referência à vinculação enquanto fenómeno presente “*from the cradle to the grave*”, salientando que “*the formation of a bond is described as falling in love, maintaining a bond as loving someone, and losing a partner as grieving over someone*” (Bowlby, 1980, p.40).

A questão que se coloca quando passamos do estudo da vinculação na infância para a idade adulta relaciona-se com a natureza e a função de uma relação de vinculação. Terá uma relação de vinculação na idade adulta as mesmas funções que durante a infância?

Procurando responder a esta questão base salientamos a definição de Berman e Sperling (1994):

“Adult attachment is the stable tendency of an individual to make substantial efforts to seek and maintain proximity to and contact with one or a few specific individuals who provide the subjective potential for physical and/or psychological safety and security. This stable tendency is regulated by internal working models of attachment, which are cognitive-affective-motivational schemata built from the individual's experience in his or her interpersonal world.” (p.8).

Nesta citação encontramos a referência aos conceitos definidos por Ainsworth e Bowlby (1991), descritos anteriormente, e que são essenciais na conceptualização da teoria de vinculação. Tal como na infância, também na idade adulta a vinculação é definida como uma ligação afectiva que tem por objectivo a procura de proximidade com uma figura capaz de proporcionar segurança, protecção e conforto, sendo esta ligação influenciada e regulada pelas concepções que o indivíduo constrói acerca de si próprio e do outro, a partir das suas experiências de vinculação. Vários estudos (Weiss, 1975, Parkes, 1972, Glick, Weiss & Parkes, 1974 cit in Berman e Sperling, 1994) revelam também que as reacções do indivíduo adulto a situações de separação da figura de vinculação (e.g. divórcio, morte) são idênticas às encontradas por Bowlby (1973) na infância, nomeadamente as reacções de protesto, desespero e desapego. De acordo com Weiss (1991), à semelhança do que acontece na infância, as relações de vinculação continuam assim a ter um papel fundamental no sentimento de segurança e conseqüentemente na estabilidade emocional do indivíduo adulto.

Apesar de conceptualmente as funções de uma relação de vinculação na idade adulta serem semelhantes às da infância, estas revestem-se de uma enorme variabilidade e singularidade. A adolescência, enquanto período de transição entre a infância e a idade adulta, remete-nos para uma mudança ao nível das relações afectivas. Assistimos neste período desenvolvimental à emergência das relações com os pares enquanto contexto de partilha, conforto e segurança. Para Hazan e Zeifman (1999) a principal mudança aqui implicada relaciona-se com a reciprocidade destas relações. Assim, ao contrário do que sucede na relação criança – figura de vinculação, em que a complementaridade e

hierarquização da procura e prestação de cuidados é evidente, no contexto de uma relação entre pares, nomeadamente adulto – adulto, é esperado um balanceamento contínuo e flexível entre o procurar e o proporcionar segurança e conforto, isto é, entre o recorrer ao outro como base segura e perante ele constituir-se como tal (Collins & Sroufe, 1999; Crowell, Fraley & Shaver, 1999; Crowell & Treboux, 1995, 2001; Hazan & Shaver, 1994; Hazan & Zeifman, 1999). Enquanto que o sistema de vinculação na infância caracteriza-se por comportamentos de procura de cuidados (*careseeking system*) por parte da criança, que activam na figura de vinculação os comportamentos de prestação de cuidados (*caregiving system*), no adulto estes sistemas actuam de uma forma simétrica e recíproca, onde ambos os elementos da díade oferecem e recebem cuidados e apoio.

No contexto das relações com pares surge o estabelecimento da intimidade enquanto tarefa desenvolvimental do jovem adulto. Se na infância, sobretudo nas fases mais precoces, o sistema de vinculação é um aspecto central e primário da relação criança – figura de vinculação, no adulto o sistema de vinculação passa a constituir apenas um dos componentes das relações íntimas (Faria, et al., 2007). Verifica-se, desde modo, um alargamento do repertório comportamental que, para além do sistema de vinculação e do sistema de prestação de cuidados, integra também o sistema sexual (Butzer & Campbell, 2008; Cassidy, 2000; Hazan & Shaver, 1987; Waters & Cummings, 2000). A ansiedade, o desconforto e a necessidade de restabelecimento da segurança parecem ser os principais factores que motivam a procura de proximidade e de cuidados em qualquer idade, no entanto na idade adulta essa procura pode resultar igualmente do desejo de proteger e confortar o outro e/ou do desejo de envolvimento sexual (Butzer & Campbell, 2008; Hazan & Shaver, 1994). Retomaremos este tópico mais adiante quando abordarmos com maior detalhe a vinculação no contexto das relações íntimas.

2.2. Vinculação na idade adulta

A partir da década de 80, o crescente interesse da comunidade científica pelo estudo da vinculação na idade adulta assume duas grandes linhas de investigação (Simpson & Rholes, 1998; Bartholomew & Shaver, 1998): os trabalhos ao nível da representação da vinculação com as figuras parentais, cujo objectivo essencial é estudar como o adulto organiza e

integra as suas experiências de vinculação na infância e as abordagens que assentam no estudo das relações de vinculação com pares, nomeadamente com o par amoroso.

Comungando dos pressupostos básicos da teoria da vinculação, estas linhas de investigação oferecem contributos distintos para o estudo da vinculação na idade adulta, como abordaremos de seguida.

2.2.1. Dimensão representacional da vinculação

Nesta linha de investigação destacamos os trabalhos de Mary Main, que partindo do conceito de Modelos Internos Dinâmicos desloca o estudo das diferenças individuais na organização da vinculação para o domínio representacional. Enquanto que na infância os estudos, nomeadamente os que recorrem ao procedimento experimental da Situação Estranha, analisam as diferenças individuais na organização comportamental da vinculação, Main e cols. (1985) procuram aceder, na idade adulta, às diferenças na organização representacional da vinculação, ou seja, às diferenças ao nível dos modelos internos dinâmicos. De acordo com as autoras, e com base nos contributos teóricos de Bowlby, os modelos internos dinâmicos correspondem a um conjunto de regras que organizam a informação relativa às experiências de vinculação, orientando a atenção, a memória, a linguagem, as emoções e o próprio comportamento do indivíduo. A linguagem desempenha um papel primordial enquanto organização discursiva do pensamento, permitindo o acesso a informação relativa a essas experiências. Neste sentido, foi elaborada uma nova metodologia de avaliação – a *Adult Attachment Interview* (AAI) (George, Kaplan & Main, 1984, 1985, 1996), uma entrevista semi-estruturada que procura avaliar memórias autobiográficas relacionadas com as experiências de vinculação, focando essencialmente o modo como o indivíduo processa e integra essas informações. Através de questões referentes às experiências na infância com as figuras de vinculação (e.g. descrição da relação com figuras parentais, situações de separação, perda, ameaças, rejeição) pretende-se que o indivíduo recorde episódios ilustrativos de tais experiências e que avalie o impacto das mesmas no desenvolvimento da sua personalidade e das próprias relações de vinculação (Soares, 1996b). A AAI, ao dirigir a atenção e a memória do indivíduo para as experiências relacionais na infância, procura activar o sistema de vinculação e, deste modo,

constituir-se como uma ocasião privilegiada para avaliar o modo como o indivíduo se confronta com a temática da vinculação e integra as suas memórias no contexto actual. Esta entrevista procura assim avaliar a representação actual do indivíduo das suas relações de vinculação, o que Main e cols. (1985) designaram por *state of mind with respect to attachment*. Deste modo, “a segurança traduz-se no acesso à informação relevante sobre a vinculação e na capacidade do sujeito integrar aspectos positivos e negativos das suas experiências num todo coerente, situando-se de um modo objectivo e reflectido face a toda a sua história de relações de vinculação (Soares, 1996b, p.166). A insegurança, por seu lado, manifesta-se pela incoerência entre as descrições semânticas (mais gerais) e os episódios descritos e pelas dificuldades em recordar situações do passado. Sublinha-se a qualidade da organização discursiva relativamente às experiências, em detrimento do conteúdo das mesmas. Isto é, mais do que os conteúdos da história pessoal, é a forma e a estrutura da narrativa que assumem um papel importante na classificação da segurança dos indivíduos. O sistema de cotação da entrevista assenta essencialmente na linguagem utilizada e na capacidade do indivíduo fornecer um relato coerente e credível sobre as experiências na infância e seus significados (Crowell & Treboux, 1995).

Main e Goldwyn (1984, 1998), partindo de entrevistas realizadas a pais de crianças avaliadas com a Situação Estranha no âmbito de um estudo longitudinal, desenvolveram um sistema de análise e cotação que permite a identificação de quatro classificações centrais: Seguro/Autónomo, Inseguro/Preocupado, Inseguro/Desligado e Não-Resolvido/Desorganizado.

Na categoria seguro/autónomo em relação à vinculação encontramos indivíduos que apresentam um discurso coerente e uma análise objectiva das suas experiências de vinculação, positivas e negativas, valorizando-as e atribuindo-lhes um papel importante no desenvolvimento da sua personalidade. O discurso é sustentado por memórias claras e avaliações reflectidas e integradoras. Os indivíduos classificados como inseguros/desligados tendem a rejeitar as relações e as experiências de vinculação, idealizando a sua história pessoal ou desvalorizando-a. Revelam dificuldades em fornecer evidência episódica para as descrições gerais, normalizando as suas experiências e negando o impacto destas no seu desenvolvimento. A categoria inseguro/preocupado tem como características básicas a

confusão, a incoerência, o emaranhamento nas relações de vinculação. Estes indivíduos apresentam um discurso pouco objectivo e claro, oscilando entre atitudes de crítica e passividade em relação às figuras de vinculação. São indivíduos com dificuldades ao nível da autonomia e desenvolvimento da identidade pessoal. Por último, na categoria não-resolvido/desorganizado o discurso caracteriza-se por lapsos na monitorização, desorientação e desorganização na análise de experiências passadas, sobretudo relacionadas com perdas, abusos ou outros acontecimentos traumáticos. Foi criada uma categoria adicional, que integra os casos que não se podem classificar nestas quatro categorias, designada CC (*cannot classify*).

Os resultados de uma meta-análise de 33 estudos que utilizaram a AAI, indicam uma distribuição das principais categorias de vinculação, em amostras não clínicas, em que 58% dos indivíduos são classificados como seguros/autónomos, 24% são classificados como inseguros/desligados e 18% como inseguros/preocupados (van IJzendoorn & Bakermans-Kranenburg, 1996).

A construção desta entrevista e seu respectivo sistema de análise permitiu comparar a organização da vinculação dos pais e dos filhos, testando assim a existência de um padrão intergeracional da vinculação. O objectivo foi perceber de que modo as representações das experiências de vinculação na infância dos sujeitos adultos, avaliadas através da AAI, poderiam estar relacionadas com a organização comportamental da vinculação dos seus filhos, avaliada na Situação Estranha. Os estudos demonstram existir semelhanças entre os padrões de vinculação dos adultos e os das crianças, nomeadamente percentagens elevadas de concordância entre os padrões da mãe e dos seus respectivos filhos (e.g. Main et al., 1985; van IJzendoorn, 1995; Soares, 1996b)

No estudo da representação da vinculação em jovens e adultos tem sido igualmente alvo de interesse a associação positiva entre a segurança da organização da vinculação e um conjunto de variáveis de funcionamento psicológico, como a regulação emocional, a competência social, a qualidade e satisfação nas relações interpessoais, nomeadamente no contexto das relações íntimas (e.g. Roisman et al., 2001; Waters & Cummings, 2000). Esta última linha de investigação será alvo de análise mais detalhada no ponto relacionado com a Intimidade e Vinculação.

2.2.2. Relação de vinculação com pares

Numa outra linha de investigação destacam-se os nomes de Cindy Hazan e Philipp Shaver, que em 1987 publicam os primeiros trabalhos onde exploram o amor romântico enquanto processo e contexto de vinculação na idade adulta.

Reconhecendo a importância das influências sociais e culturais, Hazan e Shaver (1987) concebem o amor romântico também como um processo biológico cuja finalidade é facilitar a vinculação entre dois adultos. Este processo é regulado por dinâmicas comportamentais e emocionais semelhantes às que caracterizam a relação criança – figura de vinculação. Tal como acontece na infância, no contexto de uma relação amorosa a progressiva atracção e envolvimento com uma pessoa relaciona-se com a percepção subjectiva de que esta proximidade física e/ou emocional poderá resultar na satisfação de necessidades pessoais (Hazan & Shaver, 1994; Pietromonaco & Barrett, 2000). Estas poderão ser necessidades de vinculação, de prestação de cuidados ou de relacionamento sexual, uma vez que, como já foi referido, na idade adulta estes três sistemas actuam de uma forma integrada. O adulto sentir-se-á mais seguro ao perceber o seu companheiro como próximo, acessível e responsivo, utilizando-o como base segura para comportamentos de exploração (e.g. investimentos profissionais) e como fonte de segurança, conforto e protecção em momentos de distress, ameaça ou perturbação (Hazan & Shaver, 1990).

Também ao nível das diferenças individuais, os autores encontram semelhanças entre as relações amorosas e as relações de vinculação na infância. Esta ideia foi suportada pelo desenvolvimento de um instrumento de auto-relato, que assenta numa avaliação categorial, composto por três parágrafos, ilustrando padrões de relacionamento amoroso baseados nos padrões de vinculação definidos por Ainsworth e cols. (1978) – seguro, inseguro-ambivalente e inseguro-evitante. É pedido aos sujeitos que reflectam acerca das suas relações amorosas mais significativas e escolham o parágrafo que melhor define os seus comportamentos e sentimentos nessas relações (Hazan & Shaver, 1987). Os indivíduos seguros tendem a apresentar relações mais duradouras e a caracteriza-las como felizes, de confiança, de aceitação e apoio. Já nos indivíduos evitantes o medo da intimidade e o ciúme assumem maior relevo na caracterização das relações, enquanto que nos indivíduos

considerados como ambivalentes prevalecem os pensamentos obsessivos relativamente à percepção de perda e abandono, desejo de posse e fusão com o outro e ciúme excessivo. Nos seus estudos, Hazan e Shaver (1987) encontram distribuições similares às observadas na infância por Ainsworth e cols. (1978), com cerca de 56% dos sujeitos considerados como seguros, 25% como inseguros-evitantes e cerca de 19% como inseguros-ambivalentes.

Os comportamentos de procura de proximidade física, essenciais no processo de formação de uma relação amorosa, constituem-se como um elemento facilitador do desenvolvimento de um laço emocional que contribui progressivamente para a construção de uma relação de vinculação (Hazan & Shaver, 1994; Hazan & Zeifman, 1999). Enquanto que na infância a procura de proximidade tem por finalidade o restabelecimento da segurança, na idade adulta essa procura de proximidade pode encontrar-se igualmente associada ao desejo de envolvimento sexual (Barón, Zapiain & Apodaca, 2002; Butzer & Campbell, 2008). No contexto das relações amorosas o sistema sexual encontra-se assim em estreita ligação com o sistema de vinculação, sendo possível encontrar diferenças no comportamento sexual em função do padrão de vinculação dos indivíduos. De acordo com os estudos de Hazan e Zeifman (1994, cit in Cassidy, 2001) indivíduos seguros tendem a envolver-se sexualmente em relações onde a intimidade, o compromisso e a proximidade física são valorizadas. Nos indivíduos ambivalentes observam-se comportamentos de voyeurismo, exibicionismo, domínio e submissão nas mulheres, enquanto que os homens revelam ser mais reticentes ao contacto sexual. Indivíduos evitantes mostram um menor envolvimento afectivo no contexto da relação sexual, uma menor intimidade com o parceiro e um maior desconforto com o contacto físico.

Uma relação amorosa necessita de tempo para se tornar num relação de vinculação. Tal como acontece na infância, entre criança e figura de vinculação, é igualmente esperado que no contexto das relações amorosas o processo de desenvolvimento de uma relação de vinculação ocorra de um modo sequencial: inicialmente os comportamentos de procura de proximidade assumem maior relevo, seguidos dos de procura de conforto e apoio e por fim os de base segura. Enquanto que a atracção física e o relacionamento sexual tendem a ser dimensões mais valorizadas em fases iniciais da relação, com o evoluir desta, a capacidade do outro para proporcionar conforto, segurança e apoio emocional são os aspectos mais

ênfatisados (Hazan & Shaver, 1994; Hazan & Zeifman, 1999; Cassidy, 2000). Vários estudos (Hazan e Shaver, 1994; Hazan & Zeifman, 1999; Hazan e Zeifman, 1994, cit in Cassidy, 2001) referem que este processo tende a demorar cerca de dois anos a desenvolver-se, tal como é possível observar na figura 2.

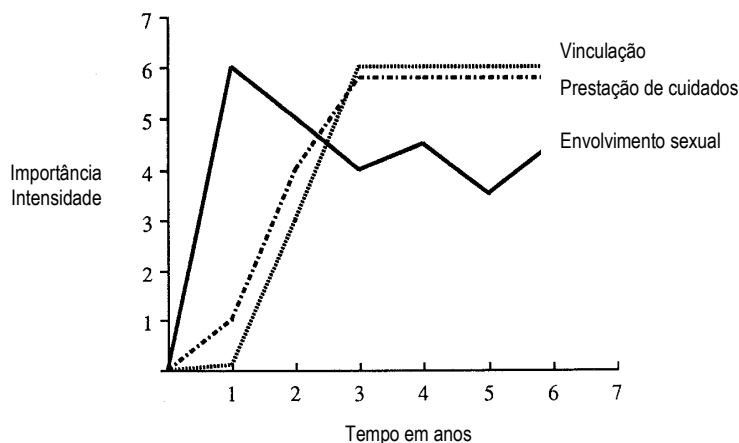


Figura 2. – Desenvolvimento dos três sistemas comportamentais no contexto de uma relação de vinculação na idade adulta (Adaptado de Hazan & Shaver, 1994)

Os contributos teóricos e empíricos dos trabalhos de Hazan e Shaver (1987; 1994) no estudo dos processos envolvidos no desenvolvimento de uma relação amorosa constituem um marco importante no estudo da vinculação na idade adulta. Sendo as relações amorosas consideradas o protótipo das relações de vinculação na idade adulta, passaremos de seguida a explorar alguns determinantes envolvidos neste processo.

2.3. Vinculação no contexto das relações íntimas: aspectos conceptuais

Na sua teoria triangular do amor, Sternberg (1986) refere que o amor pode ser concebido como o resultado de três componentes – intimidade, paixão e decisão/compromisso – entendendo-se por intimidade o conjunto de sentimentos que promovem a proximidade e o vínculo emocional entre os parceiros. Destes sentimentos destaca o desejo de promover o bem-estar da pessoa amada, a capacidade de proporcionar apoio emocional, a confiança na disponibilidade do outro em momentos de necessidade, a comunicação aberta, a partilha de sentimentos e a compreensão mútua entre os elementos

da relação (Sternberg & Grajek, 1984, cit in Sternberg, 1986). Encontramos aqui o que podemos considerar ser um dos aspectos essenciais de uma relação de vinculação – perceber o outro como disponível e responsivo face ao desconforto pessoal ou no confronto com situações percebidas como problemáticas, e reciprocamente constituir-se perante o parceiro como uma fonte de conforto e apoio emocional.

Para Collins e Feeney (2004) a teoria da vinculação permite compreender a importância da intimidade no desenvolvimento da confiança e do “*felt security*” no contexto das relações amorosas. Como já foi referido, esta teoria postula que o indivíduo, ao longo do ciclo de vida, tem a propensão para desenvolver laços emocionais com um número relativamente restrito de pessoas que lhe proporcionam conforto e segurança em momentos de *distress* e funcionem como base segura a partir da qual podem explorar o mundo. O estabelecimento desta segurança é regulado pela proximidade física e emocional em relação à figura de vinculação e é neste contexto que o indivíduo encontra um espaço onde lhe é permitido expressar e partilhar todo o tipo de emoções. Será então a percepção de segurança, pertença e partilha que segundo Cassidy (2001) consubstancia o estabelecimento e o desenvolvimento da intimidade no contexto de uma relação de vinculação:

Intimacy is making one's innermost known, sharing one's core, one's truth, one's heart, with another, and accepting, tolerating the core, the truth, of another. It is being able to tell both the good and the bad parts of oneself, to tell of anger, ambivalence, love; and to accept both the good and the bad parts of another, to accept anger, ambivalence, love. It is to share the self: one's excitements, longings, fears and neediness, and to hear of these in another. (p.122)

Por intimidade entende-se um processo interpessoal onde os indivíduos experienciam e expressam sentimentos, partilham informações acerca de si próprios, sentem-se compreendidos, valorizados e aceites pelo outro (Reis & Shaver, 1988 cit in Collins & Sroufe, 1999; Prager & Roberts, 2004). De acordo com Collins e Sroufe (1999) a intimidade envolve aspectos motivacionais, emocionais e comportamentais que se expressam no tornar-se próximo de alguém, no aceitar e partilhar as emoções e as experiências mais pessoais com o outro, na reciprocidade dos cuidados e na sensibilidade face aos sentimentos e bem-estar

do outro. O dar-se a conhecer numa relação de intimidade resulta também da percepção da responsividade e abertura do outro. Os indivíduos mostram-se mais dispostos para mostrar vulnerabilidade e procurar apoio quando confiam que o seu parceiro é capaz de aceitar e apoiar de uma forma responsiva (Prager & Roberts, 2004). Assim, se a intimidade contribui para o desenvolvimento do “*felt security*”, ao mesmo tempo este sentimento contribui para o desenvolvimento da intimidade, numa dinâmica interactuante (Collins & Feeney, 2004).

Assumindo como grelha de leitura a Teoria da Vinculação, Cassidy (2001) define quatro capacidades básicas no desenvolvimento da intimidade:

- Capacidade de procurar cuidados – esta capacidade constitui o que na teoria da vinculação é definido como o sistema comportamental da vinculação e corresponde ao conjunto de comportamentos que têm como objectivo conseguir e/ou manter a proximidade com a figura de vinculação, sobretudo em situações percebidas como ameaçadoras ou desconfortáveis (e.g. doenças, perdas, conflitos). Esta capacidade é importante para o desenvolvimento da intimidade uma vez que envolve a partilha de sentimentos, positivos e negativos, e o reconhecimento da necessidade de apoio e conforto. Como vimos anteriormente, a capacidade de procurar cuidados no contexto de uma relação íntima indica o quão confiante o indivíduo está de que o seu parceiro será capaz de proporcionar suporte e protecção de modo eficaz e positivo.
- Capacidade de prestar cuidados – esta capacidade relaciona-se com as dimensões de disponibilidade, sensibilidade e responsividade, que se reflectem no reconhecimento das necessidades do outro, na abertura e atenção ao que está a ser partilhado e no fornecimento do apoio e cuidados respectivos. De acordo com a teoria da vinculação adultos que na sua infância tiveram experiências com uma figura de vinculação sensível e responsiva na prestação de cuidados tendem a desenvolver essa capacidade de forma mais positiva (Cassidy, 2000; Simpson, Winterheld, Rholes & Oriña, 2007).
- Conforto com a autonomia – a autonomia é importante no desenvolvimento de uma relação de intimidade pois permite estar próximo do outro sem que para isso seja necessário aniquilar as necessidades e os objectivos do *self*. A autonomia traduz-se na capacidade de experienciar crescimento pessoal como resultado do envolvimento

numa relação, funcionando esta como base segura a partir da qual o indivíduo explora e investe no mundo fora da relação.

- Capacidade de negociação – segundo Hoffman (1997, cit in Cassidy, 2001) intimidade não significa proximidade mas a capacidade para negociar essa proximidade. Os indivíduos têm necessidades diferentes a este nível, em função de características pessoais mas também como resultado das suas experiências. Numa relação de intimidade, a negociação é uma competência crucial, que envolve a capacidade de reconhecer e aceitar os sentimentos e as necessidades do outro e através de um processo colaborativo trabalhar em conjunto na tomada de decisões ou na resolução de conflitos.

Para além da abordagem teórica, as investigações empíricas no domínio da vinculação têm também privilegiado o estudo da intimidade em amostras de jovens e adultos. Os estudos revelam que adultos avaliados como seguros sentem-se confortáveis com a intimidade, a proximidade e a partilha, vêem-se a si próprios como merecedores de cuidados e afectos e percebem os outros como responsivos e disponíveis (e.g. Collins & Read, 1990; Feeney & Noller, 1990; Hazan & Shaver, 1987). Simpson (1990), num estudo com 144 casais, acrescenta que indivíduos seguros percebem as suas relações como mais satisfatórias, com maior confiança e investimento. Indivíduos evitantes tendem a desvalorizar as situações de intimidade e compromisso, enquanto que os indivíduos ambivalentes mostram-se mais preocupados com questões relacionadas com a desconfiança, abandono e ciúme. Feeney (1998; 1999) salienta ainda que os sujeitos seguros sentem-se confortáveis com o toque enquanto veículo de afectos e com a intimidade sexual, sendo esta perspectivada como um promotora de confiança e segurança. Ao assumirem o papel de prestadores de cuidados mostram-se responsivos e sensíveis às necessidades do outro, sentindo-se confortáveis com a interdependência que estabelecem. Mantêm uma relação íntima sem perder a sua individualidade e autonomia. Adultos com um padrão de vinculação ambivalente apresentam uma visão insegura de si próprios, uma grande vulnerabilidade à solidão, procurando no outro um sentimento de bem-estar. Manifestam um medo intenso de abandono e um desejo de fusão com o outro. No entanto, apresentam uma grande insatisfação pela percepção de não dependência do outro, o que

conduz a sentimentos de desconfiança e ciúme. A prestação de cuidados é minada pela ansiedade (Collins & Read, 1990; Feeney, 1998; Feeney & Noller, 1990; Hazan & Shaver, 1987; Simpson, 1990). Adultos considerados evitantes ou desligados apresentam uma grande dificuldade em depender do outro, desvalorizando a necessidade de proximidade e suporte e manifestando uma crença na independência e auto-suficiência (Collins & Read, 1990; Feeney & Noller, 1990; Hazan & Shaver, 1987). Há um evitamento da intimidade através de um distanciamento emocional e do desconforto com a proximidade física (Feeney, 1999). As relações caracterizam-se por níveis baixos de compromisso e interdependência e níveis elevados de emoções negativas (e.g. hostilidade). No papel de prestadores de cuidados mostram uma baixa responsividade às necessidades do outro (Collins & Read, 1999; Feeney & Noller, 1990). Kirkpatrick e Davis (1994) exploram igualmente as relações entre o estilo de vinculação e dimensões relacionais. Numa análise longitudinal, com uma amostra inicialmente constituída por 354 casais, verificam que os homens com um padrão de vinculação inseguro-desligado tendem, comparativamente com os seguros, a manifestar menor satisfação, intimidade e compromisso, e comparativamente com os homens inseguros-preocupados tendem a referir menor paixão e também menor compromisso na relação. Relativamente às mulheres, são as inseguras-preocupadas que revelam menor satisfação e carinho e índices de conflito e ambivalência mais elevados, comparativamente com as mulheres seguras.

O estudo de Collins e Feeney (2000) confirma a ideia de Bowlby de que procurar e prestar cuidados é um processo diádico. Numa amostra com 93 casais, os resultados revelam que indivíduos avaliados como seguros ao se confrontarem com situações percebidas como ameaçadoras manifestam mais comportamentos de procura de cuidados, o que por sua vez está associado a uma prestação de cuidados mais efectiva por parte do parceiro. Indivíduos considerados evitantes mostram-se mais ineficazes na procura de cuidados enquanto que para os indivíduos ambivalentes essa ineficácia acentua-se ao nível da prestação de cuidados. Também Simpson, Rholes e Nelligan (1992) ao avaliarem os comportamentos de vinculação em 83 casais numa situação em que a mulher é confrontada com uma experiência geradora de ansiedade, verificam que as mulheres evitantes procuram menos suporte dos parceiros à medida que os seus níveis de ansiedade

aumentam, ao contrário do que acontece com as mulheres seguras. Posteriormente, Simpson, Rholes e Phillips (1996) ao observarem uma amostra 123 pares de namorados durante a discussão de um assunto problemático da relação verificam que os sujeitos ambivalentes apresentam níveis de ansiedade superiores, maior hostilidade e percebem os seus parceiros de forma mais negativa. Collins e Feeney (2003, cit in Collins & Feeney, 2004) observam igualmente que os sujeitos estão mais dispostos a procurar suporte em situações problemáticas quando sentem que o seu parceiro os ama e é responsivo às suas necessidades.

O modo como o indivíduo lida com emoções negativas trata-se, segundo Feeney (1998, 1999), de uma capacidade essencial no desenvolvimento de uma relação íntima. Diferenças no estilo de vinculação poderão reflectir diferentes experiências de regulação emocional. Ao longo do desenvolvimento, o indivíduo constrói estratégias que lhe permitem organizar emocionalmente as experiências, confrontando-se com os sentimentos negativos. É esperado que os indivíduos seguros, com base nas suas experiências, lidem com as emoções negativas de um modo construtivo, reconhecendo o *distress* e procurando suporte na figura de vinculação. Verifica-se nestes sujeitos uma maior expressividade emocional que resulta numa vivência mais positiva das relações afectivas, uma melhor comunicação e uma maior capacidade de negociação e resolução de conflitos (Collins & Read, 1999; Feeney & Noller, 1990; Feeney, 1999; Fuller & Fincham, 1995). Os indivíduos evitantes tendem a negar ou minimizar a expressão e o reconhecimento de sentimentos negativos e a recorrer a estratégias de evitamento e distanciamento face a situações de conflito. Relativamente aos indivíduos considerados ambivalentes, estes mostram uma elevada vigilância e expressão de afecto negativo como forma de manter o contacto com o outro (Feeney, 1999). Também Simpson (1990) no seu estudo observa que sujeitos seguros referem com maior frequência emoções positivas e percebem a sua relação de uma forma mais positiva do que os ambivalente e evitantes. Pistole (1989 cit in Feeney & Noller, 1996) num estudo onde procura analisar as implicações dos diferentes estilos de vinculação nas situações de resolução de conflitos verificou que indivíduos seguros usam mais estratégias integrativas e colaborativas do que os evitantes e os ambivalentes. O estudo de Simpson e cols. (1996) revela que indivíduos ambivalentes reagem menos positivamente em situações onde têm

que discutir um problema, apresentam níveis mais elevados de ansiedade durante a interacção e raiva e hostilidade dirigidas ao parceiro.

Alguns destes estudos (e.g. Collins & Read, 1994; Feeney & Noller, 1990; Hazan & Shaver, 1987) procuram analisar ainda em que medida as experiências de vinculação na infância relacionam-se com os padrões de vinculação ao par amoroso. Os resultados sugerem uma associação positiva entre a percepção da qualidade da relação estabelecida na infância com os pais e o padrão de vinculação com o par amoroso. Isto é, indivíduos avaliados como seguros na relação amorosa tendem a caracterizar a relação na infância com os pais como mais carinhosa, protectora e segura, quando comparados com os outros padrões de vinculação. Estes dados são consistentes com a teoria que, como já vimos, realça a influencia que os acontecimentos ocorridos durante a história relacional do indivíduo, e em particular os modelos internos dinâmicos construídos a partir das interacções com as figuras de vinculação primárias, têm na capacidade do indivíduo estabelecer relações afectivas na idade adulta.

Apesar da universalidade das características que definem uma relação de intimidade, os indivíduos divergem uns dos outros na forma como as experienciam. Essas diferenças resultam de experiências relacionais diversas que orientam o indivíduo na avaliação que vai construindo acerca de si próprio e dos outros. Histórias de responsividade, apoio e segurança na relação com as figuras de vinculação desenvolvem no indivíduo sentimentos de valorização pessoal, do outro e da relação. A teoria da vinculação permite, neste sentido, compreender de que forma os diferentes padrões de vinculação se manifestam na qualidade da intimidade e de que forma as experiências de vinculação na infância podem contribuir para o desenvolvimento da mesma na idade adulta.

2.4. Vinculação no contexto das relações íntimas: métodos de avaliação

No decurso das últimas décadas, a literatura tem-se debruçado de modo crescente sobre a especificidade da vinculação no contexto de relações íntimas na idade adulta, com especial ênfase atribuído a diferentes linhas de investigação dirigidas à avaliação da representação da vinculação de cada elemento do casal, ao comportamento diádico

avaliado em tarefas de interação de casal e à percepção de cada indivíduo relativamente à relação, ao parceiro e a si no contexto de relacionamentos íntimos.

Neste capítulo não se pretende fazer um levantamento exaustivo de todos instrumentos de avaliação existentes, mas antes salientar as principais linhas orientadoras destas três abordagens metodológicas realçando aqueles que são os instrumentos mais estudados.

2.4.1. Medidas representacionais

O uso de narrativas ou entrevistas na avaliação da vinculação baseia-se na ideia de que a linguagem permite o acesso às representações dos sujeitos acerca de aspectos relacionados com as suas experiências de vinculação (Main et al, 1985).

Como já foi abordado num ponto anterior, o estudo do domínio representacional foi claramente potenciado pelo desenvolvimento da *AAI* (George, Kaplan & Main, 1985), entrevista semi-estruturada dirigida à activação do sistema de vinculação pelo elicitar de memórias referentes a experiências com as figuras parentais. Paralelamente, mas com enfoque na conceptualização da vinculação no âmbito das relações íntimas na idade adulta, surge a *Current Relationship Interview - CRI* (Crowell, 1990). Nesta entrevista o foco recai igualmente sobre a avaliação da qualidade da representação da relação, do *self* e do outro na relação, sendo aqui o parceiro assumido como a figura de vinculação. À semelhança do que ocorre na *AAI*, realça-se a qualidade da organização da narrativa (nas dimensões semântica e episódica), em detrimento do conteúdo das experiências, emergindo a classificação do sujeito de acordo com padrões de organização da vinculação equivalentes aos apresentados por Main e cols. (1985) na *AAI*. Neste sentido, os indivíduos classificados como seguros apresentam um discurso claro e coerente, explorando sentimentos e pensamentos sobre a sua relação, mostrando-se capazes de usar o outro como base segura e funcionar para o outro como tal. Os sujeitos inseguros/desligados revelam pouca evidência de que o parceiro seja visto como uma fonte de suporte e apoio. O discurso é incoerente, marcado pela idealização ou normalização das experiências. Os sujeitos inseguros/preocupados revelam uma forte dependência e ansiedade na relação com o outro, apresentando um discurso marcado pela ambivalência e confusão face às experiências de vinculação (Crowell, Fraley & Shaver, 1999; Treboux, Crowell & Waters,

2004). A classificação não-resolvido é atribuída quando experiências traumáticas de perdas ou abusos provocam um funcionamento disruptivo ou desorganizado da relação actual. Relativamente à distribuição destes padrões, Crowell e Waters (1997 cit in Crowell, Fraley & Shaver, 1999) numa amostra de 124 sujeitos observam que 46% dos indivíduos são considerados seguros, 38% desligados, 14% preocupados e 2% não-resolvidos. Analisando a mesma amostra por díades (62 casais), em 33% dos casais ambos os indivíduos são classificados como seguros, em 7% o homem é considerado seguro e a mulher inseguro, em 30% o homem é inseguro e a mulher seguro e por ultimo em 30% dos casais ambos os parceiros são inseguros. Ainda o mesmo estudo salienta também que os indivíduos considerados seguros referem uma maior satisfação com a relação, um maior compromisso e emoções positivas, por oposição aos padrões inseguros, onde os níveis de emoções negativas são mais elevados, enquanto que a intimidade e a satisfação são reduzidas. Vários estudos de cariz longitudinal (Roisman, et al., 2001; Roisman, et al., 2005; Treboux, Crowell e Waters, 2004) salientam a *CRI* como uma medida que prediz a qualidade da relação actual, sendo que resultados no sentido da segurança associam-se a uma avaliação da relação mais favorável. Os mesmos estudos referem também a existência de uma continuidade na avaliação global da representação da vinculação na infância (*AAI*) e na relação actual (*CRI*), no entanto esta continuidade é apenas moderada e não total, reforçando a ideia de que apesar da estabilidade dos modelos internos dinâmicos estes são o produto da história desenvolvimental do indivíduo e das circunstâncias actuais e por isso a mudança é sempre possível (Bowlby, 1988).

A *CRI* tem sido a entrevista mais utilizada nos estudos sobre a representação da vinculação nas relações íntimas. No entanto, outras medidas foram desenvolvidas com o mesmo intuito, derivando muitas delas igualmente da *AAI*. Destacamos, a título de exemplo, a *Couple Attachment Interview (CAI)*; Silver & Cohn, 1992) e seu sistema de cotação (Cowan, et al., 1999) e a *Marital Attachment Interview (MAI)*; Dickstein, Seifer, St.Andre & Schiller, 2001). Consistem em entrevistas semi-estruturadas que, à semelhança da *CRI*, procuram incidir sobre dimensões essenciais no estudo da vinculação, nomeadamente a procura e prestação de cuidados, experiências de separação, ameaça ou rejeições, expectativas e qualidade da relação actual. Tal como sugere a teoria, todas estas medidas

indicam que indivíduos classificados como seguros ao nível da organização da vinculação com o companheiro apresentam uma maior satisfação com a relação, um maior envolvimento, intimidade com o outro, percepcionando-o como fonte de segurança e conforto (Alexandrov, Cowan & Cowan, 2005; Dickstein, et al., 2001).

Assumindo como grelha de leitura a Teoria da Vinculação até ao momento exposta, foi desenvolvida no âmbito do Grupo de Estudos da Vinculação (GEV) a *Intimate Relationships Interview (IRI*; Lima, Soares, Vieira & Collins, 2005), uma entrevista semi-estruturada que permite a avaliação da representação das relações íntimas, analisando o modo como o sujeito organiza as suas experiências no contexto da relação, como as integra e lhes atribui significado. Esta entrevista distingue-se das anteriores por não permitir identificar padrões de vinculação, mas, com base num conjunto de escalas, avaliar dimensões importantes no contexto das relações íntimas, nomeadamente a regulação emocional, a intimidade sexual, a capacidade de procurar e proporcionar cuidados e a base segura (Lima, Vieira & Soares, 2006). Esta entrevista será alvo de uma apresentação mais detalhada no capítulo referente à metodologia.

2.4.2. Medidas comportamentais

O recurso a metodologias observacionais tem sido alvo de grande interesse no estudo da vinculação no contexto das relações íntimas (Margolin, et al., 1998). No contexto da avaliação das relações íntimas, poder-se-á destacar os trabalhos de Simpson, Rholes e Nelligan (1992) e Collins e Feeney (2000), já citados, como pioneiros na tentativa de criar situações experimentalmente controladas para activar o sistema de vinculação. Ao produzir *distress* num dos elementos do casal procuram avaliar a presença de comportamentos de procura de apoio, atendendo igualmente à disponibilidade e responsividade do parceiro na prestação desses cuidados.

Este tipo de metodologia permite o estudo dos comportamentos de vinculação e das interacções entre os elementos de uma relação. À semelhança do que ocorre na *Situação Estranha* de Ainsworth e cols. (1978), pretende-se que determinadas situações apresentadas ao casal se constituam como suficientemente activadoras do sistema de vinculação, possibilitando deste modo a observação e avaliação de comportamentos de

procura e prestação de cuidados, regulação emocional, negociação, resolução de conflitos, entre outros (Collins & Feeney, 2000; Crowell, et al. 2002; Feeney, 1999; Margolin, et al., 1998). Durante estas tarefas é pedido ao casal que discuta aspectos problemáticos vivenciados no contexto da relação actual e fora dela (e.g. Collins & Feeney, 2000; Crowell et al., 2002; Roisman et al., 2001, 2005), activando deste modo o sistema de vinculação à semelhança do que se pretende fazer a nível representacional pelo elicitar de memórias referentes a experiências com as figuras de vinculação. O foco da avaliação assenta na qualidade e extensão da comunicação entre o casal, atendendo a comportamentos verbais e não verbais.

Os sistemas de cotação desenvolvidos para classificar os comportamentos observados nas interações são diversos. Destacam-se o *Marital Interaction Coding System (MICS*; Hops, et al., 1972) e as várias revisões ao longo dos anos que enfatizam a avaliação dos comportamentos diádicos e o *Secure Base Scoring System (SBSS*; Crowell, et al., 1998) que contempla a avaliação da activação do sistema de procura e prestação de cuidados de modo diferencial para cada elemento da díade. Crowell e cols. (2002), num estudo com 157 casais, encontram correlações positivas significativas entre as escalas individuais de procura e prestação de cuidados e as escalas de avaliação de comportamentos diádicos positivos (e.g. qualidade da relação, comunicação, aceitação, abertura) e por outro lado, correlações negativas significativas entre o procurar e prestar cuidados e escalas de avaliação de comportamentos diádicos negativos (e.g. hostilidade, distanciamento, isolamento).

O *Couples Interaction Task (CIT*; Collins, Hennighausen, Madsen & Roisman 1998) é um outro procedimento de avaliação da interacção do casal, desenvolvido no âmbito do *Parent-Child Minnesota Longitudinal Study*, e que se baseia, à semelhança dos anteriores, na avaliação de comportamentos diádicos ocorridos durante a realização de tarefas desafiantes e activadoras do sistema de vinculação. O sistema de cotação incide na análise dos comportamentos partilhados de expressão e regulação do afecto, negociação e resolução de conflitos e comportamentos característicos das relações de vinculação, nomeadamente base segura, procura e prestação de cuidados (Faria, et al., 2007). Este sistema de cotação será apresentado com maior detalhe no capítulo da metodologia.

Os estudos que procuram conjugar as metodologias comportamentais com as de cariz representacional (e.g. Crowell et al., 2002; Roisman et al., 2001, 2005) revelam uma associação entre a representação da vinculação e a partilha de afecto durante a interacção, sendo que a ocorrência de afecto positivo é maior nos indivíduos com uma organização da vinculação segura. No mesmo sentido, os comportamentos de procura e prestação de cuidados em situações potenciadoras de *distress* são mais facilmente observáveis em indivíduos com uma representação segura da relação.

2.4.3. Medidas de auto-relato

O estudo da vinculação no contexto das relações íntimas encontra as suas raízes nos trabalhos de Hazan e Shaver (1987; 1994) que, como já vimos, desenvolveram instrumentos de auto-relato para a avaliação dos padrões de vinculação no adulto. Desde então, assiste-se a uma pluralidade de trabalhos dirigidos à avaliação das diferenças individuais nos adultos no contexto das relações íntimas, e que podem ser organizadas em três grandes abordagens: categorial ou tipológica, dimensional e prototípica (Brennan, Clark & Shaver, 1998; Feeney, Noller & Hanrahan, 1994; Feeney & Noller, 1996).

A medida original de Hazan e Shaver (1987) pode ser considerada o exemplo mais significativo das abordagens categoriais ou tipológicas. O instrumento composto por três parágrafos, procura ilustrar os padrões de relacionamento amoroso baseados nos padrões de vinculação definidos por Ainsworth e cols (1978) – seguro, inseguro-ambivalente e inseguro-evitante. Os estudos realizados com base neste instrumento (Brennan & Shaver, 1995; Feeney & Noller, 1990; Hazan & Shaver, 1994) mostram que os indivíduos seguros evidenciam níveis mais elevados de confiança em si próprios e nas suas relações, percepcionando-as de um modo mais positivo. Os sujeitos evitantes revelam maiores dificuldades em depender e sentirem-se próximos do outro, evitando por isso a intimidade. Os sujeitos ambivalentes caracterizam-se por uma elevada dependência face ao outro, uma maior vulnerabilidade à solidão e por um desejo de posse e fusão.

Não negando o forte impacto que os trabalhos de Hazan e Shaver (1987; 1994) tiveram no desenvolvimento da investigação empírica, este tipo de abordagem categorial apresenta algumas fragilidades. Ao apresentarem uma categorização simplista das relações de

vinculação, assumem que os diferentes padrões de relacionamento amoroso são mutuamente exclusivos. Contrariamente a esta perspectiva categorial da vinculação, as abordagens dimensionais consideram a possibilidade do sujeito se situar ao longo de dimensões contínuas, permitindo assim uma maior variabilidade entre os sujeitos. A este nível podemos destacar os trabalhos de Collins e Read (1990) no desenvolvimento da *Adult Attachment Scale*. Este questionário foi construído a partir dos parágrafos de Hazan e Shaver (1987), tendo sido acrescentado itens que procuram avaliar a disponibilidade e a responsabilidade da figura de vinculação bem como as reacções a situações de separação. As dimensões que constituem a versão final do questionário, com 18 itens, são: *Close* definida como o conforto com a proximidade, *Depend* referente à confiança nos outros e *Anxiety* que avalia a preocupação do indivíduo em ser abandonado ou rejeitado (Collins & Read, 1990). Esta escala foi traduzida e adaptada para a população portuguesa por Canavarro (1999a), adoptando a designação de Escala da Vinculação do Adulto – EVA. Os trabalhos referentes a este questionário serão apresentados de uma forma mais detalhada no capítulo da Metodologia.

Como forma de conciliar as duas abordagens anteriores surgem as abordagens prototípicas. Se por um lado consideram a existência de padrões distintos de vinculação, por outro lado assumem que cada sujeito poderá caracterizar-se por elementos referentes a padrões diferentes (Bartholomew & Shaver, 1998). Esta abordagem, para além de uma maior variabilidade inter-individual, permite também a coexistência de elementos de vários padrões num mesmo sujeito. Isto é, um indivíduo não é classificado como exclusivamente seguro, mas como predominantemente seguro, ainda que com algumas características de outros padrões. Apoiando-se na teoria de Bowlby, Bartholomew e cols. (Bartholomew & Horowitz, 1991; Griffin & Bartholomew, 1994) elaboram um modelo bidimensional composto por dois eixos - os modelos internos dinâmicos do *self* e dos outros – que se cruzam dando origem a quatro quadrantes. A conjugação destes dois eixos permite assim a obtenção de quatro protótipos de vinculação – seguro, preocupado, desligado e amedrontado. O protótipo seguro (modelo positivo acerca de si próprio e dos outros) caracteriza-se pela autonomia e valorização das relações íntimas. O protótipo desligado (modelo positivo acerca do *self* e negativo acerca do outro) é caracterizado pela desvalorização da

importância das relações íntimas e pela ênfase na independência face à relação. O protótipo preocupado (modelo negativo acerca do self e positivo acerca do outro) caracteriza-se por uma procura exacerbada de atenção e aprovação por parte dos outros e por um hiper-envolvimento nas relações íntimas. Por último, o protótipo amedrontado (modelo negativo acerca de si próprios e dos outros) é caracterizado pelo evitamento das relações íntimas por insegurança e medo de rejeição. Num estudo com estudantes universitários Bartholomew e Horowitz (1991) encontraram uma distribuição de 47% dos sujeitos seguros, 21% amedrontados, 18% desligados e 4% preocupados. A aplicabilidade desta abordagem prototípica ao estudo das relações íntimas revela que os indivíduos avaliados como seguros são os que tendem a apresentar maiores níveis de auto-estima, intimidade e capacidade de procurar apoio no parceiro.

Neste capítulo procurámos desenvolver as principais abordagens conceptuais que oferecem contributos de relevo para o estudo da vinculação na idade adulta. Contextualizámos as especificidades da vinculação na idade adulta, dando particular atenção ao contexto das relações íntimas, bem como salientámos as principais metodologias de avaliação da vinculação utilizadas. Assumindo este enquadramento conceptual e empírico, o capítulo seguinte apresenta uma investigação que incide no estudo da vinculação e intimidade em casais.

Parte B
Estudo Empírico

CAPITULO 3

OBJECTIVOS E METODOLOGIA

Este capítulo inicia com a apresentação dos objectivos do estudo, seguindo-se a metodologia adoptada em termos de descrição dos critérios de selecção da amostra, dos instrumentos utilizados e dos procedimentos na recolha e na análise dos dados.

O presente estudo foi realizado no âmbito de um projecto mais vasto sobre Vinculação nas Relações Intimas, partilhando com este algumas das medidas e dos seus participantes.

3.1. Objectivos

Fundamentado no enquadramento teórico descrito nos capítulos anteriores, o desenvolvimento do presente estudo, de cariz exploratório, tem como objectivo geral a integração de diferentes métodos no estudo da vinculação no contexto das relações íntimas. Pretende-se examinar dimensões específicas da vinculação no domínio representacional, através de uma entrevista, no domínio comportamental, através da observação do processo de interacção entre o casal e no domínio das percepções dos sujeitos sobre a vinculação, através de uma medida de auto-relato.

Os objectivos específicos do estudo organizam-se nos seguintes tópicos:

- Analisar as relações entre dimensões específicas da vinculação nos domínios representacional e comportamental, nomeadamente:
 - entre idealização e qualidade da relação
 - entre coerência e qualidade da relação
 - entre desenvolvimento do indivíduo/desenvolvimento da relação ao nível representacional e comportamental

- entre procura e prestação de cuidados ao nível representacional e comportamental
 - entre representação da procura e prestação de cuidados e comportamentos de base segura
- Examinar as relações entre a percepção dos sujeitos sobre a vinculação e dimensões específicas da vinculação nos domínios representacional e comportamental, nomeadamente procura e prestação de cuidados, desenvolvimento do indivíduo/desenvolvimento da relação e qualidade da relação.

3.2. Método

3.2.1. Desenho do estudo

Seguindo uma metodologia de investigação quantitativa, o presente estudo obedece a um desenho não experimental, também designado por estudo correlacional ou de observação (Almeida e Freire, 2003; Pinto, 1990; Tabachnick & Fidel, 1996), uma vez que não há manipulação de variáveis independentes nem estabelecimento de causalidades, mas sim a descrição dos fenómenos e análise de relações entre as variáveis em estudo (Almeida e Freire, 2003).

3.2.2. Amostra

3.2.2.1. Selecção da amostra

A amostra é constituída por casais heterossexuais, de nacionalidade portuguesa, com idades compreendidas entre os 25 e os 35 anos. Na definição da faixa etária tivemos em consideração por um lado o nosso interesse em estudar jovens casais e, por outro lado, a delimitação da faixa etária enquanto factor de homogeneização da amostra. O critério de dois anos como tempo mínimo de duração da relação amorosa foi definido com base em vários estudos (Hazan & Zeifman, 1999; Hazan & Shaver, 1994; Hazan & Zeifman, 1994 cit

in Cassidy, 2001; Sternberg, 1986) que salientam que em média, numa relação conjugal, o parceiro constitui-se como principal figura de vinculação a partir do 2º ano da relação. Definiu-se ainda como critério de selecção o tempo de coabitação não inferior a 6 meses. Optamos por incluir na amostra apenas casais sem filhos, procurando controlar deste modo a influencia que a parentalidade possa ter na qualidade da relação conjugal (Treboux, & Crowell, 2001). Definiu-se igualmente como critério de selecção da amostra a ausência de experiências anteriores de casamento/união de facto.

Tratando-se de uma amostra não-clínica, estabeleceu-se ainda como critério de exclusão a presença de sintomatologia psicopatológica, em pelo menos um dos elementos do casal. Para tal foi utilizado o Inventário de Sintomas Psicopatológicos (Canavarro, 1999b)¹. A necessidade de controlar, neste estudo, a presença de psicopatologia relaciona-se com o facto de, numa perspectiva desenvolvimental, as experiências relacionais e o modo como estas são organizadas mentalmente pelo indivíduo desempenharem um papel importante em diferentes tipos de comportamento sintomático (Carson e Sroufe, 1995 cit in Soares, 2000).

Os casais que fazem parte do estudo foram seleccionados segundo um formato de conveniência (Hill & Hill, 2005), através de contactos informais.

¹ O Inventário de Sintomas Psicopatológicos (Canavarro, 1999) é a versão portuguesa do *Brief Symptom Inventory- B.S.I.* (Derogatis, 1982). É um instrumento de auto-relato, composto por 53 itens, que avalia a presença de sintomas psicopatológicos em nove dimensões: somatização, obsessão-compulsão, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ansiedade fóbica, ideação paranóide, psicoticismo. É solicitado ao sujeito que classifique o grau em que cada problema apresentado o afectou durante a última semana, de acordo com uma escala tipo Likert, que oscila entre 0 ("Nunca") e 4 ("Muitíssimas vezes") (Ver anexo 6). Para a interpretação dos resultados poderão ser calculados 3 índices globais: *Índice Geral de Sintomas* (número de sintomas psicopatológicos e sua intensidade), *Total de Sintomas Positivos* (número de sintomas assinalados) e *Índice de Sintomas Positivos* (combina a intensidade da sintomatologia com o número de sintomas presentes). De acordo com os estudos psicométricos realizados até ao momento na população portuguesa (Canavarro, 1999), o instrumento apresenta níveis adequados de consistência interna para as nove escalas (valores de *alpha de Cronbach* entre .62 e .79), possuindo igualmente uma boa estabilidade temporal. Este instrumento não permite a formulação de um diagnóstico clínico, mas avalia o tipo de sintomatologia que mais perturba o indivíduo, permitindo discriminar indivíduos perturbados emocionalmente e indivíduos pertencentes à população em geral.

3.2.2.2. Caracterização da amostra

Neste estudo participaram 20 casais heterossexuais recolhidos com base nos critérios acima mencionados. De seguida apresentamos a caracterização da amostra relativamente às variáveis sócio-demográficas dos sujeitos que a compõem e às variáveis que caracterizam a relação.

a) Características sócio-demográficas

O quadro 1 descreve as principais características sócio-demográficas dos 40 sujeitos que constituem a amostra de 20 casais. Os sujeitos apresentam idades compreendidas entre os 26 e os 35 anos, sendo a média das idades de 28,15 anos, com 2,10 de desvio padrão. Relativamente às habilitações literárias, salientamos que a maioria dos sujeitos possui uma licenciatura. No que se refere à situação profissional, após a análise da distribuição desta variável, optámos por agrupar os sujeitos em categorias, utilizando para tal uma adaptação da Classificação Nacional das Profissões. Na presente amostra predominam as profissões ligadas aos *Quadros superiores, profissões intelectuais e científicas* (e.g. Professor, Engenheiro, Médico), à categoria de *Pessoal administrativo e dos serviços* (e.g. Empregado de escritório, Empregado de comércio, Agente de Polícia) e aos *Técnicos e profissionais de nível intermédio* (e.g. Técnico de informática, Técnico de controlo de qualidade, Desenhador).

Quadro 1: Caracterização sócio-demográfica da amostra

		<i>M (D.P)</i> ^a	<i>N</i> ^b	Mínimo	Máximo
Idade		28,15 (2,10)		26	35
Habilitações Literárias	Até 9º ano		1		
	Até 12º ano		10		
	Licenciatura		25		
	Pós-graduação		4		
Profissão	Quadros superiores, profissões intelectuais/científicas		18		
	Técnicos e profissionais de nível intermédio		9		
	Pessoal administrativo e dos serviços		10		
	Estudante		2		
	Desempregado		1		

a) Média (Desvio Padrão)

b) Número de Sujeitos

b) Características da relação

A leitura do quadro 2 permite observar que, relativamente ao tipo de relação, mais de metade dos casais da amostra ($n=17$) são casados e os restantes ($n=3$) vivem em união de facto. Quanto ao tempo total da relação, este varia entre os 26 meses (2 anos e 2 meses) e os 200 meses (16 anos e 8 meses). Em média, a duração dos relacionamentos é de 7 anos e 5 meses ($M=89,35$; $DP=41,55$). No que respeita ao tempo total de coabitação, os valores oscilam entre os 8 meses e os 116 meses (9 anos e 8 meses), sendo em média de 2 anos e 7 meses ($M=31,50$; $DP=24,53$).

Quadro 2: Caracterização da Relação dos casais

		<i>M (D.P)</i> ^a	<i>N</i> ^b	Mínimo (meses)	Máximo (meses)
Tipo de Relação	Casamento		17		
	União de facto		3		
Tempo Total de Relação		89,35 (41,55)		26	200
Tempo Total de Coabitação		31,50 (24,53)		8	116

a) Média (Desvio Padrão)

b) Número de Sujeitos

3.2.3. Medidas

Os instrumentos seleccionados para este estudo são apresentados de seguida, pela ordem correspondente à sua aplicação.

3.2.3.1. Ficha de Dados Sócio-Demográficos

A Ficha de Dados Sócio-Demográficos consiste num questionário de preenchimento breve que visa a recolha de informações sobre variáveis sócio-demográficas referentes a cada elemento do casal (idade, estado civil, habilitações literárias, profissão) e a características da relação (tempo total da relação, tempo de coabitação, tipo de relação). (Ver Anexo 1).

3.2.3.2. Representação das Relações Íntimas: *Intimate Relationship Interview*

a) Objectivos gerais e enquadramento teórico

A construção da *Intimate Relationship Interview – IRI* (Lima, Soares, Vieira, & Collins, 2005) assume como suporte teórico de base a conceptualização da vinculação em termos de Modelos Internos Dinâmicos, de acordo com o exposto na parte teórica do presente trabalho. A emergência do domínio representacional na investigação sobre vinculação na idade adulta permitiu, nomeadamente através de entrevistas, avaliar o modo como o sujeito se confronta com a temática da vinculação, apelando a memórias e a apreciações gerais sobre as suas relações (Soares, 1996b).

Nesta perspectiva, à semelhança de outras entrevistas como a *Current Relationship Interview* (Crowell, 1990), *Marital Attachment Interview* (Dickstein, et al., 2001) ou *The Couple Attachment Interview* (Silver & Cohn, 1992), a *IRI* tem por objectivo avaliar a representação das relações íntimas entre adultos. No entanto, ao contrário das anteriores, esta entrevista não permite identificar padrões de vinculação, mas, com base num conjunto de escalas, avaliar dimensões importantes no contexto das relações íntimas, nomeadamente a regulação emocional, a intimidade sexual, a capacidade de procurar e proporcionar cuidados e a base segura.

O foco da entrevista é colocado no modo como o sujeito organiza internamente as suas experiências no contexto das relações íntimas, como as integra e lhes atribui significado e quais as principais estratégias comportamentais que utiliza. Esta avaliação é feita a dois níveis: por um lado, o nível semântico, que se traduz no modo como o indivíduo descreve as suas experiências e as avaliações e interpretações que faz das mesmas e, por outro lado, o nível episódico que se reflecte na capacidade do indivíduo sustentar as suas descrições através de acontecimentos específicos e relevantes do ponto de vista do seu relacionamento íntimo.

b) Descrição da entrevista

A *IRI* é uma entrevista semi-estruturada, que pretende avaliar a representação da relação íntima por parte de cada um dos elementos do casal. O protocolo da entrevista incide em cinco grandes tópicos, cada um dos quais explorado por um conjunto de questões standardizadas.

A entrevista começa por abordar a influência, ao nível da relação íntima actual, de outras relações do passado, nomeadamente com as figuras de vinculação na infância e ao longo do desenvolvimento. Em seguida, são explorados os padrões de interacção relacionados com a procura e prestação de cuidados, quer em situações de desconforto não directamente relacionadas com a relação, tais como problemas no contexto laboral ou com amigos, quer em situações associadas com a própria relação, como um conflito ou desentendimento do casal. As questões seguintes incidem na regulação de proximidade e distância face ao outro e na reflexão sobre a relação do ponto de vista sexual, nomeadamente ao nível da comunicação, satisfação e expressão do desejo sexual. Por último, a *IRI* foca a satisfação, expectativas e aprendizagens associadas à relação, procurando avaliar em que medida o indivíduo considera a sua relação como promotora de crescimento pessoal, num balanceamento entre as necessidades individuais e da relação.

A administração da *IRI* é feita individualmente e tem uma duração média de cerca de 30 minutos. A entrevista é gravada em registo áudio e transcrita para posterior avaliação.

c) Sistema de cotação

O sistema de cotação da *IRI* (Lima, Vieira, Soares & Collins, 2005) é composto 7 escalas, de cinco pontos cada (Ver Anexo 2).

Procurando incidir no que há de singular no contexto das relações íntimas, nomeadamente a capacidade de integração e de regulação da emocionalidade, a simetria e a reciprocidade na procura e na prestação de cuidados, a intimidade sexual e o equilíbrio entre necessidades individuais e relacionais, foram desenvolvidas cinco escalas:

- ▶ A escala de *Integração da Emocionalidade Negativa e Positiva* permite avaliar a expressão de afecto negativo (e.g. verbalizações que reflectem frustração, raiva ou hostilidade) e de afecto positivo (e.g. expressão de sentimentos positivos dirigidos ao outro) e o seu reconhecimento e integração num todo organizado e coerente.
- ▶ A escala de *Careseeking* avalia a capacidade do sujeito procurar cuidados, expressando de forma clara o seu mal-estar ou vulnerabilidade, mantendo estes sinais até que o outro os reconheça, e mostrando disponibilidade para ser confortado pelo outro.
- ▶ A escala de *Caregiving* avalia a capacidade do indivíduo reconhecer os sinais de vulnerabilidade e de mal-estar do outro, satisfazendo as suas necessidades de conforto e protecção de um modo adequado e eficaz, assumindo-se, assim, como base segura para o outro.
- ▶ A escala de *Intimidade Sexual* centra-se na avaliação da proximidade física e emocional, da abertura e à-vontade no contexto da expressão e da comunicação sobre tópicos de natureza sexual.
- ▶ A escala *Desenvolvimento do Indivíduo versus Desenvolvimento da Relação* pretende avaliar em que medida o sujeito é capaz de, no contexto da relação, experienciar crescimento pessoal e perceber-se como autónomo, ou, se pelo contrário, a relação constrange os seus recursos ou inibe as necessidades e objectivos individuais.

Tal como foi referido anteriormente, o objectivo da *IRI* é avaliar o modo como o sujeito organiza internamente as suas experiências no contexto das relações íntimas, tendo por base dois níveis de análise – o semântico e o episódico. Neste sentido, como forma de avaliar a qualidade da organização discursiva da experiência foram desenvolvidas duas escalas:

- ▶ A escala de *Idealização* avalia a discrepância entre a percepção geral que o indivíduo apresenta de si próprio, do outro e da relação e a sustentação episódica que confere a esses aspectos.
- ▶ A escala de *Coerência* incide na precisão e clareza do discurso do indivíduo relativamente ao outro, a si e à relação, à capacidade de se manter centrado nos tópicos da entrevista, apresentar evidência para as suas avaliações e percepções gerais e reflectir e integrar as suas experiências no contexto da relação.

Cada *IRI* é cotada por dois juizes independentes, previamente formados no método de avaliação. Nos casos em que não se verifica o acordo entre os dois juizes, as entrevistas são cotadas por um terceiro juiz. Como forma de avaliar a fidelidade dos resultados obtidos é utilizado como método de cálculo o acordo inter-observadores, em particular o Coeficiente de Correlação Intraclasse por se tratar de variáveis ordinais (Martins & Machado, 2006). Para todos os pares de juizes os resultados obtidos oscilam entre .85 e .92 ($p < .001$), sugerindo bons níveis de fidelidade.

d) Características metrológicas

Procedeu-se à análise das características metrológicas dos resultados da *IRI*, procurando compreender as propriedades desta entrevista na amostra seleccionada. Na presente investigação, de cariz exploratório, a amostra é constituída por um número reduzido de casais ($N=20$), o que impossibilita o estudo da validade do instrumento, nomeadamente através da análise factorial, que, de acordo com a literatura, recomenda, no mínimo, 5 casos por variável (Pallant, 2005; Pestana & Gageiro, 2000; Tabachnick & Fidel, 1996). Deste modo, procedemos apenas à análise da fidelidade dos resultados.

A fidelidade dos resultados foi avaliada através da consistência interna ou homogeneidade dos itens. Este método fornece “o grau de uniformidade ou de coerência existente entre as respostas dos sujeitos a cada um dos itens que compõem a prova” (Almeida & Freire, 2003, p.163). Tratando-se de escalas ordinais em todas as variáveis, foi calculado o coeficiente de *Alpha de Cronbach*, que será tanto maior quanto maior for a consistência interna ou homogeneidade dos itens (Almeida & Freire, 2003). Na literatura tem sido sugerido que uma consistência interna aceitável deve exceder um *Alpha* de .70 (Field, 2005; Almeida & Freire, 2003), ainda que valores acima de .60 tornam-se aceitáveis quando as escalas têm um número reduzido de itens (Freire & Almeida, 2001), como é o caso da *IRI*.

No presente estudo, o valor do *alpha* para o total de indivíduos foi de .95, indicando que o instrumento apresenta uma boa fidelidade. Analisando separadamente os elementos do casal, o coeficiente de *alpha* de Cronbach para os homens é de .96 e para as mulheres de .93. Como forma de avaliar a força da relação entre cada escala do instrumento e o valor total, salientamos ainda a correlação item-total corrigido. Uma vez que a *IRI* apresenta apenas sete escalas, este cálculo exclui o item em análise, evitando que este contribua para a sua correlação com o valor total (Almeida & Freire, 2003). Os resultados, quer para os homens como para as mulheres, revelam que todas as escalas apresentam correlações altas com o valor total, acima do valor .03 de referência (Field, 2005).

Quadro 3: Correlações item-total na IRI

	Correlação Item-Total corrigido: Homens	Correlação Item-Total corrigido: Mulheres
Integração da emocionalidade negativa e positiva	,891	,870
Procura de cuidados (Careseeking)	,912	,805
Prestação de cuidados (Caregiving)	,853	,858
Intimidade sexual	,786	,542
Desenvolvimento do indivíduo/desenvolvimento da relação	,875	,902
Idealização*	,890	,793
Coerência	,881	,802

* Item invertido

3.2.3.3. Comportamentos diádico: *Couples Interaction Task*

a) Objectivos gerais

Couples Interaction Task – CIT (Collins, Hennighausen, Madsen & Roisman 1998) consiste numa metodologia de observação e avaliação directa da interacção do casal. Perante determinadas situações apresentadas ao casal, pretende-se activar o sistema de vinculação, possibilitando deste modo a observação e avaliação de comportamentos de procura e prestação de cuidados, entre outros (Collins & Feeney, 2000; Crowell *et al.*, 2002; Feeney, 1999). Esta metodologia requer a gravação vídeo das interacções para posterior avaliação. Tem uma duração média de 40 minutos e é composta por uma tarefa de negociação e resolução de conflitos potencialmente geradora de *stress* - Markman-Cox (Cox, 1991) - e uma tarefa colaborativa - Ideal Couple Q-Sort (adaptado do *Dyadic Relationship Q-sort* de Bengtson & Grotevant, 1994).

b) Descrição do procedimento

Cada elemento do casal preenche, individualmente, um breve questionário, *Relationship Problem Inventory* (Cox, 1991) (ver anexo 3), onde deve indicar o grau pelo qual cada uma das áreas apresentadas (e.g. dinheiro, comunicação, sexo, divisão de tarefas) é um problema na sua relação no momento presente. O questionário apresenta uma listagem de 11 possíveis áreas problemáticas no contexto das relações íntimas, com possibilidade do individuo acrescentar outros problemas a essa lista, que deverão ser avaliadas de acordo com uma escala de 10 pontos, tipo Likert, oscilando entre 1 (“*Não é problemático*”) e 10 (“*É muito problemático*”).

Posteriormente, dá-se início à gravação em formato vídeo das tarefas de interacção do casal. Num primeiro momento – tarefa *Markman-Cox* (Cox, 1991) – é pedido ao casal que em conjunto, com base no questionário preenchido anteriormente, decida qual o maior problema da relação ou qual a área que mais discórdia gere entre o casal. Durante 10 minutos deverão discutir esse tópico, procurando encontrar uma solução satisfatória para ambos. Em seguida é pedido ao casal para que, durante 4 minutos, fale sobre todas as áreas que não são um problema na relação. Num segundo momento do protocolo de

avaliação – *Ideal Couple Q-Sort* (adaptado do *Dyadic Relationship Q-sort* de Bengtson & Grotevant, 1994) – é pedido ao casal que distribua 45 itens (e.g. “Ter os mesmos interesses”, “Estar fisicamente atraídos um pelo outro”, “Sentir-se seguro e confiante na relação”) por 3 categorias (caracteriza bem; caracteriza nem bem nem mal; caracteriza mal), de acordo com o que consideram ser um casal ideal ou perfeito. Nesta tarefa não é imposto qualquer limite de tempo. Com a excepção dos momentos em que são dadas as instruções, as tarefas são realizadas pelos casais na ausência do investigador.

c) Sistema de Cotação

O sistema de cotação baseia-se num conjunto de 10 escalas (Collins, Hennighausen, Madsen & Roisman, 1998), a partir das quais o casal é cotado como uma unidade, ou seja, para cada escala há uma única cotação referente à interacção diádica. As 10 escalas agrupam-se em 4 dimensões que têm como principal objectivo avaliar o processo de interacção e não o conteúdo da mesma: Tonalidade afectiva (afecto positivo diádico, afecto negativo diádico, raiva e hostilidade), Processo (resolução de conflito e base segura), Equilíbrio / Balanceamento (Assertividade VS auto-retraimento, Desenvolvimento do Individuo VS Desenvolvimento da relação, Relação VS Mundo exterior) e Avaliação global (qualidade da relação). As escalas são cotadas em escalas tipo Likert de 5 e 7 pontos. Os pontos das escalas correspondem à forma e à intensidade com que determinadas características da relação se manifestam durante a interacção.

O contexto de uma relação íntima caracteriza-se pela simetria e pela reciprocidade na procura e na prestação de cuidados (Collins & Feeney, 2000; Collins & Sroufe, 1999; Hazan & Shaver, 1994). A capacidade de cada elemento do casal procurar cuidados, recorrendo ao outro como base segura, e ser igualmente capaz de proporcionar segurança e conforto ao outro, tem sido alvo de diversos estudos no contexto das relações íntimas (e.g. Bouthillier et al., 2002; Crowell et al., 2002; Wampler, Riggs & Kimball, 2004). Neste sentido, procuramos também no presente estudo realizar uma avaliação diferencial da procura (*Careseeking*) e da prestação de cuidados (*Caregiving*) durante o processo de interacção, recorrendo para tal a escalas individuais que constituem a dimensão designada de Cuidados.

O sistema de cotação utilizado para o *Couples Interaction Task* perfaz deste modo um total de 12 escalas, agrupadas em 5 dimensões (Ver anexo 4).

A avaliação do *Couples Interaction Task* é realizada por dois juízes independentes, previamente formados no método de avaliação. O acordo inter-observadores é avaliado através do Coeficiente de Correlação Intraclasse. Em estudos com a mesma metodologia de observação e avaliação directa da interacção do casal e o mesmo sistema de cotação (com excepção das escalas individuais de avaliação do *Careseeking* e *Caregiving*) registam-se acordos entre .81 e .96 ($p < .001$) (Ostrov & Collins, no prelo; Roisman, Collins, Sroufe & Egeland, 2005; Roisman et al., 2001). No presente estudo o acordo inter-observadores para todas as escalas apresenta valores entre .96 e .99 ($p < .001$), sugerindo igualmente bons níveis de fidelidade dos resultados.

d) Características metrológicas

À semelhança da IRI, procuramos conhecer as propriedades da CIT na presente amostra, através da análise das suas características metrológicas. Devido ao número de casais em estudo procedemos apenas à análise da fidelidade dos resultados.

A fidelidade da CIT, analisada através do coeficiente de *Alpha de Cronbach*, revelou valores bastante satisfatórios para três das quatro dimensões diádicas avaliadas pelo instrumento². A dimensão Tonalidade Afectiva apresenta um *alpha* de .77, a dimensão Processo de .81 e na dimensão Equilíbrio/Balanceamento registamos um *alpha* de .86. Relativamente à dimensão Cuidados, avaliada individualmente para os elementos do casal, observa-se igualmente um valor de *alpha* aceitável ($\alpha = .75$). Considerando todas as escalas, a CIT apresenta um *alpha de Cronbach* bastante elevado ($\alpha = .95$), sugerindo uma boa consistência interna do instrumento. No quadro 4 podemos também observar que todas as escalas do instrumento apresentam correlações aceitáveis com o valor total.

² A dimensão Qualidade da Relação é constituída apenas por uma escala, não sendo por isso alvo de análise da homogeneidade dos itens.

Quadro 4: Valores de alpha de Cronbach e correlações item-total para as dimensões avaliadas pela CIT

	α	Correlação Item-Total corrigido
Tonalidade Afectiva	.77	
Afecto Positivo Diádico		,647
Afecto Negativo Diádico*		,706
Raiva*		,588
Hostilidade*		,541
Processo	.81	
Resolução do Conflito		,710
Base Segura		,710
Equilíbrio	.86	
I – Assertividade/ auto-retraimento		,721
II - Desenvolvimento do Individuo/Desenvolvimento da relação		,726
III – Relação/Mundo exterior		,772
Cuidados Total	.75	
Procura Cuidados (Careseeking) - Masculino		,715
Procura Cuidados (Careseeking) - Feminino		,428
Prestação Cuidados (Caregiving) - Masculino		,544
Prestação Cuidados (Caregiving) - Feminino		,504

* Itens invertidos

3.2.3.4. Percepção da vinculação – *Escala de Vinculação do Adulto*

A escala de Vinculação do Adulto (Canavarro, 1999a) representa a versão portuguesa da Adult Attachment Scale-R (AAS-R), construída por Collins e Read (1990). É um instrumento de auto-relato, composto por 18 itens, onde é pedido ao sujeito que indique o grau em que cada uma das afirmações apresentadas descreve a forma como geralmente se sente face às relações afectivas que estabelece, de acordo com uma escala de cinco pontos, tipo Likert, que oscila entre o “*Nada característico em mim*” e o “*Extremamente característico em mim*”.

Com base no instrumento de avaliação da vinculação no adulto de Hazan e Shaver (1987), Collins e Read (1990) desenvolveram um conjunto de itens com o objectivo de identificar dimensões associadas aos três estilos de vinculação no adulto propostos por Hazan e Shaver (1987) e baseados nos padrões de vinculação identificados por Ainsworth para a infância – seguro, evitante e ansioso.

A análise factorial dos 18 itens da AAS-R revelou a presença de 3 dimensões – *Close* (quanto o individuo se sente confortável com a proximidade e a intimidade), *Depend* (quanto o individuo sente poder confiar e depender de outros em situações em que necessita deles) e *Anxiety* (quanto o individuo se sente ansioso nas relações, nomeadamente o receio de ser abandono ou de não ser amado). Os estudos psicométricos revelaram que a escala apresenta uma boa fiabilidade (com valores de *alpha de Cronbach* entre .69 e .75) e estabilidade temporal (Collins e Read, 1990).

Os primeiros estudos psicométricos da versão portuguesa da AAS-R, designada por Escala de Vinculação do Adulto – EVA (Canavarro, 1997, cit in Canavarro, Dias & Lima, 2006) (Ver anexo 5) indicam que o instrumento apresenta níveis adequados de consistência interna (valores de *alpha de Cronbach* entre .68 e .75), assim como uma boa estabilidade temporal. Os estudos posteriores com esta escala são condicentes com o instrumento original, permitindo identificar através da análise factorial as três dimensões descritas por Collins e Read (1990), aqui designadas por: Conforto com a Proximidade, Segurança/Confiança nos Outros e Ansiedade (Canavarro, Dias & Lima, 2006).

À semelhança de outros estudos (Collins & Read, 1990; Collins, 1996, Collins & Feeney, 2000; Feeney, Noller & Hanrahan, 1994) realizou-se com a amostra portuguesa uma análise de *clusters* com as referidas dimensões, tendo sido encontrados *clusters* correspondentes à descrição teórica dos três estilos de vinculação no adulto de Hazan e Shaver (1987) – Seguro (conforto com a proximidade, confiança nos outros e sem receio de abandono), Evitante (desconforto com a proximidade, sem confiança nos outros e sem receio especial de abandono) e Preocupado (desconforto com a proximidade, sem confiança nos outros e com muito receio da possibilidade de abandono) (Canavarro, Dias & Lima, 2006). Seguindo os procedimentos sugeridos por N. Collins (1996, cit in Canavarro, Dias & Lima, 2006) procedeu-se igualmente com a amostra da população portuguesa à classificação dos indivíduos nos quatro protótipos de vinculação definidos por Bartholomew (1990), a partir dos valores médios obtidos na variável Ansiedade e do valor compósito das dimensões Confiança nos Outros e Conforto com Proximidade (Conforto/Confiança). A partir deste cálculo é possível identificar indivíduos Seguros (valores médios superiores a 3 na variável Conforto/Confiança e inferiores a 3 na variável Ansiedade), Preocupados (valores médios

superiores a 3 nas variáveis Conforto/Confiança e Ansiedade), Desligados (valores médios inferiores a 3 nas variáveis Conforto/Confiança e Ansiedade) e Amedrontado (valores médios inferiores a 3 na variável Conforto/Confiança e superiores a 3 na variável Ansiedade) (Canavarro, Dias & Lima, 2006).

Na presente investigação, os dados da EVA apresentam resultados satisfatórios ao nível da fidelidade, com valores de *alpha* de Cronbach para o total da amostra de .81 para a dimensão Ansiedade, de .65 para a dimensão Confiança nos outros e de .76 para a dimensão Conforto com a Proximidade. No quadro seguinte são apresentados os valores de *alpha* de Cronbach analisando separadamente os elementos do casal.

Quadro 5: Valores do *alpha* de Cronbach para as dimensões avaliadas pela EVA

	α - Masculino	α - Feminino
Ansiedade	.73	.85
Confiança nos outros	.72	.55
Conforto com proximidade	.80	.73

3.2.4. Procedimentos

Após caracterizada a amostra e os instrumentos de avaliação utilizados, iremos descrever os procedimentos seguidos na implementação do estudo.

3.2.4.1. Recolha dos dados

Tal como referido anteriormente, a amostra do presente estudo foi seleccionada segundo um formato de conveniência, através de contactos informais feitos pela equipa de investigação.

A recolha de dados decorreu nos distritos de Braga, Porto, Aveiro e Lisboa, tendo o protocolo de avaliação sido realizado em 15 casos em casa dos próprios casais e os restantes 5 casos em gabinete privado disponibilizado pela equipa de investigação. O primeiro contacto com os casais foi estabelecido telefonicamente e teve como objectivo a apresentação do projecto de investigação e o pedido de colaboração, garantindo a

confidencialidade e o anonimato do mesmo. No dia da recolha de dados o consentimento informado por parte dos casais foi devidamente documentado por escrito (ver anexo 7). A aplicação dos instrumentos foi feita pela equipa de investigação, seguindo a ordem apresentada anteriormente na descrição do material. Num primeiro momento, e em conjunto, o casal preencheu a ficha de dados demográficos. Em seguida, a entrevista individual, realizada separadamente aos elementos do casal por dois investigadores. Por último, a tarefa de observação da interacção diádica, realizada novamente em conjunto, no mesmo espaço físico. Os instrumentos de auto-relato (EVA e BSI) foram enviados posteriormente por correio postal ou por correio electrónico. A opção pelo preenchimento posterior dos instrumentos de auto-relato relacionou-se com o tempo requerido pelo protocolo de avaliação, tendo sido nossa intenção evitar o cansaço ou fadiga física dos participantes. Cada protocolo de avaliação demorou, em média, entre 60 a 80 minutos.

Recorde-se que o presente estudo foi conduzido no seio de um projecto mais vasto que envolveu um protocolo de avaliação mais vasto e moroso.

3.2.4.2. Formação na administração e cotação dos instrumentos

Fazendo o presente estudo parte de um projecto de investigação mais alargado, os responsáveis pelo mesmo foram alvo de formação específica na administração e cotação de algumas medidas, nomeadamente ao nível da *Intimate Relationship Interview* (Lima, Soares, Vieira & Collins, 2005) e da *Couples Interaction Task* (Collins, Hennighausen, Madsen & Roisman 1998). Numa fase inicial a formação debruçou-se sobre os principais pressupostos da Teoria da Vinculação e metodologias de avaliação no adulto. Posteriormente, aprofundou-se o protocolo de avaliação e o seu sistema de cotação. A componente prática da formação envolveu a realização e a cotação de entrevistas de treino e da tarefa de observação da interacção diádica, seguidas de discussão em grupo.

3.2.4.3. Análise computacional dos dados

Para a análise dos dados obtidos foi utilizado o programa de tratamento estatístico SPSS® (*Statistical Package for the Social Sciences*), para Windows, versão 12.0.

Antes de realizar os procedimentos estatísticos que procuram responder às questões de investigação, foram efectuadas análises descritivas de modo a obter informações sobre eventuais violações de pressupostos estatísticos que desvirtuassem os resultados, nomeadamente a existência de *outliers* e a normalidade das distribuições (teste de *Shapiro Wilks*). Os dados relativos à caracterização da amostra (variáveis demográficas e variáveis de caracterização da relação) foram obtidos a partir da estatística descritiva. Posteriormente, foram realizados os procedimentos estatísticos para o estudo das propriedades metrológicas dos instrumentos, na presente amostra. Devido ao número de casais em estudo procedemos apenas à análise da fidelidade dos resultados, através do cálculo do coeficiente de *Alpha de Cronbach*. Para avaliar a possível existência de diferenças significativas entre os elementos do casal na forma como representam, como se comportam e como percebem a relação foi realizado o teste não paramétrico de *Wilcoxon*, para amostras emparelhadas. Para analisar a força e a direcção das relações entre as variáveis dos diferentes domínios em estudo foram utilizados procedimentos de estatística bivariada, nomeadamente o coeficiente de correlação *rho* de Spearman, diferenciando os elementos femininos e masculinos do casal.

Na escolha dos procedimentos estatísticos a realizar, atendendo ao número de casais que constituem a amostra (N=20) e ao facto dos níveis de significância do teste de *Shapiro Wilks* serem inferiores a 0,05, adoptamos os testes não paramétricos. Apesar de se considerar os testes não paramétricos estatisticamente menos robustos, estes revelam-se mais eficazes quando não se encontram validados os pressupostos para a aplicação de testes paramétricos, nomeadamente ao nível do tamanho da amostra e da normalidade da distribuição dos resultados (Field, 2005; Clark-Carter, 2004; Siegel & Castellan, 1988).

CAPITULO 4

RESULTADOS

A apresentação dos resultados encontra-se organizada no sentido de responder aos objectivos da investigação. Optámos por apresentar o estudo exploratório das características metrológicas da IRI, nomeadamente ao nível da fidelidade dos resultados, no capítulo sobre a Metodologia.

Este capítulo inicia com a apresentação dos resultados obtidos em cada domínio avaliado – Representação das Relações Íntimas, Comportamentos nas Relações Íntimas e Percepção das Relações Íntimas – seguindo-se a exploração das relações entre dimensões específicas dos diferentes domínios em estudo.

4.1. REPRESENTAÇÃO DAS RELAÇÕES ÍNTIMAS

Como foi descrito anteriormente, a IRI pretende avaliar a representação das relações íntimas através de um conjunto de escalas como a regulação emocional, a simetria e a reciprocidade na procura e na prestação de cuidados, a intimidade sexual e o equilíbrio entre necessidades individuais e relacionais. Na IRI é avaliado o modo como o sujeito organiza internamente estas experiências, tendo por base uma avaliação da coerência e da idealização da organização discursiva. Em seguida, apresentam-se os resultados descritivos para cada uma das escalas da IRI, diferenciando os elementos do casal.

Relativamente às medidas de tendência central, através da observação do quadro 6, verificamos que em quase todas as escalas metade dos elementos masculinos do casal situam-se até um valor máximo de 3. A única excepção pertence à escala de Coerência, que apresenta um percentil 50 de 2,5. Os resultados mais frequentes são para a escala

Integração da Emocionalidade Negativa e Positiva o valor 4, correspondendo a uma classificação alta, para as escalas Prestação de Cuidados, Intimidade Sexual e Coerência o valor 2, indicando uma classificação baixa, para o Desenvolvimento do Indivíduo/Desenvolvimento da Relação e Idealização o valor 3, sendo esta uma classificação moderada, e para a escala de Procura de Cuidados os valores 2 e 4, classificações baixa e alta respectivamente.

Quadro 6: Medidas descritivas dos resultados da IRI para os elementos masculinos do casal

	Moda	Percentis			Mínimo	Máximo
		P25	P50	P75		
Integração da emocionalidade negativa e positiva	4	2	3	4	1	5
Procura de cuidados (<i>Careseeking</i>)	2 / 4*	2	3	4	1	5
Prestação de cuidados (<i>Caregiving</i>)	2	2	3	4	1	5
Intimidade sexual	2	2	3	4	1	5
Desenvolvimento do indivíduo/desenvolvimento da relação	3	3	3	4	1	5
Idealização	3	2	3	4	1	5
Coerência	2	2	2,5	3,75	1	5

* Bimodal

O quadro 7 revela que relativamente ao percentil 50, para as escalas Integração da Emocionalidade Negativa e Positiva, Procura de Cuidados, Prestação de Cuidados, Intimidade Sexual e Coerência, metade dos elementos femininos registam valores até 3. Para a escala Desenvolvimento do Indivíduo/Desenvolvimento da Relação o valor do percentil 50 é de 4 e para a escala de Idealização de 2,5. Os resultados mais frequentes são para as escalas Idealização e Coerência o valor 2, indicando uma classificação baixa, para a Procura e Prestação de Cuidados o valor 3, correspondendo a uma classificação moderada, para o Desenvolvimento do Indivíduo/Desenvolvimento da Relação e Intimidade Sexual o valor 4, equivalendo a uma classificação alta e para a escala de Integração da Emocionalidade Negativa e Positiva os valores 2 e 4, classificações baixa e alta respectivamente.

Quadro 7: Medidas descritivas dos resultados da IRI para os elementos femininos do casal

	Moda	Percentis			Mínimo	Máximo
		P25	P50	P75		
Integração da emocionalidade negativa e positiva	2 / 4*	2	3	4	1	5
Procura de cuidados (<i>Careseeking</i>)	3	2,25	3	4	1	5
Prestação de cuidados (<i>Caregiving</i>)	3	2,25	3	4	1	5
Intimidade sexual	4	2	3	4	1	5
Desenvolvimento do indivíduo/desenvolvimento da relação	4	3	4	4	2	5
Idealização	2	2	2,5	3,75	1	5
Coerência	2	2	3	4	1	5

* Bimodal

Como forma de verificar se estes resultados diferem estatisticamente entre os elementos dos casais, aplicamos o teste não paramétrico de *Wilcoxon*, para amostras emparelhadas. Conforme pode ser observado no quadro 8, relativamente às variáveis avaliadas no domínio representacional não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os elementos do casal.

Quadro 8: Teste de *Wilcoxon* para amostras emparelhadas relativamente às escalas da IRI

	Integração da emocionalidade negativa e positiva	Procura de cuidados	Prestação de cuidados	Intimidade sexual	Desenvolvimento do indivíduo/desenvolvimento da relação	Idealização	Coerência
Z	-,247	-,816	-,650	-,194	-1,370	-,386	-,894
Asymp. Sig. (2-tailed)	,805	,414	,516	,846	,171	,700	,371

Seguidamente procurou-se analisar as relações entre as escalas da IRI, calculando-se os valores de correlação entre as variáveis, através do coeficiente de correlação de *Spearman*, conforme se pode verificar nos quadros 9 e 10. Procedeu-se à diferenciação da amostra, analisando os elementos femininos e masculinos do casal separadamente.

Quadro 9: Correlações entre escalas da IRI nos elementos masculinos do casal

	Integração da emocionalidade negativa e positiva	Procura de cuidados (<i>Careseeking</i>)	Prestação de cuidados (<i>Caregiving</i>)	Intimidade sexual	Desenvolvimento do indivíduo/ desenvolvimento da relação	Idealização	Coerência
Integração da emocionalidade negativa e positiva	–	–	–	–	–	–	–
Procura de cuidados (<i>Careseeking</i>)	,877 (**)	–	–	–	–	–	–
Prestação de cuidados (<i>Caregiving</i>)	,842 (**)	,901 (**)	–	–	–	–	–
Intimidade sexual	,726 (**)	,716 (**)	,698 (**)	–	–	–	–
Desenvolvimento do indivíduo/ Desenvolvimento da relação	,891 (**)	,871 (**)	,814 (**)	,778 (**)	–	–	–
Idealização	-,853 (**)	-,839 (**)	-,732 (**)	-,866 (**)	-,866 (**)	–	–
Coerência	,797 (**)	,848 (**)	,794 (**)	,768 (**)	,792 (**)	-,901 (**)	–

*p<.05; ** p<.01

Quadro 10: Correlações entre escalas da IRI nos elementos femininos do casal

	Integração da emocionalidade negativa e positiva	Procura de cuidados (<i>Careseeking</i>)	Prestação de cuidados (<i>Caregiving</i>)	Intimidade sexual	Desenvolvimento do indivíduo/ desenvolvimento da relação	Idealização	Coerência
Integração da emocionalidade negativa e positiva	–	–	–	–	–	–	–
Procura de cuidados (<i>Careseeking</i>)	,768 (**)	–	–	–	–	–	–
Prestação de cuidados (<i>Caregiving</i>)	,859 (**)	,864 (**)	–	–	–	–	–
Intimidade sexual	,461 (*)	,483 (*)	,463 (*)	–	–	–	–
Desenvolvimento do indivíduo/ Desenvolvimento da relação	,848 (**)	,772 (**)	,765 (**)	,672 (**)	–	–	–
Idealização	-,788 (**)	-,749 (**)	-,754 (**)	-,471 (*)	-,724 (**)	–	–
Coerência	,809 (**)	,592 (**)	,678 (**)	,597 (**)	,733 (**)	-,791 (**)	–

*p<.05; ** p<.01

Tanto para os elementos masculinos como femininos do casal, podemos verificar que as escalas da IRI apresentam relações fortes e significativas entre si ($p < .05$). Quanto à direcção dessas relações, apenas para a escala de Idealização as correlações são negativas, o que significa que elevados níveis de idealização estão associados a uma baixa integração da emocionalidade negativa e positiva, a uma baixa capacidade de procura e prestação de cuidados, a um baixo nível de intimidade sexual, a um baixo equilíbrio entre necessidade individuais e necessidades da relação e a uma baixa coerência ao nível da organização discursiva. Para as restantes relações entre as escalas a direcção é positiva, ou seja, valores elevados numa escala encontram-se associados a valores elevados nas outras.

4.2. COMPORTAMENTOS DIÁDICO NAS RELAÇÕES ÍNTIMAS

Quando consideramos os resultados da CIT, analisamos um conjunto de escalas que avaliam o comportamento do casal em interacção. As medidas descritivas dos resultados das escalas diádicas figuram no quadro 11 e as medidas descritivas dos resultados das escalas individuais no quadro 12.

Quadro 11: Medidas descritivas dos resultados das escalas diádicas da CIT

	Moda	Percentis			Mínimo	Máximo
		P25	P50	P75		
Afecto Positivo Diádico	3	2	3	3	2	5
Afecto Negativo Diádico	2	2	2	3	1	4
Raiva	3	2	3	3	1	4
Hostilidade	2	2	2,5	4	1	6
Resolução do Conflito	3 / 5*	3	5	5,75	2	6
Base Segura	2	2	2,5	4	1	5
Equilíbrio I	4	4	4,5	6	3	7
Equilíbrio II	5	3,25	5	5	2	6
Equilíbrio III	5	4	5	6	3	7
Qualidade da Relação	6	3	4	6	2	6

* Bimodal

A leitura do quadro 11 salienta, em relação ao posicionamento da amostra, que 50% dos casais pontua no máximo até 5 valores nas escalas de Resolução do Conflito, Desenvolvimento do Indivíduo/Desenvolvimento da Relação (Equilíbrio II) e Relação/Mundo Exterior (Equilíbrio III), 4,5 na escala Assertividade/Auto-retraimento (Equilíbrio I), até 4 valores na escala Qualidade da Relação, até 3 valores no Afecto Positivo Diádico e Raiva, 2,5 na Hostilidade e Base Segura e por fim até 2 valores na escala de Afecto Negativo Diádico. Quanto aos resultados mais frequentes, o valor 2, correspondendo a uma classificação baixa, surge nas escalas Afecto Negativo Diádico, Hostilidade e Base Segura. Um resultado moderado, que regista o valor de 3, observa-se nas escalas de Afecto Positivo Diádico e Raiva. Na escala Assertividade/Auto-retraimento (Equilíbrio I) o valor mais frequente é 4, correspondendo a uma classificação moderada. Nas escalas Desenvolvimento do Indivíduo/Desenvolvimento da Relação (Equilíbrio II) e Relação/Mundo Exterior (Equilíbrio III) regista-se um valor de 5, indicando uma classificação alta. Para a escala Resolução do Conflito os valores são 3 e 5, classificações baixa a moderada e alta respectivamente. Por último, para a Qualidade da Relação o valor mais frequente é de 6, correspondendo a uma classificação elevada.

Quadro 12: Medidas descritivas dos resultados das escalas individuais da CIT

		Moda	Percentis			Mínimo	Máximo
			P 25	P50	P75		
Masculino	Procura de Cuidados (<i>Careseeking</i>)	2	2	2	3	1	5
	Prestação de Cuidados (<i>Caregiving</i>)	3	1,25	2,50	3	1	4
Feminino	Procura de Cuidados (<i>Careseeking</i>)	3	3	3	3,75	1	5
	Prestação de Cuidados (<i>Caregiving</i>)	3	2	2,50	3	1	4

Nas escalas individuais de Procura e Prestação de Cuidados, os elementos masculinos do casal apresentam um percentil 50 de 2 e 2,5 respectivamente. Para 50% dos elementos femininos do casal os valores situam-se até 3 para a escala de Procura de Cuidados e 2,5 para a escala de Prestação de Cuidados. Relativamente aos valores mais frequentes, observa-se um resultado de 3, correspondendo a uma classificação moderada, nas escalas

de Procura e Prestação de Cuidados para os elementos femininos do casal. Os elementos masculinos do casal apresentam o valor 2 na escala de Procura de Cuidados, indicando uma classificação baixa e o valor 3 na escala Prestação de Cuidados, igualmente uma classificação moderada.

Como forma de verificar se a distribuição destes resultados difere estatisticamente entre os elementos dos casais, aplicamos o teste não paramétrico de *Wilcoxon*, para amostras emparelhadas. O quadro 13 revela que relativamente às variáveis individuais avaliadas no domínio comportamental, observa-se uma diferença estatisticamente significativa ao nível dos comportamentos de Procura de Cuidados ($z = -2.05$, $p < .04$). Essa diferença vai no sentido das mulheres apresentarem mais comportamentos de procura de cuidados do que os respectivos homens durante a tarefa de interacção diádica.

Quadro 13: Teste de *Wilcoxon* para amostras emparelhadas relativamente às escalas individuais da CIT

	Procura de Cuidados - CIT	Prestação de Cuidados - CIT
Z	-2,05	-,246
Asymp. Sig. (2-tailed)	,040	,806

Com o objectivo de analisar as relações entre as escalas da CIT, foram calculados os valores de correlação entre as variáveis, através do coeficiente de correlação de *Spearman*. No quadro 14 são apresentados os valores de correlação para as escalas diádicas e no quadro 15 referentes às escalas individuais.

Quadro 14: Correlações entre escalas diádicas da CIT

	Afecto Positivo Diádico	Afecto Negativo Diádico	Raiva	Hostilidade	Resolução de Conflito	Base Segura	Equilíbrio I	Equilíbrio II	Equilíbrio III	Qualidade da Relação
Afecto Positivo Diádico	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Afecto Negativo Diádico	-,647(**)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Raiva	-,462(*)	,651(**)	-	-	-	-	-	-	-	-
Hostilidade	-,521(*)	,598(**)	,436	-	-	-	-	-	-	-
Resolução de Conflito	,494(*)	-,606(**)	-,534(*)	-,631(**)	-	-	-	-	-	-
Base Segura	,697(**)	-,517(*)	-,517(*)	-,630(**)	,707(**)	-	-	-	-	-
Equilíbrio I	,634(**)	-,413	-,265	-,620(**)	,510(*)	,609(**)	-	-	-	-
Equilíbrio II	,719(**)	-,628(**)	-,539(*)	-,815(**)	,752(**)	,771(**)	,658(**)	-	-	-
Equilíbrio III	,654(**)	-,466(*)	-,574(**)	-,690(**)	,751(**)	,856(**)	,701(**)	,734(**)	-	-
Qualidade da Relação	,676(**)	-,520(*)	-,461(*)	-,837(**)	,728(**)	,897(**)	,734(**)	,874(**)	,858(**)	-

* $p < .05$; ** $p < .01$

Relativamente às escalas diádicas, podemos observar que todas as escalas apresentam correlações significativas entre elas, com excepção da escala Raiva que não se correlaciona significativamente com as escalas Hostilidade ($r_{sp} = .436$; $p > .05$) e Assertividade/ Auto-retraimento (Equilíbrio I) ($r_{sp} = -.265$; $p > .05$), e esta ultima não se correlaciona com o Afecto Negativo Diádico ($r_{sp} = -.413$; $p > .05$). Importa salientar as correlações significativas que a escala Qualidade da Relação tem com todas as outras escalas, revelando que resultados altos na avaliação global da qualidade da relação associam-se a resultados altos na partilha de afecto positivo, na capacidade de resolução do conflito, nos comportamentos de base segura, no balanceamento entre necessidades do individuo e necessidades da relação, e a resultados baixos nas escalas de afecto negativo.

Quadro 15: Correlações entre escalas individuais da CIT

	Procura de Cuidados (<i>Careseeking</i>) Masculino	Prestação de Cuidados (<i>Caregiving</i>) Masculino	Procura de Cuidados (<i>Careseeking</i>) Feminino	Prestação de Cuidados (<i>Caregiving</i>) Feminino
Procura de Cuidados (<i>Careseeking</i>) – Masculino	-	-	-	-
Prestação de Cuidados (<i>Caregiving</i>) – Masculino	,668(**)	-	-	-
Procura de Cuidados (<i>Careseeking</i>) – Feminino	,341	,264	-	-
Prestação de Cuidados (<i>Caregiving</i>) – Feminino	,445(*)	,346	,285	-

* $p < .05$; ** $p < .01$

Para as escalas individuais da dimensão Cuidados, os valores das correlações indicam-nos que a Procura de Cuidados no elemento masculino do casal apresenta uma relação positiva e significativa com a Prestação de Cuidados nos mesmos ($r_{sp} = .66$, $p < .01$). Ou seja, resultados elevados de procura de cuidados encontram-se associados a resultados elevados na prestação de cuidados para o elemento masculino do casal. O mesmo não se verifica para o elemento feminino do casal, onde a Procura de Cuidados não apresenta correlação significativa com a Prestação de Cuidados ($r_{sp} = .28$, $p > .05$). Podemos realçar ainda que resultados elevados de Procura de Cuidados por parte do elemento masculino do casal correlacionam-se positiva e significativamente com resultados elevados de Prestação de Cuidados no elemento feminino ($r_{sp} = .44$, $p < .05$). O inverso não se observa.

Procurando contribuir para uma melhor compreensão destes resultados, aplicamos o teste não paramétrico de *Wilcoxon*, para amostras emparelhadas, com o objectivo de verificar se a nível comportamental os elementos femininos e masculinos do casal separadamente apresentam diferenças significativas entre procura e prestação de cuidados.

Quadro 16: Teste de *Wilcoxon* para amostras emparelhadas relativamente às escalas individuais da CIT para os dois elementos do casal separadamente

	Procura Vs Prestação de Cuidados <u>Mulheres</u>	Procura Vs Prestação de Cuidados <u>Homens</u>
Z	-2,443	-,775
Asymp. Sig. (2-tailed)	,,015	,439

No quadro 16 observa-se uma diferença estatisticamente significativa nas mulheres ($z = -2,443$, $p < .015$) que vão no sentido de estas apresentarem mais comportamentos de procura de cuidados do que de prestação de cuidados durante a tarefa de interacção diádica. Nos homens essa diferença não é observada.

Examinando as correlações entre escalas diádicas e escalas individuais (quadro 17), verificamos que, para os homens, a Procura de Cuidados apresenta uma relação significativa com todas as escalas referentes à dimensão Tonalidade Afectiva, no sentido de um maior *Careseeking* masculino encontrar-se associado a uma maior partilha de afecto positivo entre o casal ($r_{sp} = .46$, $p < .05$) e a uma menor presença de afecto negativo diádico ($r_{sp} = -.53$, $p < .05$), raiva ($r_{sp} = -.54$, $p < .05$) e hostilidade ($r_{sp} = -.65$, $p < .01$). Para as mulheres, a Procura de Cuidados apresenta apenas uma relação significativa e positiva com a partilha de afecto positivo entre o casal ($r_{sp} = .54$, $p < .05$) e negativa com a hostilidade ($r_{sp} = -.48$, $p < .05$). Quanto à Prestação de Cuidados, para os homens observa-se uma correlação significativa e negativa com a raiva ($r_{sp} = -.46$, $p < .05$) e a hostilidade ($r_{sp} = -.61$, $p < .01$), enquanto que nas mulheres verifica-se uma correlação significativa negativa com o afecto negativo diádico ($r_{sp} = -.49$, $p < .05$) e a raiva ($r_{sp} = -.55$, $p < .05$).

Quadro 17: Correlações entre escalas individuais e escalas diádicas da CIT

	Procura de Cuidados Masculino	Prestação de Cuidados Masculino	Procura de Cuidados Feminino	Prestação de Cuidados Feminino
Afecto Positivo Diádico	,468(*)	,388	,542(*)	,434
Afecto Negativo Diádico	-,532(*)	-,443	-,150	-,494(*)
Raiva	-,546(*)	-,462(*)	-,316	-,552(*)
Hostilidade	-,675(**)	-,616(**)	-,482(*)	-,431
Resolução de Conflito	,775(**)	,679(**)	,287	,427
Base Segura	,648(**)	,633(**)	,529(*)	,466 (*)
Equilíbrio I	,585(**)	,360	,787(**)	,448(*)
Equilíbrio II	,648(**)	,691(**)	,663(**)	,353
Equilíbrio III	,754(**)	,686(**)	,565(**)	,569(**)
Qualidade da Relação	,748(**)	,701(**)	,645(**)	,399

* $p < .05$; ** $p < .01$

Relativamente à dimensão Processo, a escala Base Segura correlaciona-se significativamente e de forma positiva com todas as escalas da dimensão Cuidados, para ambos os elementos do casal, indicando que resultados elevados na escala diádica de Base Segura encontram-se associados a resultados elevados nos comportamentos individuais de Procura e Prestação de Cuidados. A escala de Resolução de Conflito apresenta apenas correlações significativas com as escalas de Cuidados masculinas.

Nas escalas de Equilíbrio/Balanceamento, constata-se que todas elas se associam de forma positiva com a Procura de Cuidados, nos homens e nas mulheres. Quanto aos comportamentos de Prestação de Cuidados, para os homens estes apresentam uma correlação significativa e positiva com as escalas de Equilíbrio II ($r_{sp} = .69$; $p < .01$) e Equilíbrio III ($r_{sp} = .68$, $p < .01$), e nas mulheres verificam-se correlações significativas e positivas com escalas as de Equilíbrio I ($r_{sp} = .44$; $p < .05$) e Equilíbrio III ($r_{sp} = .56$; $p < .01$).

Por último, tomando em consideração a escala de Qualidade da Relação, os dados das correlações apontam para que resultados elevados no comportamento individual de Procura de Cuidados se associam a resultados elevados na avaliação global da qualidade da relação, tanto para os homens ($r_{sp} = .75$, $p < .01$) como para as mulheres ($r_{sp} = .64$, $p < .01$). Relativamente ao comportamento de Prestação de Cuidados, este apresenta uma correlação significativa e positiva com a Qualidade da Relação, mas apenas para os homens ($r_{sp} = .70$, $p < .01$).

4.3. PERCEÇÃO DAS VINCULAÇÃO

A utilização da EVA neste estudo permite caracterizar a percepção dos sujeitos sobre como se sentem face às suas relações íntimas. O instrumento possibilita a identificação de três dimensões - Ansiedade, Conforto com Proximidade e Confiança nos Outros.

No quadro 18 encontram-se as medidas descritivas das dimensões associadas aos estilos de vinculação no adulto, para o elemento masculino e feminino do casal respectivamente. Na análise do quadro observamos que o elemento masculino do casal apresenta um valor médio de 1,86 (SD=,592) para a dimensão Ansiedade, de 3,55 (SD=,679) para a dimensão Conforto com Proximidade e de 3,42 (SD=,623) para a dimensão Confiança nos Outros. As médias das dimensões para o elemento feminino do

casal são de 2,04 (SD=,772) para Ansiedade, de 3,48 (SD=,648) para Conforto com Proximidade e 3,23 (SD=,584) para Confiança nos outros. A dimensão que apresenta valores mais baixos para ambos os elementos do casal é a dimensão Ansiedade, registrando apenas 25% da amostra masculina valores acima de 2,33 e 25% da amostra feminina valores acima de 2,66.

Quadro 18: Medidas descritivas dos resultados da EVA

		Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo	Percentis		
						P 25	P50	P75
Masculino	Ansiedade	1,86	,592	1	3,17	1,37	1,89	2,33
	Conforto com Proximidade	3,55	,679	1,83	5,00	3,33	3,52	3,83
	Confiança nos outros	3,42	,623	2,33	4,50	3,04	3,33	4
Feminino	Ansiedade	2,04	,772	1	3,83	1,33	2,08	2,66
	Conforto com Proximidade	3,48	,648	2,17	4,67	3,04	3,51	4
	Confiança nos outros	3,23	,584	1,83	4,33	2,87	3,24	3,66

O teste não paramétrico de *Wilcoxon*, para amostras emparelhadas (quadro 19), indica a inexistência de diferenças estatisticamente significativas nos resultados das dimensões Ansiedade, Conforto com Proximidade e Confiança nos Outros, entre os elementos do casal.

Quadro 19: Teste de *Wilcoxon* para amostras emparelhadas relativamente às dimensões da EVA

	Ansiedade	Conforto com Proximidade	Confiança nos outros
Z	-1,265(a)	-,517(b)	-1,422(b)
Asymp. Sig. (2-tailed)	,206	,605	,155

Analisando as relações entre as dimensões da EVA, através do Coeficiente de Correlação de *Spearman*, verificamos no quadro 20 que, para o elemento masculino do casal, as três dimensões se correlacionam significativamente entre si. A correlação entre Confiança nos Outros e Conforto com Proximidade é positiva ($r_{sp} = .49$, $p < .05$), enquanto que a relação entre estas duas escalas com a da Ansiedade é negativa, indicando que

resultados altos nas dimensões de Conforto com Proximidade ($r_{sp} = -.54$, $p < .05$) e Confiança nos Outros ($r_{sp} = -.51$, $p < .05$) associam-se a resultados baixos na Ansiedade. Para o elemento feminino do casal, o quadro 15 mostra que apenas as dimensões Ansiedade e Confiança nos Outros apresentam correlações estatisticamente significativas ($r_{sp} = -.65$, $p < .01$), e que vão no sentido de uma maior Confiança nos Outros estar associada a uma menor Ansiedade.

Quadro 20: Correlações entre dimensões EVA

		Ansiedade	Conforto com a proximidade	Confiança nos outros
Masculino	Ansiedade	1	-	-
	Conforto com Proximidade	-,544(*)	1	-
	Confiança nos outros	-,513(*)	,493(*)	1
Feminino	Ansiedade	1	-	-
	Conforto com Proximidade	-,367	1	-
	Confiança nos outros	-,654(**)	,397	1

* $p < .05$; ** $p < .01$

4.4. RELAÇÕES ENTRE REPRESENTAÇÃO DAS RELAÇÕES ÍNTIMAS, COMPORTAMENTO DIÁDICO E PERCEPÇÃO DA VINCULAÇÃO

Terminada a apresentação dos dados referentes a cada domínio em estudo, passaremos para a análise das relações entre variáveis dos diferentes domínios de avaliação – Representação (*IRI*), Comportamento (*CIT*) e Percepção (*EVA*).

4.4.1. Relações entre Representação e Comportamento nas Relações Íntimas

Um dos objectivos deste estudo implica a análise das relações entre dimensões específicas da vinculação nos domínios representacional e comportamental.

O quadro 21 descreve as correlações entre os dois domínios para o elemento masculino do casal. Verificamos que uma avaliação diádica da Qualidade da Relação, realizada no domínio comportamental, apresenta correlações estatisticamente significativas com todas as escalas do domínio representacional, avaliadas individualmente, sugerindo que resultados

altos na qualidade da relação associam-se a uma maior integração da emocionalidade ($r_{sp} = .61, p < .01$), a uma maior capacidade de procurar ($r_{sp} = .55, p < .05$) e proporcionar cuidados ($r_{sp} = .66, p < .01$), a um equilíbrio entre o desenvolvimento pessoal e da relação ($r_{sp} = .60, p < .01$) e a uma maior intimidade sexual ($r_{sp} = .50, p < .05$). Resultados elevados na qualidade da relação associam-se ainda com uma organização discursiva da experiência pautada por uma elevada coerência ($r_{sp} = .52, p < .05$) e baixa idealização ($r_{sp} = -.48, p < .05$).

Quadro 21: Correlações entre escalas da Representação e do Comportamento – elementos masculinos do casal

REPRESENTAÇÃO COMPORTAMENTO	Integração da emocionalidade negativa e positiva	Procura de cuidados (Careseeking)	Prestação de cuidados (Caregiving)	Intimidade sexual	Desenvolvimento do indivíduo/ desenvolvimento da relação	Idealização	Coerência
Afecto Positivo Diádico	,282	,187	,383	,364	,367	-,188	,179
Afecto Negativo Diádico	-,322	-,104	-,229	-,118	-,228	,074	,118
Raiva	-,057	,080	-,055	,115	-,054	-,102	,206
Hostilidade	-,616(**)	-,523(*)	-,531(*)	-,505(*)	-,644(**)	,474(*)	-,351
Resolução de Conflito	,393	,233	,332	,145	,213	-,165	,194
Base Segura	,523(*)	,461(*)	,569(**)	,378	,421	-,369	,432
Equilíbrio I	,359	,392	,404	,231	,443	-,184	,290
Equilíbrio II	,551(*)	,375	,500(*)	,370	,522(*)	-,353	,319
Equilíbrio III	,430	,426	,526(*)	,348	,418	-,333	,388
Qualidade da Relação	,618(**)	,558(*)	,660(**)	,505(*)	,607(**)	-,484(*)	,525(*)
Procura de Cuidados (Careseeking)	,478(*)	,483(*)	,561(*)	,370	,444	-,300	,339
Prestação de Cuidados (Caregiving)	,569(**)	,571(**)	,611(**)	,410	,525(*)	-,588(**)	,553(*)

* $p < .05$; ** $p < .01$

Ao nível dos Cuidados, a análise do quadro permite constatar a concordância entre os dois domínios de avaliação, observada pelas correlações positivas e significativas entre as escalas de Procura ($r_{sp} = .48, p < .05$) e Prestação de Cuidados ($r_{sp} = .61, p < .01$) no domínio comportamental e representacional, indicando que resultados elevados num domínio estão associados a valores elevados no outro. As escalas de Procura e Prestação de Cuidados, a nível representacional, apresentam igualmente uma associação clara e positiva com os comportamentos diádicos de Base Segura avaliados no domínio comportamental.

Salientamos ainda, para o elemento masculino do casal, a relação significativa e positiva que se regista entre a representação da relação como promotora de autonomia e desenvolvimento pessoal e os comportamentos diádicos mais complexos, de reconhecimento e equilíbrio entre necessidades pessoais e da relação ($r_{sp} = .52, p < .05$).

No quadro 22 encontramos os valores das correlações entre as escalas dos dois domínios de avaliação para o elemento feminino do casal.

Quadro 22: Correlações entre escalas da Representação e do Comportamento – elementos femininos do casal

COMPORTAMENTO \ REPRESENTAÇÃO	REPRESENTAÇÃO						
	Integração da emocionalidade negativa e positiva	Procura de cuidados (Careseeking)	Prestação de cuidados (Caregiving)	Intimidade sexual	Desenvolvimento do indivíduo/ desenvolvimento da relação	Idealização	Coerência
Afecto Positivo Diádico	,156	,145	-,025	,158	,216	-,165	,055
Afecto Negativo Diádico	-,140	-,042	,071	,086	,007	-,046	,024
Raiva	-,216	-,179	-,129	-,001	-,049	,274	-,250
Hostilidade	-,392	-,044	-,108	,090	-,296	,185	-,179
Resolução de Conflito	,396	,074	,150	-,026	,303	-,246	,272
Base Segura	,533(*)	,299	,274	,219	,513(*)	-,516(*)	,381
Equilíbrio I	,148	,099	-,009	-,111	,197	-,258	,052
Equilíbrio II	,361	,176	,082	-,126	,333	-,239	,140
Equilíbrio III	,340	,086	,193	,029	,278	-,406	,243
Qualidade da Relação	,504(*)	,190	,205	,034	,423	-,405	,326
Procura de Cuidados (Careseeking)	,197	,306	,141	-,128	,298	-,377	,058
Prestação de Cuidados (Caregiving)	,180	,056	,054	,206	,180	-,290	,300

* $p < .05$; ** $p < .01$

Relativamente à avaliação diádica da Qualidade da Relação, realizada no domínio comportamental, esta encontra-se estatisticamente correlacionada apenas com o reconhecimento e a integração das emoções positivas e negativas ($r_{sp} = .50, p < .05$), avaliada a nível representacional. Os resultados apresentados indicam também que os comportamentos diádicos de Base Segura se associam, de forma positiva, com a capacidade de integração da emocionalidade ($r_{sp} = .53, p < .05$) e a representação da relação como promotora de autonomia e desenvolvimento pessoal ($r_{sp} = .51, p < .05$), e de forma

negativa com uma organização da experiência pouco consistente e idealizada ($r_{sp} = -.51$, $p < .05$). As correlações significativas são negativas para a escala de Idealização e positivas para as restantes escalas.

4.2.2. Relações entre Percepção da Vinculação, Representação e Comportamento nas Relações Íntimas

A leitura dos próximos quadros permite-nos analisar a relação entre as percepções dos sujeitos sobre as suas relações íntimas e dimensões específicas da vinculação no domínio representacional e comportamental.

Neste sentido, relativamente às dimensões associadas aos estilos de vinculação no adulto e suas relações com dimensões representacionais, constata-se que, para o elemento masculino do casal, apenas a Ansiedade apresenta uma correlação significativa e negativa com a Procura de Cuidados ($r_{sp} = -.47$, $p < .05$), indicando que níveis elevados de ansiedade associam-se a uma menor capacidade de sinalização e expressão clara da vulnerabilidade pessoal.

Quadro 23: Correlações entre Percepção e Representação – elementos masculinos do casal

PERCEPÇÃO \ REPRESENTAÇÃO	Integração da emocionalidade negativa e positiva	Procura de cuidados (Careseeking)	Prestação de cuidados (Caregiving)	Intimidade sexual	Desenvolvimento do indivíduo/ desenvolvimento da relação	Idealização	Coerência
Ansiedade	-,309	-,476(*)	-,391	-,205	-,283	,234	-,290
Conforto com Proximidade	-,009	-,015	,030	,050	-,082	,027	,056
Confiança nos outros	,074	,153	,021	,052	,034	-,079	,015

* $p < .05$; ** $p < .01$

Para o elemento feminino do casal, verifica-se uma correlação significativa e positiva entre o Conforto com a Proximidade e a Intimidade Sexual ($r_{sp} = .58$, $p < .01$), sugerindo que

quanto mais o indivíduo se sente confortável com a proximidade e a intimidade maior abertura e partilha no contexto da expressão sexual.

Quadro 24: Correlações entre Percepção e Representação – elementos femininos do casal

REPRESENTAÇÃO PERCEPÇÃO	Integração da emocionalidade negativa e positiva	Procura de cuidados (Careseeking)	Prestação de cuidados (Caregiving)	Intimidade sexual	Desenvolvimento do indivíduo/ desenvolvimento da relação	Idealização	Coerência
Ansiedade	-,029	-,222	-,265	-,110	,058	,368	-,165
Conforto com Proximidade	,157	,211	,142	,586(**)	,324	-,316	,370
Confiança nos outros	,067	,275	,230	,126	,074	-,408	,044

*p<.05; ** p<.01

Relativamente à relação entre dimensões associadas aos estilos de vinculação e dimensões avaliadas a nível comportamental, tanto para os elementos femininos do casal como para os masculinos não se verifica qualquer correlação estatisticamente significativa.

Quadro 25: Correlações entre Percepção e Comportamento – elementos masculinos do casal

PERCEPÇÃO COMPORTAMENTO	Ansiedade	Conforto com a Proximidade	Confiança nos Outros
Afecto Positivo Diádico	-,067	-,203	-,343
Afecto Negativo Diádico	-,006	,379	,172
Raiva	-,010	,117	-,253
Hostilidade	,105	,323	-,046
Resolução de Conflito	,159	-,409	-,188
Base Segura	-,293	-,125	,044
Equilíbrio I	-,212	-,368	-,062
Equilíbrio II	-,114	-,281	-,153
Equilíbrio III	-,109	-,289	,117
Qualidade da Relação	-,235	-,228	-,002
Procura de Cuidados (Careseeking)	-,136	-,256	,111
Prestação de Cuidados (Caregiving)	-,052	-,401	-,080

Quadro 26: Correlações entre Percepção e Comportamento – elementos femininos do casal

COMPORTAMENTO \ PERCEPÇÃO	PERCEPÇÃO		
	Ansiedade	Conforto com a Proximidade	Confiança nos Outros
Afecto Positivo Diádico	,200	,193	,029
Afecto Negativo Diádico	-,220	,091	,042
Raiva	-,059	,205	-,059
Hostilidade	-,393	,046	,161
Resolução de Conflito	,393	,115	,105
Base Segura	,121	,160	,259
Equilíbrio I	,186	-,101	-,026
Equilíbrio II	,401	-,093	-,047
Equilíbrio III	,070	,024	,187
Qualidade da Relação	,243	,037	,093
Procura de Cuidados (Careseeking)	,167	-,189	,096
Prestação de Cuidados (Caregiving)	,055	,078	,015

Em suma, os resultados encontrados no presente estudo sugerem relações significativas entre variáveis específicas dos domínios representacional e comportamental, no entanto com intensidades diferentes para o elemento masculino e feminino do casal. Relativamente às percepções dos sujeitos sobre como se sentem face às suas relações íntimas verifica-se uma menor relação deste domínio com os domínios representacional e comportamental.

No capítulo seguinte serão discutidos estes resultados e suas implicações, de acordo com o quadro teórico de referência.

CAPÍTULO 5

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES

Tendo em consideração dos resultados descritos no capítulo anterior, proceder-se-á à sua discussão, procurando salientar os mais significativos, confrontando-os com o quadro teórico de referência e comparando-os com os resultados obtidos noutras investigações.

Analisaremos primeiramente os dados obtidos em cada domínio avaliado – Representação das Relações Intimas, Comportamentos nas relações Intimas e Percepção das Relações Intimas – e em seguida passaremos à análise e discussão das relações entre dimensões específicas dos diferentes domínios em estudo.

5.1. REPRESENTAÇÃO DAS RELAÇÕES INTIMAS

Um dos objectivos do presente trabalho consistiu na análise das dimensões avaliadas através da *Intimate Relationship Interview* (Lima, Soares, Vieira & Collins, 2005). Apesar do cariz exploratório deste estudo e do tamanho da amostra, as análises efectuadas indicam que o instrumento apresenta uma boa fidelidade. Os valores dos coeficientes de *alpha* de Cronbach encontrados, quer para o total de indivíduos quer atendendo a homens e mulheres separadamente, revelam uma boa consistência interna, o que nos remete para o grau de confiança que se pode ter nos resultados obtidos.

Tal como referimos na descrição do instrumento, esta entrevista não permite uma avaliação categorial da representação das relações íntimas, isto é, não possibilita a identificação de padrões de vinculação. No entanto, através de uma abordagem

dimensional, procura avaliar a representação das relações íntimas partindo de um conjunto de dimensões contínuas consideradas, de acordo com a Teoria da Vinculação, importantes neste contexto.

Através das análises correlacionais verificamos a adequação das escalas às proposições teóricas que servem de base a este trabalho. A qualidade da organização discursiva da experiência pode ser observada nos valores negativos e significativos de correlação que as escalas Idealização e Coerência apresentam entre si. De acordo com o que é teoricamente sustentado (Crowell & Owens, 1998; Soares, 1996b), os indivíduos que são claros e precisos no modo como falam sobre a sua relação, sobre si e sobre o outro, apoiando as suas afirmações e avaliações com episódios específicos e consistentes, apresentam valores inferiores ao nível da idealização. A forma como os indivíduos organizam as suas experiências relacionais traduz-se ao nível da linguagem pela coerência entre as suas descrições semânticas e episódicas e pela forma como integram e atribuem significado às mesmas. Neste sentido os resultados correlacionais sugerem também que os indivíduos capazes de organizar coerentemente a sua experiência tendem a representar a relação como promotora de autonomia e desenvolvimento pessoal, reconhecendo e integrando emocionalmente os aspectos positivos e negativos, em contraste com os indivíduos que idealizam a sua relação e o seu envolvimento pessoal e do companheiro/a. Uma elevada idealização está inversamente correlacionada com a qualidade da procura e da prestação de cuidados, podendo tal estar associado a um discurso vago, com avaliações pouco sustentadas por memórias específicas ou por uma discrepância entre a representação semântica que o indivíduo faz do outro, de si na relação e/ou da própria relação e os episódios que descreve. Por outro lado, à representação da prestação de cuidados associa-se a capacidade de manifestar desconforto e solicitar apoio, num balanceamento flexível destes papéis, assumidos como centrais no contexto das relações íntimas (Collins & Sroufe, 1999; Crowell, Fraley & Shaver, 1999; Crowell & Treboux, 1995, 2001; Hazan & Shaver, 1994; Hazan & Zeifman, 1999). Os resultados apontam também para uma associação entre o sentido de autonomia pessoal e envolvimento com o outro e a capacidade de recorrer ao outro e de lhe prestar cuidados em situações de mal-estar,

sugerindo que nesta dialéctica de dar e receber apoio/conforto/segurança se consubstancia o equilíbrio entre o desenvolvimento pessoal e o desenvolvimento da relação (Cassidy, 2001). Este equilíbrio apresenta uma associação forte e positiva com a proximidade física e emocional e a abertura e a partilha no contexto da expressão sexual corroborando o papel do sistema sexual no desenvolvimento de uma relação íntima na idade adulta (Hazan & Shaver, 1987; Cassidy, 2000; Waters & Cummings, 2000). O modo como o indivíduo expressa e partilha as emoções assume igualmente um papel essencial no desenvolvimento da intimidade (Cassidy, 2001; Feeney, 1998, 1999), que se traduz na relação positiva encontrada entre a escala de integração da emocionalidade positiva e negativa e a escala de intimidade sexual.

Relativamente ao modo como os elementos de cada casal são avaliados em cada uma das dimensões em análise, o facto de não se registarem diferenças estatisticamente significativas sugere uma concordância na forma como as díades representam a sua relação. Este resultado, embora exploratório, leva-nos a concluir que a nível representacional cada par amoroso assemelha-se na forma como organiza, interpreta e atribui significados às suas experiências relacionais. Este dado, encontrado também noutros estudos (e.g. van Ijzendoorn & Bakermans-Kranenberg, 1996), é congruente com a teoria da vinculação que sugere que a construção e o desenvolvimento dos modelos internos dinâmicos ocorre de uma forma complementar no contexto das experiências relacionais (Main et al., 1985; Overall, Fletcher & Frieen, 2003). Embora cada indivíduo construa a sua própria representação da relação, influenciada pelos seus modelos do *self* e dos outros, esta vai sendo igualmente reelaborada com base nas interacções actuais e no cariz co-construído de uma relação íntima. Estes dados necessitam de uma maior exploração em estudos que contemplem uma amostra maior e a articulação com outras medidas representacionais, nomeadamente a *AAI*, procurando clarificar de que modo é que a organização da vinculação se relaciona com a representação das relações íntimas (e.g. Treboux, Crowell & Waters, 2004; Lima, em preparação).

5.2. COMPORTAMENTO DIÁDICO NAS RELAÇÕES ÍNTIMAS

No que respeita ao domínio comportamental procedeu-se ao estudo dos casais através de uma tarefa de observação e avaliação directa da interacção, a partir da qual os casais foram avaliados enquanto díades, num conjunto de escalas que procuram salientar componentes específicas do processo relacional. A reciprocidade e a interdependência dos comportamentos são o foco de análise, valorizando-se no presente estudo por um lado a avaliação global da qualidade da relação e por outro, comportamentos específicos da mesma, nomeadamente partilha de expressão e regulação emocional, competências de resolução do conflito, comportamentos de procura e prestação de cuidados e balanceamento entre autonomia pessoal e envolvimento com o outro.

De acordo com o esperado do ponto de vista teórico e em consonância com outras investigações que usam metodologias semelhantes (Collins e Feeney, 2000; Crowell et al., 2002; Roisman et al., 2001), as correlações encontradas no nosso estudo entre as escalas diádicas da *CIT* sugerem que uma avaliação global da qualidade da relação encontra-se positivamente associada a um processo de tomada de decisão envolvendo colaboração e negociação de conflito onde a capacidade de os elementos do casal usarem o outro como base segura e reciprocamente constituírem-se como tal revela ser igualmente uma componente importante. O modo como a relação pode ser promotora da autonomia e simultaneamente potenciadora do crescimento relacional mostra ser também uma componente que se associa positivamente à qualidade global da relação. Por outro lado, no que respeita aos afectos, e de acordo com Collins e Read (1990), a expressão e a regulação emocional resulta numa vivência mais positiva das relações afectivas. Podemos observar esta associação nos valores de correlação positivos encontrados entre a qualidade da relação e a reciprocidade e partilha da expressão de afecto positivo pelo casal e negativos entre esta medida global e a expressão de afecto de tonalidade negativa.

No que se refere às escalas individuais que permitem uma avaliação diferencial da dimensão relativa aos Cuidados observamos neste estudo que as díades tendem a diferenciar-se ao nível dos comportamentos de procura de cuidados. Os resultados do teste de Wilcoxon para amostras emparelhadas sugere que para cada par amoroso o elemento feminino tende a manifestar mais comportamentos de procura de cuidados do que o seu companheiro durante o processo de interacção, comportamentos esses que segundo Waters & Cummings (2000) pautam-se pelo sentido de vulnerabilidade expressa pelo indivíduo, sinalizando deste modo o seu desconforto de forma aberta e clara. De acordo com a teoria da vinculação não são esperadas diferenças significativas entre homens e mulheres ao nível da procura e prestação de cuidados. As diferenças encontradas em vários estudos (Crowell et al., 2002; Roisman et al., 2001, 2005) centram-se na relação entre a representação da vinculação e comportamentos de base segura, no sentido em que indivíduos classificados como seguros através da *AAI* e da *CRI* manifestam mais comportamentos de procura e de prestação de cuidados na sua relação íntima actual. No entanto, as diferenças e as semelhanças entre os géneros têm suscitado o interesse de vários investigadores (e.g. Hendrick & Hendrick, 1995; Pietromonaco e Carnelley, 1994; Vangelisti & Daly, 1997). Não obstante o carácter exploratório do presente estudo, alguns factores explicativos desta propensão poderão ser equacionados. Atendendo que neste estudo os casais não se diferenciam no modo como representam a sua relação, esta diferença ao nível dos comportamentos de procura de cuidados poderá ser compreendida à luz da natureza da própria tarefa proposta e em articulação com os aspectos sociais e culturais no que respeita sobretudo às diferenças de género. De acordo com Pietromonaco e Carnelley, (1994) homens e mulheres tipicamente apresentam experiências interpessoais qualitativamente distintas ao longo do seu ciclo de vida, resultado de diferentes processos de socialização. Gilligan (1982, cit in Pietromonaco e Carnelley, 1994) refere que as mulheres tendem a atribuir uma maior importância à comunicação e aos afectos no contexto interpessoal, enquanto que os homens tendem a ser menos expressivos emocionalmente, mais individualistas, independentes e instrumentais no apoio prestado ao outro. Neste sentido, podemos supor que os resultados por nós obtidos reflectem uma maior iniciativa e abertura por

parte das mulheres na sinalização do desconforto e na expressão emocional face ao mesmo, resultado de factores culturais e educacionais que conduzem a diferenças de género. Estes factores poderão igualmente estar presentes na natureza do problema escolhido pelo casal (e.g. sexo, divisão de tarefas, ciúmes) durante a tarefa Markman-Cox (Cox, 1991), influenciando o modo como os indivíduos se comportam. O objectivo do presente estudo incidiu sobre a análise do processo de interacção e não sobre o conteúdo da mesma, pelo que consideramos pertinente em investigações futuras a análise do conteúdo das interacções pelo influência que pode ter no processo diádico mas também para uma melhor compreensão das dinâmicas relacionais.

Um outro conjunto de resultados ainda referentes à dimensão de Cuidados permite-nos explorar a forma como as escalas individuais da *CIT* se relacionam entre si. Em conformidade com os dados observados por Crowell e cols. (2002) encontramos para os elementos masculinos do casal uma relação positiva e significativa entre procura e prestação de cuidados no mesmo indivíduo e uma concordância entre comportamentos de procura de cuidados por parte destes e comportamentos de prestação de cuidados por parte das companheiras, sugerindo a natureza recíproca do processo, onde sistema de vinculação e sistema de prestação de cuidados interagem de forma balanceada (Collins & Feeney, 2000). Os mesmos autores num estudo com 93 casais constatam que os indivíduos que referem problemas mais stressantes manifestam mais comportamentos de procura de apoio o que por sua vez está associado a uma resposta de prestação de cuidados mais efectiva por parte do parceiro. No nosso estudo porém, quando analisamos os dados referentes ao elemento feminino do casal estas tendências não se verificam. A procura de cuidados por parte delas não se relaciona com a própria prestação de cuidados nem com a prestação de cuidados por parte do companheiro. Por um lado, tal como os dados sugerem, as mulheres tendem a nível comportamental a procurar mais apoio/conforto/segurança no outro do que a prestar esse mesmo apoio e conforto ao outro. No entanto, esta prestação de cuidados delas ao correlacionar-se com a procura de cuidados por parte dos companheiros revela que as mulheres tendem a ser eficazes a este nível sempre que o outro procura esses cuidados. Estes comportamentos estão assim naturalmente dependentes do comportamento do outro, levando-nos a supor

que as mulheres apresentam menos comportamentos de prestação de cuidados pelo facto do companheiro procurar menos esse apoio. O mesmo não acontece ao nível do sistema de prestação de cuidados dos homens que parecem não fornecer apoio na mesma medida que elas o pedem ou procuram. Estes resultados deverão, no nosso entender, ser alvo de um estudo mais aprofundado em trabalhos futuros, procurando perceber o papel que eventualmente as diferenças de género podem ter neste balanceamento.

Por ultimo, ao analisarmos as relações entre as escalas individuais de Cuidados e as escalas diádicas podemos salientar a associação encontrada entre procura e prestação de cuidados avaliada individualmente e a avaliação diádica que enfatiza o equilíbrio entre estes papéis e a capacidade dos elementos da díade funcionarem como base segura um para o outro e recorrer ao outro como base segura. Realçamos também a relação que as escalas individuais, com a excepção dos comportamentos de prestação de cuidados nas mulheres, apresentam com uma avaliação global da qualidade da relação e com a capacidade desta ser promotora de autonomia e simultaneamente promover e assegurar a qualidade do relacionamento. Os dados referidos anteriormente que indicam diferenças na procura e prestação de cuidados por parte das mulheres, aliado ao facto de estarmos perante uma amostra reduzida, poderão contribuir para que os resultados da escala referente à prestação de cuidados não se mostrem significativamente correlacionados com as escalas diádica analisadas.

5.3. PERCEPÇÃO DA VINCULAÇÃO

No que concerne ao domínio da percepção dos sujeitos sobre como se sentem face às suas relações íntimas, devido ao tamanho da amostra e à natureza não paramétrica dos procedimentos estatísticas efectuados, optamos na presente investigação pela abordagem dimensional, não categorizando os indivíduos em estilos de vinculação.

À semelhança do observado a nível representacional, os elementos do casal não se diferenciam nas três dimensões avaliadas – ansiedade, conforto com proximidade e

confiança nos outros. Estes resultados tendem a estar em parte em consonância com Collins e Read (1990) que no seu estudo verificam que os indivíduos tendem a manter uma relação amorosa com companheiros que partilham das mesmas percepções nas dimensões “sentir-se confortável com a proximidade” e “sentir que é possível confiar e depender dos outros”. Porém, relativamente à dimensão ansiedade e medo do abandono no estudo citado essa correlação não se verifica, revelando que os sujeitos ansiosos não parecem associar-se a companheiros com valores semelhantes nesta dimensão.

Analisando as relações entre as dimensões, para os elementos masculinos do casal estas estão em conformidade com o esperado teoricamente no sentido em que níveis mais elevados de ansiedade associam-se a níveis inferiores de conforto com a proximidade e confiança nos outros. Para os elementos femininos do casal a ansiedade manifesta uma relação negativa evidente com a confiança nos outros, no entanto com o conforto com a proximidade, ainda que na direcção esperada, essa relação nesta amostra não se revela estatisticamente significativa. Apesar dos estudos de Hazan e Shaver (1987), Collins e Read (1990), Feeney e Noller, (1990) não verificarem diferenças ao nível da proporção dos estilos de vinculação entre géneros, homens e mulheres tendem a diferenciar-se nas vivências das suas experiências de vinculação. O estudo de Collins e Read (1990) salienta o conforto com a proximidade como um forte predictor da qualidade da relação para os homens e a ansiedade para as mulheres. A ansiedade nas mulheres está relacionada com a insatisfação do companheiro e representações negativas da relação, enquanto que o conforto com a proximidade nos homens relaciona-se com níveis mais elevados de satisfação com a relação nas suas companheiras.

5.4. RELAÇÃO ENTRE REPRESENTAÇÃO E COMPORTAMENTO NAS RELAÇÕES ÍNTIMAS

Analisando as relações entre dimensões representacionais e comportamentais para o elemento masculino do casal podemos verificar uma propensão para a concordância entre estes dois domínios. Estes dados estão em conformidade com outros estudos (e.g. Crowell et al., 2000; Roisman et al, 2001; 2005), que embora utilizem medidas

representacionais diferentes salientam resultados na mesma direcção. Uma medida diádica de avaliação da qualidade da relação associa-se a uma representação clara, credível e compreensível de si, do outro e da relação. A representação de uma relação promotora de crescimento individual e relacional mostra-se coerente com comportamentos de confiança e proximidade emocional que potenciam o funcionamento individual e o envolvimento com o outro. Simultaneamente o modo como os indivíduos organizam as suas experiências relacionais de procura e prestação de cuidados/segurança, atendendo aos modelos do *self* e do outro, apresentam uma relação positiva com o modo como se comportam num contexto activador do sistema de vinculação, onde é esperado um balanceamento contínuo e flexível entre o procurar e o proporcionar segurança e conforto, isto é, entre o recorrer ao outro como base segura e perante ele constituir-se como tal (Collins & Sroufe, 1999; Crowell, Fraley & Shaver, 1999; Crowell & Treboux, 1995; Hazan & Shaver, 1994; Hazan & Zeifman, 1999).

Não deixa de ser interessante, contudo, perceber que estes resultados não são corroborados nas análises realizadas para os elementos femininos do casal. Nas mulheres observa-se uma clivagem entre domínio representacional e comportamental. A ausência de correlações significativas entre os dois domínios relativamente às variáveis em estudo coloca a questão da congruência entre a forma como as mulheres representam a si, o outro e a relação e o modo como se comportam quando confrontadas com situações potencialmente mais stressantes. Procurando integrar os resultados obtidos nesta investigação, salientamos aqui o papel que a avaliação comportamental parece assumir na diferenciação entre homens e mulheres no presente estudo. Assim, e de acordo com o resultados já referidos, apesar de as díades não representarem a relação de uma forma significativamente diferente, os seus comportamentos tendem a diferir. O comportamento parece estar para as mulheres mais dependente do comportamento do outro num determinado contexto específico o que poderá explicar o distanciamento que este assume quando comparado com estruturas mentais que tendem a ser mais estáveis e que integram conhecimentos acerca do *self*, do outro e da relação.

5.5. RELAÇÃO ENTRE PERCEÇÃO DA VINCULAÇÃO, REPRESENTAÇÃO E COMPORTAMENTO NAS RELAÇÕES ÍNTIMAS

Relativamente às relações entre percepção e comportamento, constatamos neste estudo a ausência de associações significativas entre as variáveis destes dois domínios de avaliação. Conforme explicitámos em momento anterior (vide cap.3), não obstante tenha sido nossa opção uma abordagem dimensional, assente na forma como os indivíduos geralmente se sentem face às suas relações afectivas, consideramos possível que o acesso a configurações da vinculação do ponto de vista tipológico permitisse, à semelhança do verificado noutros estudos (e.g. Collins e Feeney, 2000; Crowell et al., 2002) aferir em que medida os estilos de vinculação se associam diferencialmente a comportamentos específicos no contexto diádico do casal.

No que respeita às relações entre percepção e representação registam-se apenas as correlações significativas entre a dimensão ansiedade e a procura de cuidados, para os homens, e a dimensão conforto com a proximidade e intimidade sexual para as mulheres. Apesar de ser um tema controverso, encontramos dados na literatura que sugerem a escassa convergência entre o domínio da percepção, avaliado através de medidas de auto-relato, e o domínio representacional, avaliado através de entrevistas. Esta questão da convergência entre domínios de avaliação assenta no pressuposto de que existem diferenças nos modos de avaliação mas também nos conteúdos por eles acedidos (Bouthillier, et al., 2002; Jacobvitz, Curran & Moller, 2002; Roisman et al., 2007). De acordo com a literatura considera-se que os instrumentos de auto-relato avaliam representações mais conscientes das relações, nomeadamente estratégias mais explícitas de regulação emocional e de comportamentos interpessoais, enquanto que as entrevistas (e.g. *AAI*, *CRI*) visam aceder àquilo a que Main e cols. (1985) designaram por *state of mind with respect to attachment*, isto é, representações mais inconscientes ou tácitas que configuram modelos internos acerca do self, dos outros e das relações com o mundo (Bartholomew & Shaver, 1998; Bouthillier, et al., 2002). Consideramos que este poderá ser um factor explicativo para as escassas correlações encontradas entre o modo como os sujeitos percebem a sua relação e o modo como a representam.

Discutidos os principais resultados do estudo empírico, passamos de seguida a destacar as suas principais conclusões, apontando as limitações mais salientes e sugerindo algumas indicações para futuras investigações.

Numa análise retrospectiva gostaríamos de realçar os aspectos centrais deste trabalho. Tomando como ponto de partida a Teoria da vinculação de John Bowlby e Mary Ainsworth, a presente investigação procurou oferecer um contributo para o estudo da vinculação no contexto das relações íntimas. Os resultados encontrados, ainda que com carácter exploratório, apontam no sentido da pertinência da avaliação da vinculação na idade adulta, no contexto das relações íntimas, pelo recurso à combinação de múltiplos métodos, assumidos como complementares (Crowell et al., 2002).

No que diz respeito ao domínio representacional, salientamos os resultados obtidos através da IRI, uma entrevista por nós desenvolvida no âmbito do Grupo de Estudos de Vinculação, com o objectivo de avaliar o modo como o sujeito organiza internamente as suas experiências no contexto de uma relação íntima, como as integra, lhes atribui significado e quais as estratégias comportamentais que utiliza. Na globalidade, a análise da fidelidade dos resultados e as relações obtidas entre as dimensões avaliadas pela entrevista permite-nos concluir que a IRI se possa constituir como uma medida alternativa válida e fiável no estudo da representação das relações íntimas. No entanto, torna-se fundamental um trabalho de validação do instrumento mais amplo e rigoroso junto de uma amostra maior, sugerindo-se o recurso a procedimentos de análise factorial como forma de explorar a estrutura subjacente da entrevista e a articulação com outras medidas de carácter representacional (e.g. Lima, em preparação).

Em relação ao domínio comportamental observa-se, de igual modo, uma congruência entre os dados empíricos e aspectos centrais do ponto de vista teórico. Neste domínio salientamos a forma como as escalas referentes aos Cuidados (sistema de procura e prestação de cuidados), constructos basilares na Teoria da Vinculação, revelam ser essenciais na compreensão do comportamento diádico, apontando designadamente para a diferenciação de comportamentos dentro do casal, provavelmente assentes em diferenças de género, que no nosso entender deverão ser alvo de uma maior atenção em investigações futuras.

Consideramos pertinente salientar o processo de formação a que a equipa de investigação foi submetida ao nível dos procedimentos de administração e cotação das medidas de cariz representacional e comportamental, em prol do rigor metodológico que enfatizamos e que se constitui, no nosso entender, como uma mais valia do presente estudo.

Relativamente ao domínio da percepção consideramos de extrema relevância a inclusão de medidas adicionais da avaliação dos estilos de vinculação, especificamente medidas de cariz tipológico poderiam constituir-se como complementares à medida por nós utilizada. Importa porém atender aos efeitos de fadiga que um protocolo mais extenso poderia provocar nos participantes e questões éticas associadas.

Neste projecto houve por parte dos investigadores um esforço no sentido de antecipar e minimizar as dificuldades inerentes a um processo de investigação. No entanto, importa salientar um conjunto de aspectos que consideramos ter influído nos resultados obtidos. Assim, no que concerne à amostra e ao processo de amostragem salienta-se a sua não representatividade da população portuguesa devendo os resultados encontrados serem estritamente enquadrados nos objectivos traçados para esta investigação. Do ponto de vista metodológico, dado tratar-se de um desenho não experimental, os procedimentos de análise encontram-se circunscritos à observação ou estabelecimento de relações entre as variáveis consideradas. Neste sentido, considera-se pertinente que futuras investigações contemplem a utilização de *designs* longitudinais em que a história desenvolvimental do sujeito e a história relacional de cada um dos elementos do casal seja incluída, permitindo deste modo a realização de análises estatísticas mais robustas de cariz preditivo. Finalmente, e na esteira do enfatizado por Bowlby relativamente à aplicabilidade da Teoria da Vinculação aos contextos clínicos, consideramos pertinente a realização de estudos similares de casais em processo de intervenção psicoterapêutica.

Referências Bibliográficas

Ainsworth, M. (1967). *Infancy in Uganda: Infant care and the growth of love*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

Ainsworth, M. (1977). Infant development and mother-infant interaction among Ganda and American families. In P. H. Leiderman & S. Tulkin (Eds.), *Culture and infancy: Variations on human experience*. New York: Academic Press.

Ainsworth, M. (1991). Attachments and other affectional bonds across the life cycle. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hide & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle*. London: Routledge.

Ainsworth, M., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Ainsworth, M., & Bowlby, J. (1991). An Ethological Approach to Personality Development. *American Psychologist*, 46(4), 333-341.

Alexandrov, E., Cowan, P., & Cowan, C. (2005). Couple attachment and the quality of marital relationships: method and concep in the validation of the new couple attachment interview and coding system. *Attachment and Human Development*, 7(2), 123-152.

Almeida, L., & Freire, T. (2003). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilibrios Edições.

Baldwin, M. W., & Fehr, B. (1995). On the instability of attachment style ratings. *Personal Relationships*, 2, 247-261.

Barón, M., Zapiain, J., & Apodaca, P. (2002). Apego e satisfación afectivo-sexual en la pareja. *Psithema*, 14, 469-475.

Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: an attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 147-178.

Bartholomew, K., & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: a test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226-244.

Bartholomew, K., & Shaver, P. (1998). Methods of assessing adult attachment: do they converge? In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment Theory and Close Relationships* (pp. 25-45). New York: The Guilford Press.

Bengtson, P., & Grotevant, H. (1994). *The Dyadic Relationships Q-Sort: A measure for assessing individuation and connectedness in dyadic relationships*: University of Minnesota, Minneapolis.

- Berman, W., & Sperling, M. (1994). The Structure and Function of Adult Attachment. In M. Sperling & W. Berman (Eds.), *Attachment in Adults: Clinical and Developmental Perspectives* (pp. 3-28). New York: The Guilford Press.
- Bouthillier, D., Julien, D., Dubé, M., Bélanger, I., & Hamelin, M. (2002). Predictive Validity of Adult Attachment Measures in Relation to Emotion Regulation Behaviors in Marital Interactions. *Journal Of Adult Development*, 9(4), 291-305.
- Bowlby, J. (1958). The Nature of the Child's Tie to his Mother. *International Journal of Psycho-Analysis*, 39, 350-373.
- Bowlby, J. (1960a). Separation anxiety. *International Journal of Psycho-Analysis*, 41, 89-113.
- Bowlby, J. (1960b). Grief and mourning in infancy and early childhood. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 15, 9-52.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Separation*. London: Basic Books.
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and loss: Attachment (1ª e 2ª edição respectivamente)*. London: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Loss, sadness and depression*. London: Basic Books.
- Bowlby, J. (1989). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Routledge.
- Bowlby, J. (1988). *A Secure Base: clinical applications of attachment theory*. London: Routledge.
- Brennan, K., Clark, C., & Shaver, P. (1998). Self-Report Measurement of Adult Attachment. An Integrative Overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment Theory and Close Relationships* (pp. 46-76). New York: The Guilford Press.
- Brennan, K. & Shaver, P. (1995). Dimensions of adult attachment, affect regulation and romantic relationship functioning. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21, 267-283
- Bretherton, I. (1991). The roots and growing points of attachment theory. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle*. London: Routledge.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, 759-775.
- Bretherton, L., & Munholland, K. (1999). Internal working models in attachment relationships: a construct revisited. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 89-111). New York: The Guilford Press.
- Butzer, B., & Campbell, L. (2008). Adult attachment, sexual satisfaction, and relationship satisfaction: A study of married couples. *Personal Relationships*, 15, 41-154.
- Canavarro, M. C. (1999a). *Relações Afectivas e Saúde Mental. Uma abordagem ao longo do ciclo de vida*. Coimbra: Quarteto Editora.

- Canavarro, M. C. (1999b). Inventário de sintomas psicopatológicos - BSI. In M. R. Simões, M. Gonçalves & L. Almeida (Eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (Vol. II, pp. 95-109). Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais.
- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. S. (2006). A Avaliação da Vinculação do Adulto: Uma Revisão Crítica a Propósito da Aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na População Portuguesa. *Psicologia*, XX, 1
- Cassidy, J. (1999). The Nature of the Child's Ties. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 3-20). New York: The Guilford Press.
- Cassidy, J. (2000). Adult Romantic Attachments: A Developmental Perspective on Individual Differences. *Review of General Psychology*, 4(2), 111-131.
- Cassidy, J. (2001). Truth, lies and intimacy: An attachment perspective. *Attachment and Human Development*, 3(2), 121-155.
- Clark-Carter, D. (2004). *Quantitative Psychological Research*. New York: Psychology Press.
- Cohen, J. (1988). *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Collins, N., & Feeney, B. (2000). A Safe Haven: An Attachment Theory Perspective on Support Seeking and Caregiving in Intimate Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(6), 1053-1073.
- Collins, N., & Feeney, B. (2004). An attachment theory perspective on closeness and intimacy. In D. Mashek & A. Aron (Eds.), *Handbook of closeness and intimacy*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers.
- Collins, N., & Read, S. (1990). Adult Attachment, Working Models, and Relationship Quality in Dating Couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644-663.
- Collins, N., & Read, S. (1994). Cognitive representations of attachment: the structure and function of working models. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Attachment processes in adulthood* (Vol. 5, pp. 53-92). London: Jessica Kingsley Publ.
- Collins, W. A., Hennighausen, K., Madsen, S., & Roisman, G. (1998). Dyadic Coding of Couple Interactions: Rating Qualitative Features of Close Relationships.: Institute of Child Development, University of Minnesota.
- Collins, W. A., & Sroufe, L. A. (1999). Capacity for Intimate Relationships: A Developmental Construction. In W. Furman, B. B. Brown & C. Feiring (Eds.), *The Development of Romantic Relationships in Adolescence* (pp. 125-147). New York: Cambridge University Press.
- Cowan, P., Cowan, C., Alexandrov, E., Lyon, S., & Heming, G. (1999). Couple attachment interview coding system. Unpublished manuscript. University of California at Berkeley.
- Cox, M. (1991). Marital and parent-child relationships study: University of North Carolina.

- Crowell, J. (1999). *Current relationship interview*. Unpublished manuscript. State University of New York, EUA..
- Crowell, J., Fraley, R., & Shaver, P. (1999). Measurement of individual differences in adolescents and adult attachment. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 434-465). New York: The Guilford Press.
- Crowell, J., & Owens, G. (1998). *Manual for the Current Relationship Interview and Scoring System, Version 4*.
- Crowell, J., & Treboux, D. (1995). A review of adult attachment measures: implications for theory and research. *Social Development, 4*, 294-327.
- Crowell, J., & Treboux, D. (2001). Attachment security in adult partnerships. In C. Clulow (Ed.), *Adult attachment and couple psychotherapy* (pp. 28-42). London: Brunner-Routledge.
- Crowell, J., Treboux, D., Gao, Y., Fyffe, C., Pan, H., & Waters, E. (2002). Assessing Secure Base Behavior in Adulthood: Development of a Measure, Links to Adult Attachment Representations, and Relations to Couples' Communication and Reports of Relationships. *Developmental Psychology, 38*(5), 679-693.
- Dickstein, S., Seifer, R., St.Andre, M., & Schiller, M. (2001). Marital Attachment Interview: Adult attachment assessment of marriage. *Journal of Social and Personal Relationships, 18*, 651-672.
- Faria, C., Fonseca, M., Lima, V., Soares, I., & Klein, J. (2007). Vinculação na idade adulta. In I. Soares (Ed.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e Avaliação* (pp. 123-158). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Feeney, J. (1998). Adult attachment and relationships-centered anxiety: Responses to physical and emotional distancing. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment Theory and Close Relationships* (pp. 189-217). New York: The Guilford Press.
- Feeney, J. (1999). Adult romantic attachment and couple relationships. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 355-377). New York: Guilford Press.
- Feeney, J., & Noller, P. (1990). Attachment style as a predictor of adult romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 58*(2), 281-291.
- Feeney, J., & Noller, P. (1996). *Adult Attachment*. Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Feeney, J., Noller, P., & Hanrahan, M. (1994). Assessing Adult Attachment. In M. Sperling & W. Berman (Eds.), *Attachment in Adults: clinical and developmental perspectives*. New York: The Guilford Press.
- Field, A. (2005). *Discovering Statistics Using SPSS*. London: SAGE Publications.

Freire, T., & Almeida, L. (2001). Escalas de Avaliação: Construção e Validação. In M. Fernandes & L. Almeida (Eds.), *Métodos e Técnicas de Avaliação: contributos para a prática e investigação psicológicas* (pp. 109-128): Universidade do Minho: Centro de Estudos em Educação e Psicologia.

Fuller, T., & Fincham, F. (1995). Attachment style in married couples: Relation to current marital functioning, stability over time, and method of assessment. *Personal Relationships*, 2, 17-34.

George, C., Kaplan, N., & Main, M. (1984/1985/1996). Adult Attachment Interview, *Manuscrito não publicado*: University of California at Berkeley, EUA.

Griffin, D., & Bartholomew, K. (1994). Models of the Self and Other: fundamental dimension underlying measures of adult attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(3), 430-445.

Grossmann, K., Grossmann, K., Winter, M., & Zimmermann, P. (2002). Attachment relationships and appraisal of partnership: from early experience of sensitive support to later relationship representation. In L. Pulkkinen & A. Caspi (Eds.), *Paths to successful development: Personality in the life course*. Cambridge: University of Cambridge.

Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.

Hazan, C., & Shaver, P. (1990). Love and Work: an attachment theoretical perspective *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 270-280.

Hazan, C., & Shaver, P. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5, 1-22.

Hazan, C., & Zeifman, D. (1999). Pair Bonds as Attachments: Evaluating the Evidence. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 336-354). New York: The Guilford Press.

Hendrick, S., & Hendrick, C. (1995). Gender differences and similarities in sex and love. *Personal Relationships*, 2, 55-65.

Hill, M., & Hill, A. (2005). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.

Jacobvitz, D., Curran, M., & Moller, N. (2002). Measurement of adult attachment: the place of self-report and interview methodologies. *Attachment and Human Development*, 4(2), 207-215.

Kirkpatrick, L., & Davis, K. (1994). Attachment style, gender and relationship stability: A longitudinal analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66(3), 502-512.

Kobak, R. R. (1994). Adult attachment: a personality or a relationship construct. *Psychological Inquiry*, 5, 42-44.

- Lima, V., Soares, I., Vieira, F., & Collins, W. (2005). Intimate Relationship Interview. Disponível com os autores. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Lima, V., Vieira, F., Soares, I., & Collins, W. (2005). Sistema de cotação da Intimate Relationship Interview. Disponível com os autores. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Lima, V., Vieira, F., & Soares, I. (2006). Vinculação em casais: avaliação da representação da intimidade e da interação conjugal. *Psicologia XX*(1), 51-63.
- Madsen, S., & Collins, W. A. (2004). Longitudinal Links and Divergences in Interactions in Parent-Child and Romantic Relationships, *SRA*.
- Main, M. (1991). Metacognitive knowledge, metacognitive monitoring, and singular (coherent) vs. multiple (incoherent) model of attachment: Findings and directions for future research. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle*. London: Routledge.
- Main, M., & Goldwyn, R. (1984-1998). Adult attachment scoring and classification system., *Manuscrito não publicado*: University of California at Berkeley, EUA.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood and adulthood: a move to the level of representation. In I. Bertherton & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research*. (Vol. 50, pp. 66-104): Monographs of the Society for Research in Child Development.
- Margolin, G., Oliver, P., Gordis, E., O'Hearn, H., Medina, A., Ghosh, C., et al. (1998). The nuts and bolts of behavioral observation of marital and family interaction. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 1(4), 195-213.
- Martins, C., & Machado, C. (2006). Observação da Interação Humana: considerações metodológicas. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 159-176.
- Mikulincer, M., & Nachshon, O. (1991). Attachment Styles and Patterns of Self-Disclosure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 321-331.
- Ostrov, J. M., & Collins, W. A. (no prelo). Social Dominance in Romantic Relationships: A Prospective Longitudinal Study of Nonverbal Processes. *Social Development*.
- Overall, N., Fletcher, G., & Friesen, M. (2003). Mapping the Intimate Relationship Mind: comparisons between three models of attachment representation. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29(12), 1479-1493.
- Pallant, J. (2005). *SPSS Survival Manual: A step by step guide to data analysis using SPSS version 12*. Sydney: Open University Press.
- Pestana, M., & Gageiro, J. (2000). *Análise de Dados para Ciências Sociais: a complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.

- Pietromonaco, P., & Barrett, L. (2000). Attachment Theory as an Organizing Framework: A View From Different Levels of Analysis. *Review of General Psychology, 4*(2), 107-110.
- Pietromonaco, P., & Carnelley, K. (1994). Gender and working models of attachment: consequences for perceptions of self and romantic relationships. *Personal Relationships, 1*, 63-82.
- Pinto, A. C. (1990). *Metodologia da Investigação Psicológica*. Porto: Edições Jornal de Psicologia.
- Prager, K., & Roberts, L. (2004). Deep intimate connection: self and intimacy in couple relationships. In D. Mashek & A. Aron (Eds.), *Handbook of closeness and intimacy*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers.
- Rholes, W., Simpson, J., & Stevens, J. (1998). Attachment orientations, social support and conflict resolution in close relationships. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment Theory and Close Relationships* (pp. 166-188). New York: The Guilford Press.
- Roisman, G., Collins, W. A., Sroufe, L. A., & Egeland, B. (2005). Predictors of young adult's representations of and behavior in their current romantic relationships: prospective tests of the prototype hypothesis. *Attachment and Human Development, 7*(2), 105-121.
- Roisman, G., Holland, A., Fortuna, K., Fraley, R., Clausell, E., & Clarke, A. (2007). The Adult Attachment Interview and Self-Reports of Attachment Style: an empirical rapprochement. *Journal of Personality and Social Psychology, 92*(4), 678-697.
- Roisman, G., Madsen, S. D., Hennighausen, K. H., Sroufe, L. A., & Collins, W. A. (2001). The coherence of dyadic behavior across parent-child and romantic relationships as mediated by the internalized representation of experience. *Attachment and Human Development, 3*(2), 156-172.
- Senchak, M., & Leonard, K. (1992). Attachment styles and marital adjustment among newlywed couples. *Journal of Social and Personal Relationships, 9*, 51-64.
- Siegel, S., & Castellan, N. (1988). *Nonparametric statistics for the behavioral sciences* (2 ed.). New York: McGraw-Hill Company.
- Silver, D., & Cohn, D. (1992). *Couple attachment interview*. Unpublished manuscript, University of California at Berkeley.
- Simpson, J. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 59*(5), 971-980.
- Simpson, J., & Rholes, S. (1998). Attachment in adulthood. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment Theory and Close Relationships* (pp. 3-21). New York: The Guilford Press.
- Simpson, J., Rholes, W., & Nelligan, J. (1992). Support Seeking and Support Giving Within Couples in an Anxiety-Provoking Situation: The Role of Attachment Styles. *Journal of Personality and Social Psychology, 62*(3), 434-446.

- Simpson, J., Rholes, W., & Phillips, D. (1996). Conflict in Close Relationships: An Attachment perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(5), 899-914.
- Simpson, J., Winterheld, H., Rholes, W., & Oriña, M. (2007). Working Models of Attachment and Reactions to Different Forms of caregiving from Romantic Partners. *Journal of Personality and Social Psychology*, 93(3), 466-477.
- Soares, I. (1996a). Vinculação: Questões teóricas, investigação e implicações clínicas. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 11, 35-71.
- Soares, I. (1996b). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência. Estudo intergeracional: mãe-filho(a)*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia - Universidade do Minho.
- Soares, I. (2000). Psicopatologia do desenvolvimento e contexto familiar: Teoria e investigação das relações de vinculação. In I. Soares (Ed.), *Psicopatologia do desenvolvimento: Trajectórias (in) adaptativas ao longo da vida* (pp. 381-434). Coimbra: Quarteto Editora.
- Soares, I. (2002). *A vinculação vinculada. Lição Síntese*. Departamento de Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho (Manuscrito não publicado).
- Soares, I. (2007). Desenvolvimento da teoria e da investigação da vinculação. In I. Soares (Ed.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e Avaliação* (pp. 15-45). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Sroufe, L., & Fleeson, J. (1986). Attachment and the construction of relationships. In W.W. Hartup & Z. Rubin (Eds.), *Relationships and development* (pp. 51-71), Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Sroufe, L., & Waters, E. (1977). Attachment as an Organizational Construct. *Child Development*, 48, 1184-1199.
- Sternberg, R. (1986). A Triangular Theory of Love. *Psychological Review*, 93(2), 119-135.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (1996). *Using Multivariate Statistics* (3 ed.). New York: Harper Collins College.
- Treboux, D., & Crowell, J. (2001). *Are attachment representations stable across phases of development? Transitions to marriage and to parenting*, from <http://www.psychology.sunysb.edu>
- Treboux, D., Crowell, J., & Waters, E. (2004). When "new" meets "old": configurations of adult attachment representations and their implications for marital functioning. *Developmental Psychology*, 40(2), 295-314.
- van IJzendoorn, M. H. (1995). Adult attachment representation, parental responsiveness and infant attachment: A meta-analysis on the predictive validity of the Adult Attachment Interview. *Psychological Bulletin*, 117, 387-403.

- van IJzendoorn, M. H., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (1996). Attachment representations in mothers, fathers, adolescents, and clinical groups: A meta-analytic search for normative data. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 64*, 8-21.
- van IJzendoorn, M. H., & Kroonenberg, P. (1988). Cross-cultural patterns of attachment: A meta-analysis of the strange situation. *Child Development, 59*, 147-156.
- Vangelisti, A., & Daly, J. (1997). Gender differences in standards for romantic relationships. *Personal Relationships, 4*, 203-219.
- Wampler, K., Riggs, B., & Kimball, T. (2004). Observing Attachment Behavior in Couples: The Adult Attachment Behavior Q-Set (AABQ). *Family Process, 43*(3), 315-335.
- Waters, E., & Cummings, E. M. (2000). A Secure Base From Which To Explore Close Relationships. *Child Development, 71*, 164-172.
- Weinfield, N., Sroufe, L. A., Egeland, B., & Carlson, E. (1999). The Nature of Individual Differences in Infant-Caregiver Attachment. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 68-88). New York: The Guilford Press.
- Weiss, & R. (1991). The attachment bond in childhood and adulthood. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle*. London: Routledge.



Anexos

Ficha de Identificação e Caracterização do Casal
Projecto de Investigação da Universidade do Minho - Departamento de Psicologia

Identificação

Elemento	Feminino	Masculino
Nome		
Idade		
Estado Civil		
Habilitações Literárias		
Profissão		
Frequenta formação pós-graduada?	Sim Não	Sim Não
e-mail		
Telefone		
Morada		

Caracterização da Relação

Por favor Indique:

1) Tempo total da relação:
 ____ anos e ____ meses

2) Há quanto tempo vivem juntos:
 ____ anos e ____ meses

3)

Tipo de relação

Tempo decorrido

Casamento

____ anos e ____ meses

União de Facto

4) Existem filhos do casal ou de relações anteriores?

Sim Não

5) Anteriormente a esta relação, algum dos elementos do casal manteve:

a) Casamentos Sim Não Durante quanto tempo?

b) Uniões de facto Sim Não ____ anos, ____ meses

Obrigado pela sua colaboração!

Escalas	Descrição das Escalas
Integração da emocionalidade negativa e positiva	<p>Escala de balanceamento, que permite avaliar a expressão de afecto e a sua integração. É considerado quer a expressão de afecto negativo (e.g. verbalizações que reflectem frustração, impaciência, raiva, hostilidade, frieza, rejeição, insatisfação) como a expressão de afecto positivo (e.g. expressão de sentimentos positivos dirigidos ao outro, evidência de partilha de afecto físico e verbal entre o casal, tom de voz, sorrisos)</p> <p>O limite inferior da escala caracteriza-se ou pelo evitamento da expressão de afecto negativo através de distanciamento e desvalorização do outro e/ou da relação ou pela elevada expressão de afecto negativo, sem reconhecimento do mesmo, ao qual se pode associar ausência de expressão de afecto positivo ou expressão de afecto positivo, mas não articulado de um modo coerente com o afecto negativo. Na posição intermédia, a expressão de afecto positivo é moderada e caracteriza-se fundamentalmente pela pouca evidência episódica e pelo cariz instrumental que assume. O afecto negativo existente não se constitui como aspecto central da relação, no entanto permanece a ausência de integração da emocionalidade. No limite superior, expressões de afecto positivo são frequentes e o afecto negativo existente é reconhecido abertamente pelo próprio e apresentado de um modo emocionalmente integrado. Assim, há a possibilidade de coexistir diferentes tonalidades afectivas, sem prejuízo do próprio e/ou da relação.</p>
Careseeking	<p>Capacidade de procurar cuidados e ser confortado pelo outro no contexto de uma relação íntima.</p> <p>No limite inferior da escala o sujeito não recorre ao outro como base segura (e.g. isola-se, recorre a outras pessoas, não confia no outro), podendo evitar a expressão de vulnerabilidade, expressar o desconforto exclusivamente com afecto negativo (e.g. hostilidade, raiva) ou rejeitar e desvalorizar o apoio dado pelo outro. As posições intermédias caracterizam-se por um padrão inconsistente de procura de cuidados, podendo variar em função da temática geradora de desconforto. O indivíduo em alguns momentos é capaz de procurar suporte e expressar pensamentos e sentimentos, no entanto pode não ser muito claro quanto às expectativas que tem relativamente ao comportamento do parceiro e/ou não ser capaz de manter os sinais, não sendo facilmente confortado. No limite superior, o sujeito sinaliza abertamente o seu desconforto e é facilmente confortado, sendo capaz de manter os sinais, mesmo quando o outro não o conforta de imediato. O distress é sinalizado de modo congruente nos domínios emocional, verbal e comportamental, sentindo-se o sujeito confortável nesse papel.</p>
Caregiving	<p>Capacidade do indivíduo em prestar cuidados, reconhecendo os sinais de vulnerabilidade, desconforto ou distress do outro, e o modo como responde de forma a satisfazer essas necessidades.</p> <p>No limite inferior da escala, o sujeito mostra-se incapaz de se assumir como base segura para o outro, não reconhecendo os sinais de procura de cuidados nem apresentado abertura ou interesse ao desconforto do outro. As posições intermédias, caracterizam-se por um padrão inconsistente de prestação de cuidados, podendo variar em função da temática geradora de desconforto. Em alguns momentos o sujeito é capaz de se assumir como base segura para o outro, no entanto fá-lo de um modo inadequado (e.g. exercer domínio, excessivas críticas, controlo do comportamento do outro), não satisfazendo as necessidades do outro. No limite superior, o sujeito é capaz de se assumir como base segura para o outro, sentindo-se confortável nesse papel. O sujeito demonstra abertura e interesse pela vulnerabilidade expressa pelo outro, satisfazendo as necessidades do outro de modo adequado e eficaz, independentemente do conteúdo ou intensidade emocional manifestada.</p>
Intimidade sexual	<p>Envolve procura e percepção de proximidade física e emocional, abertura e partilha de si no contexto da expressão sexual.</p> <p>No limite inferior da escala, o sujeito revela pouca ou nenhuma intimidade sexual com o outro. Existem dificuldades de comunicação e de abertura relativamente a questões de natureza sexual, inibição na partilha de afecto positivo e no contacto físico com próprio corpo e com o do outro. As posições intermédias, caracterizam-se pela partilha de afecto positivo e intimidade física, no entanto surgem algumas dificuldades em abordar sentimentos e pensamentos em relação à vida sexual do casal. No limite superior existe uma elevada intimidade sexual entre o casal, que se caracteriza pela partilha de sentimentos e comunicação aberta. O sujeito valoriza a componente física, assim como a proximidade e o envolvimento emocional. O outro é visto em contexto sexual como base segura (segurança, suporte, protecção).</p>

Escalas	Descrição das Escalas
Desenvolvimento do Indivíduo Vs Desenvolvimento da Relação	<p>Grau pelo qual o sujeito é capaz de experienciar crescimento pessoal como resultado do seu envolvimento na relação, ou se pelo contrario a relação constrange os recursos, as necessidades e os objectivos individuais de cada um.</p> <p>No limite inferior da escala a relação limita ou suprime a expressão individual do sujeito. O sujeito não se sente satisfeito com a relação, podendo desvalorizá-la/minimizá-la, manter-se distante e/ou negar quaisquer contrariedades e impacto negativo na sua individualidade. Nas posições intermédias, o sujeito sente-se satisfeito com a relação, valorizando-a, no entanto o sujeito experiencia alguma tensão (parece não existir um real equilibrio) entre as necessidades da relação e o desenvolvimento de áreas pessoais (e.g. realização pessoal, amigos, emprego). No limite superior a relação serve plenamente as necessidades e objectivos individuais do sujeito. O outro funciona para o sujeito como base segura, a partir da qual ele consegue, de um modo equilibrado, satisfazer as suas necessidades individuais, explorar o mundo fora da relação, promovendo e assegurando também a qualidade do relacionamento.</p>
Idealização	<p>Grau de idealização do individuo relativamente ao outro, a si próprio e/ou à relação. A idealização avalia-se pela discrepância entre a imagem ou a representação semântica que o individuo faz do outro, de si na relação e/ou da própria relação e os episódios que descreve.</p> <p>No limite inferior da escala, o discurso é consistentemente suportado com evidência episódica. Ao longo da entrevista, o individuo pode descrever uma relação bastante positiva/satisfatória dando suporte convincente a essa descrição, ou pode referir problemas na relação sem necessidade de os negar ou normalizar. Nas posições intermédias, as descrições são suportadas por episódios vagos, superficiais ou indicadores de comportamentos que assumem sobretudo um cariz instrumental. As descrições do individuo poderão ser também mais baseadas no que os outros pensam acerca da relação e não tanto sobre a experiencia do próprio. No limite superior, o individuo descreve uma relação perfeita/maravilhosa mas não apresenta evidência episódica que suporte essa descrição. O individuo pode não ser capaz de sustentar o seu discurso através de memórias ou exemplos, ou entrar em contradição com outras descrições/afirmações ao longo da entrevista.</p>
Coerência	<p>Quão precisa, clara e compreensível é a representação que o individuo tem do outro, de si e da relação e de que forma consegue transmiti-lo no decurso da entrevista. Máximas descritas por Main & Goldwyn (1994) – Qualidade, Quantidade, Relevância e Modo.</p> <p>No limite inferior da escala, o individuo apresenta um discurso de difícil compreensão, confuso, violando claramente as máximas da coerência. O discurso poderá ser caracterizado por contradições entre nível semântico e nível episódico, oscilações constantes de pontos de vida sem reconhecimento explícito por parte do individuo, discurso emaranhado com excessivo detalhe, discurso vago ou excessivamente conciso, fuga para tópicos irrelevantes, etc. Nas posições intermédias, o discurso é menos fluído e claro, verificando-se algumas violações das máximas da coerência (e.g., discurso vago, dificuldades em relatar episódios que sustentem a descrição feita, oscilações de ponto de vista, mudanças repentinas de assunto). No limite superior, o individuo apresenta um discurso compreensível, consistente e integrado. O individuo é capaz de fornecer uma descrição clara e espontânea das suas experiências e da sua relação, sustentada com evidência episódica não contraditória.</p>

Observação da Interação do Casal

Número do Participante: _____

Data: _____

Masculino: _____ Feminino: _____

Instruções

Apresenta-se seguidamente uma listagem com um conjunto de áreas que diferentes pessoas referem como problemáticas no contexto de relações íntimas. Por favor, indique o grau pelo qual cada uma das áreas é um problema na sua relação, fazendo um círculo em redor do número que considerar adequado (sendo “1: Não é problemático” e “10: É muito problemático”). Use os espaços 12 e 13 para indicar áreas que considere relevantes e que não tenham sido mencionadas.

NOTA: O seu cônjuge preencherá igualmente este questionário e ambos verão o questionário do outro num momento posterior desta sessão.

	Não é					É muito				
	problemático									
1) Dinheiro	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2) Comunicação	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
3) Sogros e Família	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
4) Sexo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
5) Religião	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
6) Tempos-livres	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
7) Amigos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
8) Álcool e Drogas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
9) Filhos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
10) Ciúmes	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11) Divisão de tarefas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
12) _____	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
13) _____	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Dimensões	Escalas	Descrição das Escalas
Tonalidade Afectiva	Afecto Positivo Diádico	Reciprocidade na expressão de afecto positivo pelo casal (e.g. sorrisos, evidência de afecto físico ou verbal). No limite inferior da escala, a reciprocidade de afecto positivo é praticamente ausente, ou um dos elementos do casal expressa afecto positivo que é respondido pelo outro com afecto neutro ou negativo. Níveis moderados indicam alguma partilha de afecto positivo, porém algumas expressões de afecto positivo por um dos indivíduos podem ser emparelhadas com afecto neutro ou negativo pelo outro. No limite superior, o casal é caracterizado por elevada partilha de afecto positivo, sendo as expressões de afecto positivo por parte de um elemento da díade consistentemente emparelhadas com afecto positivo pelo parceiro.
	Afecto Negativo Diádico	Reciprocidade na expressão de afecto negativo pelo casal (e.g. frustração, impaciência, raiva e/ou hostilidade). No limite inferior da escala, expressões de afecto negativo podem ser inexistentes, ou a existir, são emparelhadas por afecto neutro ou positivo pelo outro parceiro. Nas posições intermédias, afecto negativo é emparelhado com afecto negativo pelo parceiro, mas o conflito consegue ser contido, ou mantido por meio de frieza contínua entre os parceiros. No limite superior, expressões de afecto negativo são repetidamente devolvidas, entrando-se num processo de escalada em que o conseqüente conflito é um aspecto dominante da sessão.
	Raiva	Expressão intensa e activa de frustração, irritação e/ou impaciência dirigida ao parceiro (e não a terceiros ou à tarefa). O limite inferior da escala é caracterizado por ausência de sinais de raiva, ou a existirem, desempenham um papel insignificante na interacção. Níveis moderados indicam um aumento da frequência e intensidade da raiva, porém, estes episódios são limitados e comumente controlados. O limite superior indica uma interacção caracterizada pela raiva e uma inadequada ou inconsistente capacidade para a modular.
	Hostilidade	Dinâmica fria e rejeitante que reflecte desesperança e futilidade sobre a relação. No limite inferior da escala, não existem esforços de distanciamento ou rejeição, ou a existirem o outro elemento da díade procura dissipar a situação. Níveis intermédios implicam reciprocidade no comportamento de distanciamento e comentários dolorosos, contribuindo ambos os parceiros para o tom hostil da relação. No limite superior incluem-se os casais cujas interacções estão inundadas de distanciamento mútuo, ausência de remorso, e desesperança na relação ou sua melhoria.
Processo	Resolução de Conflito	Capacidade do casal trabalhar em conjunto para a tomada de decisões ou resolução de conflito de modo a que conduza à mútua satisfação. No limite inferior da escala, não existe satisfação no processo de tomada de decisão. Alguma colaboração pode ser visível, mas as interacções são restritivas e existe pouca sensibilidade ante a perspectiva do outro. Posições intermédias indicam moderada satisfação com o processo de resolução do conflito, havendo algum esforço para trabalhar em conjunto. No limite superior, ambos os parceiros estão satisfeitos com o processo de tomada de decisão, envolvendo colaboração e negociação de conflito.
	Base Segura	Modo como na relação os indivíduos são capazes de usar o outro como base segura e de se assumirem como base segura para o outro. No limite inferior da escala, os sujeitos funcionam como entidades separadas, sem sinais de ligação emocional. Nos níveis moderados, os sujeitos são algumas vezes capazes de funcionar como base segura para o parceiro e de recorrerem a ele como base segura. No limite superior, os elementos da díade são eficazes em constituírem-se como base segura e em recorrer ao outro como base segura

Dimensões	Escalas	Descrição das Escalas
Equilíbrio / Balanceamento	Assertividade vs Self-Concealment	Debruça-se sobre as dimensões centrais de abertura e assertividade versus <i>self-concealment</i> , passividade e/ou defensividade. No limite inferior da escala, ambos os parceiros mostram sinais de indisponibilidade à expressão de opiniões, passividade e/ou defensividade. Nos pontos médios, um dos parceiros pode abrir-se e expressar livremente as suas opiniões e sentimentos, enquanto o outro é resistente à abertura. Ainda, ambos os parceiros podem mostrar um misto de vulnerabilidade e <i>self-concealment</i> ao longo das tarefas. No limite superior, cada elemento do casal revela sinais de se sentir seguro na expressão de opiniões e sentimentos, bem como confiança em estar a ser ouvido
	Desenvolvimento do Indivíduo vs Desenvolvimento da Relação	Grau pelo qual a relação nutre/promove os parceiros como indivíduos, ou, ao invés, os constringe dos seus recursos individuais. No limite inferior da escala, a interacção parece limitar ou suprimir a individualidade de um ou ambos os parceiros, devido a um extremo emaranhamento ou a uma dinâmica destrutiva. Nos pontos intermédios, a relação parece servir os indivíduos ocasionalmente, mas não por um período prolongado. Porém, nestes pontos, existe um claro esforço de alterar este padrão. No limite superior, existe espaço para ambos os parceiros expressarem a sua individualidade e contribuírem para a interacção diádica.
	Relação vs Mundo Exterior	Capacidade da díade em manter um envolvimento activo e competente no “trabalhar em conjunto” para completar as tarefas em mãos. No limite inferior da escala, o casal é incapaz de completar em conjunto as tarefas estipuladas e a sua interacção pode ser limitada na tentativa de o fazer. Nos pontos intermédios, o casal completa todas ou algumas partes das tarefas, mas o esforço põe em causa a harmonia das interacções. No limite superior, o casal interage harmoniosamente, com praticamente igual grau de envolvimento no completar a tarefa.
Avaliação Global	Qualidade da Relação	Avaliação holística da qualidade e profundidade da relação, não derivando de um compósito dos <i>scores</i> anteriores. No limite inferior da escala são cotados os casais em que se regista lacunas nas dimensões positivas da relação, ou os que apresentam claros aspectos negativos (vitimização, conflito crónico e intenso, rigidez de papéis). A relação pode ser linear, vazia, ou penosa para um ou ambos os elementos. Os níveis intermédios podem corresponder a inúmeras combinações de alguma ausência de aspectos positivos, ou presença de alguns elementos negativos. O limite superior indica que esta é uma boa relação. A qualidade da relação é caracterizada por: cuidado recíproco, confiança e proximidade emocional; sensibilidade às necessidades e desejos do outro, partilha profunda de experiências e sentimentos; prazer em estar com o outro e fidelidade.
Cuidados	Careseeking (feminino e masculino)	Capacidade de procurar cuidados no contexto de uma relação íntima, sinalizando o desconforto de forma aberta e clara No limite inferior da escala, o sujeito não recorre ao parceiro como base segura. Nos níveis moderados, o sujeito é em alguns momentos capaz de procurar suporte e expressar os seus pensamentos e sentimentos relativamente à temática geradora de desconforto. No limite superior, o sujeito assume a sua vulnerabilidade e sente-se confortável ao expressar o seu distress ao parceiro.
	Caregiving (feminino e masculino)	Capacidade do indivíduo atribuir importância às preocupações do seu parceiro, reconhecendo os sinais de distress e respondendo-lhes de modo rápido, contingente e efectivo. No limite inferior da escala, o sujeito não apresenta abertura ou interesse ante o desconforto do outro. Nos níveis moderados, o sujeito é capaz de se assumir como uma base segura para o cônjuge, mas não de modo consistente ou sustentado. No limite superior, o sujeito é capaz de prestar cuidados de modo adequado e eficaz, sentindo-se confortável nesse papel.

Escala de Vinculação do Adulto

EVA – M. C. Canavarro, 1995; Versão Portuguesa da *Adult Attachment Scale-R*; Collins & Read, 1990

Por favor leia com atenção cada uma das afirmações que se seguem e assinale o grau em que cada uma descreve a forma como se sente em relação às relações afectivas que estabelece. Pense em todas as relações (passadas e presentes) e responda de acordo com o que geralmente sente. Se nunca esteve afectivamente envolvido com um parceiro, responda de acordo com o que pensa que sentiria nesse tipo de situação.

	Nada característico em mim	Pouco característico em mim	Característico em mim	Muito característico em mim	Extremamente característico em mim
1. Estabeleço, com facilidade, relação com as pessoas.					
2. Tenho dificuldade em sentir-me dependente dos outros.					
3. Costumo preocupar-me com a possibilidade dos meus parceiros não gostarem verdadeiramente de mim.					
4. As outras pessoas não se aproximam de mim tanto quanto eu gostaria.					
5. Sinto-me bem dependendo dos outros.					
6. Não me preocupo pelo facto das pessoas se aproximarem muito de mim.					
7. Acho que as pessoas nunca estão presentes quando são necessárias.					
8. Sinto-me de alguma forma <u>desconfortável</u> quando me aproximo das pessoas.					
9. Preocupo-me frequentemente com a possibilidade dos meus parceiros me deixarem.					
10. Quando mostro os meus sentimentos, tenho medo que os outros não sintam o mesmo por mim.					
11. Pergunto frequentemente a mim mesmo se os meus parceiros realmente se importam comigo.					
12. Sinto-me bem quando me relaciono de forma próxima com as pessoas.					
13. Fico incomodado quando alguém se aproxima emocionalmente de mim					
14. Quando precisar, sinto que posso contar com as pessoas.					
15. Quero aproximar-me das pessoas mas tenho medo de ser magoado(a).					
16. Acho difícil confiar completamente nos outros.					
17. Os meus parceiros desejam frequentemente que eu esteja mais próximo deles do que eu me sinto confortável em estar.					
18. Não tenho a certeza de poder contar com as pessoas quando precisar delas.					

B.S.I.

L. R. Derogatis, 1993. Versão M. C. Canavarro, 1995

A seguir encontra-se uma lista de problemas ou sintomas que por vezes as pessoas apresentam. Assinale num dos espaços à direita de cada sintoma, aquele que melhor descreve o GRAU EM QUE CADA PROBLEMA O(A) INCOMODOU DURANTE A ÚLTIMA SEMANA. Para cada problema ou sintoma marque apenas um espaço com uma cruz. Por favor não deixe nenhuma pergunta por responder.

Em que medida foi afectado(a) pelos seguintes problemas:

	NUNCA	POUCAS VEZES	ALGUMAS VEZES	MUITAS VEZES	MUITÍSSIMAS VEZES
1. Nervosismo ou tensão interior					
2. Desmaios ou tonturas					
3. Ter a impressão que outras pessoas podem controlar os seus pensamentos.					
4. Sentir que os outros são culpados pela maioria dos seus problemas					
5. Dificuldade em se lembrar de coisas passadas ou recentes.					
6. Aborrecer-se ou irritar-se facilmente.					
7. Dores sobre o coração ou no peito.					
8. Medo na rua ou em espaços públicos.					
9. Pensamentos de acabar com a vida.					
10. Sentir que não pode confiar na maioria das pessoas.					
11. Perder o apetite.					
12. Sentir um medo súbito sem razão para isso.					
13. Ter impulsos que não se podem controlar.					
14. Sentir-se sozinho(a) mesmo quando está com mais pessoas.					
15. Dificuldade em fazer qualquer trabalho.					
16. Sentir-se sozinho(a).					
17. Sentir-se triste.					
18. Não ter interesse por nada.					
19. Sentir-se atemorizada.					
20. Sentir-se facilmente ofendida nos seus sentimentos.					
21. Sentir que as outras pessoas não são suas amigas ou não gostam de si.					
22. Sentir-se inferior aos outros.					
23. Vontade de vomitar ou mal-estar no estômago.					
24. Impressão de que os outros o(a) costumam observar ou falar de si.					
25. Dificuldade em adormecer.					
26. Sentir necessidade de verificar várias vezes o que faz.					

	NUNCA	POUCAS VEZES	ALGUMAS VEZES	MUITAS VEZES	MUITÍSSIMAS VEZES
27. Dificuldade em tomar decisões.					
28. Medo de viajar de autocarro, de comboio ou de metro.					
29. Sensação de que lhe falta o ar.					
30. Calafrios ou afrontamentos.					
31. Ter de evitar certas coisas, lugares ou actividades por lhe causarem medo.					
32. Sensação de vazio na cabeça.					
33. Sensação de anestesia (encortiçamento ou formigueiro) no corpo.					
34. Ter a ideia de que devia ser castigada pelos seus pecados.					
35. Sentir-se sem esperança perante o futuro.					
36. Ter dificuldades em se concentrar.					
37. Falta de forças em partes do corpo.					
38. Sentir-se em estado de tensão ou aflição.					
39. Pensamentos sobre a morte ou sensação de que vai morrer.					
40. Ter impulsos de bater, ofender ou ferir alguém.					
41. Ter vontade de destruir ou partir coisas.					
42. Sentir-se embaraçada junto de outras pessoas.					
43. Sentir-se mal no meio de multidões, como em lojas, cinemas ou assembleias.					
44. Grande dificuldade em sentir-se “próxima” de outra pessoa.					
45. Ter ataques de pânico ou terror.					
46. Entrar facilmente em discussões.					
47. Sentir-se nervoso(a) quando tem que ficar sozinho(a).					
48. Sentir-se que as outras pessoas não dão o devido valor ao seu trabalho ou às suas capacidades.					
49. Sentir-se tão desassossegado(a) que não consegue manter-se sentado(a).					
50. Sentir que não tem valor.					
51. A impressão que, se deixasse, as outras pessoas se aproveitariam de si.					
52. Ter sentimentos de culpa.					
53. Ter a impressão de que alguma coisa não regula bem na sua cabeça.					